



**PROFHISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

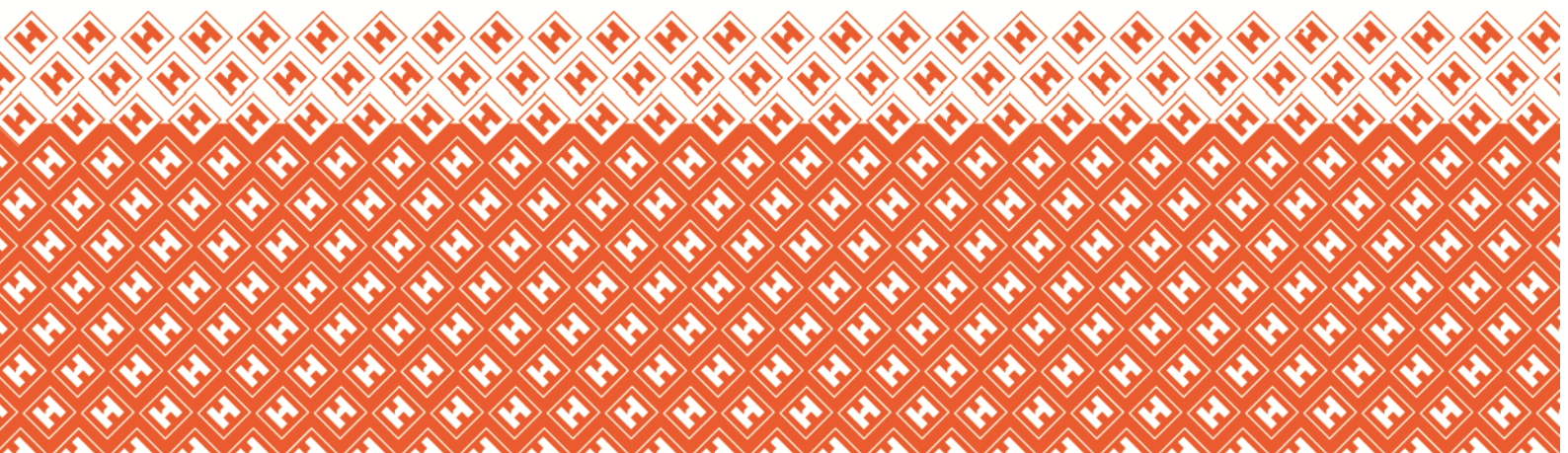
---

**JOSÉ CÂNDIDO RODRIGUES NETO**

**POR UMA VOZ DOS OPRIMIDOS NA SALA DE AULA:  
Lima Barreto o cronista das mazelas sociais da Primeira República**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

ABRIL / 2026





**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E  
ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ENSINO DE HISTÓRIA**



**JOSÉ CÂNDIDO RODRIGUES NETO**

**POR UMA VOZ DOS OPRIMIDOS NA SALA DE AULA:  
Lima Barreto o cronista das mazelas sociais da Primeira República**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História na Linha de Pesquisa Saberes Históricos no Espaço Escolar para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Martinho Guedes Dos Santos Neto

JOÃO PESSOA - PB  
2026

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

R696p Rodrigues Neto, José Cândido.

Por uma voz dos oprimidos na sala de aula : Lima Barreto o cronista das mazelas sociais da primeira república / José Cândido Rodrigues Neto. - João Pessoa, 2026.

111 f.

Orientação: Martinho Guedes dos Santos Neto.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Ensino de história. 2. Primeira república. 3. Negros. 4. Lima Barreto. I. Santos Neto, Martinho Guedes dos. II. Título.

UFPB/BC

CDU 37.091.3:94(81)"1889/1930"



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

ATA Nº 36

Aos dez dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e seis, às catorze horas e trinta minutos, através da Plataforma Google Meet (<http://meet.google.com/ohw-vtik-txj>), instalou-se a banca examinadora de dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) JOSÉ CÂNDIDO RODRIGUES NETO. A banca examinadora foi composta pelos professores Dr. George Leonardo Seabra Coelho, UFT, examinador externo à instituição, Dra. Itacyara Viana Miranda, UFPB, examinadora interna, Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto, UFPB, presidente. Após a abertura dos trabalhos, com apresentação os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, O presidente, o professor Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto, solicitou a (o) candidato (a) que iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada “Por uma voz dos oprimidos na sala de aula: Lima Barreto o cronista das mazelas sociais da Primeira República”, marcando um tempo de quinze minutos para a apresentação. Concluída a exposição, o professor Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto, presidente, passou a palavra ao professor Dr. George Leonardo Seabra Coelho, para arguir o (a) candidato (a), e, em seguida, à professora Dra. Itacyara Viana Miranda para que fizessem o mesmo; após o que fez suas considerações sobre o trabalho em julgamento; tendo sido **APROVADO** o candidato, conforme as normas vigentes na Universidade Federal da Paraíba. A versão final da dissertação deverá ser entregue ao Programa, no prazo de trinta dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora e constante na folha de correção anexa. O candidato não terá o título se não cumprir as exigências acima.

Documento assinado digitalmente



MARTINHO GUEDES DOS SANTOS NETO  
Data: 16/04/2026 18:37:59-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. MARTINHO GUEDES DOS SANTOS NETO, UFPB, Presidente

Documento assinado digitalmente



GEORGE LEONARDO SEABRA COELHO  
Data: 10/04/2026 16:39:09-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. GEORGE LEONARDO SEABRA COELHO, UFT, Examinador Externo à Instituição

Documento assinado digitalmente



ITACYARA VIANA MIRANDA  
Data: 11/04/2026 18:43:53-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. ITACYARA VIANA MIRANDA, UFPB, Examinadora Interna

JOSÉ CÂNDIDO RODRIGUES NETO, Mestrando

Documento assinado digitalmente



JOSE CANDIDO RODRIGUES NETO  
Data: 16/04/2026 15:54:13-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

## FOLHA DE CORREÇÕES

ATA Nº 36

**AUTOR: JOSÉ CÂNDIDO RODRIGUES NETO**

**Título:** Por uma voz dos oprimidos na sala de aula: Lima Barreto o cronista das mazelas sociais da Primeira República

Banca examinadora:

Prof. GEORGE LEONARDO SEABRA COELHO

Examinador Externo à Instituição

Profa. ITACYARA VIANA MIRANDA



Documento assinado digitalmente

ITACYARA VIANA MIRANDA

Data: 11/04/2026 18:44:59-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Examinadora Interna

Prof. MARTINHO GUEDES DOS SANTOS NETO

Presidente

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca examinadora:

*A Banca considerou que o trabalho constrói um bom diálogo sobre o tema, com os conceitos e com a historiografia, que dialoga com o objeto da pesquisa de forma interdisciplinar - a literatura; traz uma boa sistematização do processo de produção pedagógica a partir da obra de Lima Barreto para a sala de aula, quando propõe sequências didáticas para serem trabalhadas na sala de aula. A banca trouxe observações de ordem geral e de caráter pontual para organizar melhor o texto dissertativo, como por exemplo: relativizar algumas afirmações, aprofundar melhor as considerações finais do texto e retirar algumas repetições.*

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionadas, foram aceitas e serão cumpridas integralmente.

Prof. MARTINHO GUEDES DOS SANTOS NETO

Orientador

**DECLARAÇÃO Nº 44/2026 - PROFHISTORIA (11.00.53.06)**

Nº do Protocolo: 23074.033919/2026-16

João Pessoa-PB, 17 de Abril de 2026

**DECLARAÇÃO**

Declaramos, para os devidos fins, que o(a) aluno(a) **JOSÉ CÂNDIDO RODRIGUES NETO** foi aprovado(a) na DEFESA de DISSERTAÇÃO em PROFHISTÓRIA/PROFHISTORIA - João Pessoa - MESTRADO PROFISSIONAL do Curso de MESTRADO, no dia 10 de Abril de 2026 às 14:30, no(a) Google Meet - meet.google.com/ohw-vtik-txj, UFPB, cuja banca examinadora fora constituída pelos professores:

Doutor(a) (a) MARTINHO GUEDES DOS SANTOS NETO

(Presidente(a))

Doutor(a) (a) ITACYARA VIANA MIRANDA

(Interno(a))

Doutor(a) (a) GEORGE LEONARDO SEABRA COELHO

(Externo(a) à Instituição)

A sua DISSERTAÇÃO intitulou-se: Por uma voz dos oprimidos na sala de aula: Lima Barreto o cronista das mazelas sociais da Primeira República

*Esta declaração não exclui o(a) aluno(a) de efetuar as mudanças sugeridas pela banca nem vale como outorga de grau de MESTRADO, de acordo com o definido na Resolução 054/2024-CONSEPE.*

*(Assinado digitalmente em 17/04/2026 12:10)*

NAYANA RODRIGUES CORDEIRO MARIANO

COORDENADOR(A) DE CURSO

Matrícula: 2501989

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número:

**44**, ano: **2026**, documento (espécie): **DECLARAÇÃO**, data de emissão: **17/04/2026** e o código de verificação:

**73262eb898**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**ENSINO DE HISTÓRIA**



Dissertação intitulada *Por uma voz dos oprimidos na sala de aula: Lima Barreto o cronista das mazelas sociais da Primeira República* apresentada à Universidade Federal da Paraíba por José Cândido Rorigues Neto, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História na Linha de Pesquisa Saberes Históricos no Espaço Escolar para a obtenção do título de Mestre.

Dissertação APROVADA em 10 de Abril de 2026 pela banca examinadora:

---

Prof. Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto  
Universidade Federal da Paraíba  
Orientador

---

Profª. Dra. Itacyara Viana Miranda  
Universidade Federal da Paraíba  
Examinadora Interna

---

Prof. Dr. George Leonardo Seabra Coelho  
Universidade Federal do Tocantins  
Examinador Externo

Dedico este trabalho a todos aqueles que de alguma forma contribuíram com minha formação, em especial minha esposa, minha mãe (*In memoriam*), minha tia e minha avó (*In memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares por toda dedicação e carinho para comigo.

Aos meus amigos por todo o companheirismo e pelos momentos de diversão juntos.

Aos meus colegas de mestrado por compartilharem cada momento, tanto de estudo quanto de descontração.

Ao amigo Alexsandro, por suas discussões e pelas conversas enriquecedoras, amizade de mestrado que levarei para a vida,

Aos meus professores por toda dedicação e por serem os responsáveis pela minha formação.

Aos meus alunos, que motivam minha vontade de sempre querer saber mais um pouco.

Ao meu orientador Prof. Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto, por ter contribuído com esta etapa da minha formação, aceitando me orientar e sempre fazendo valiosas considerações e sugerindo importantes direcionamentos à pesquisa.

Ao Prof. Dr. George Leonardo Seabra Coelho, que muito contribuiu com este trabalho, sugerindo leituras e fazendo valiosas ponderações.

À Professora Dra. Itacyara Viana Miranda, que participou de minha banca de qualificação, e desde as disciplinas do mestrado vem sugerindo importantes itinerários para minha pesquisa.

A minha amiga Maria Cláudia Coutinho, pela sua colaboração e pelas valiosas considerações acerca do meu trabalho.

A minha prima Duzinha e toda sua família por terem me acolhido tão calorosamente em sua casa sempre que precisei.

Ao professor João Condado por ter feito um primoroso trabalho de revisão ortográfica.

A Toinha e família por sempre acreditarem em meu potencial.

À minha irmã Maria Eduarda, por seu companheirismo.

À minha esposa Maria Júlia Bento Rodrigues por sempre estar ao meu lado.

“O Brasil não tem povo, tem público.” (Lima Barreto)

## RESUMO

O presente trabalho é de natureza bibliográfica e visa construir uma interpretação sobre a condição dos negros durante o período da Primeira República, a partir da obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, escrita por Lima Barreto, direcionando nossa interpretação para a construção de uma ferramenta pedagógica, que será uma sequência didática. Esperamos que esse trabalho, por meio da ferramenta pedagógica desenvolvida, possibilite a consecução de aulas de história que busquem romper com a visão de grupos hegemônicos e possibilite uma história vista de baixo, dando visibilidade a grupos até então marginalizados pela historiografia tradicional. Diante de tal intento, procuramos discutir os elementos utilizados por Lima Barreto para abordar a questão da exclusão dos negros no período da Primeira República; ao passo em que, buscaremos apresentar abordagens que, utilizadas em sala de aula, podem contribuir com uma visão menos hegemônica e mais plural da história. Além de utilizar o livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, como corpus desse trabalho, utilizamos outras obras de Lima Barreto, como *Crônicas escolhidas* (1995) e *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (2004). Utilizamos obras de autores que estudaram a vida e a obra de Lima Barreto, além de seu contexto histórico, tais como Prado (1989), Lilia Schwarcz (2017) e Barbosa (2017). Também utilizamos os conceitos de Thompson (2001) e Sharpe (1992), sobre a história vista de baixo e os pressupostos de Walter Benjamin (1985), de dar visibilidade aos esquecidos. Com efeito, buscamos que este trabalho possa contribuir com a interpretação do período da Primeira República, utilizando a literatura de Lima Barreto como fio condutor para uma história mais plural em sala de aula.

**Palavras-chave:** Ensino de história. Primeira República. Negros. Lima Barreto.

## ABSTRACT

This work is bibliographic in nature and aims to construct an interpretation of the condition of Black people during the First Republic period, based on the work *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (Memoirs of the Scribe Isaías Caminha), written by Lima Barreto, directing our interpretation towards the construction of a pedagogical tool, which will be a didactic sequence. We hope that this work, through the pedagogical tool developed, will enable the delivery of history lessons that seek to break with the vision of hegemonic groups and allow for a history seen from below, giving visibility to groups that have been marginalized by traditional historiography. Given this intention, we seek to discuss the elements used by Lima Barreto to address the issue of the exclusion of Black people during the First Republic period; while also presenting approaches that, when used in the classroom, can contribute to a less hegemonic and more pluralistic view of history. In addition to using the book *Recordações do Escrivão Isaías caminha* as the corpus of this work, we also used other works by Lima Barreto, such as *Crônicas escolhidas* (1995) and *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (2004). We used works by authors who have studied the life and work of Lima Barreto, as well as his historical context, such as Prado (1989), Lilia Schwarcz (2017), and Barbosa (2017). We also used the concepts of Thompson (2001) and Sharpe (1992) on history seen from below, and Walter Benjamin's (1985) assumptions of giving visibility to the forgotten. In effect, we hope that this work can contribute to the interpretation of the First Republic period, using Lima Barreto's literature as a guiding thread for a more pluralistic history in the classroom.

**Keywords:** History teaching. First Republic. Black people. Lima Barreto.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO 1: A LITERATURA COMO FORMA DE ROMPER COM UMA VISÃO HEGEMÔNICA DA HISTÓRIA.....</b>	<b>12</b>
<i>1.1 A importância do ensino de História para os dias atuais.....</i>	<i>12</i>
<i>1.2 A influência de uma história positivista em sala de aula.....</i>	<i>14</i>
<i>1.3 O uso da literatura como fonte histórica recurso metodológico.....</i>	<i>20</i>
<i>1.4 Trazendo a literatura de Lima Barreto para a sala de aula.....</i>	<i>30</i>
<b>CAPÍTULO 2: A LITERATURA COMO MISSÃO: O descaso dos governantes e a condição do negro na Primeira República, a partir da literatura de Lima Barreto.....</b>	<b>34</b>
<i>2.1 O papel da arte/literatura na sociedade.....</i>	<i>34</i>
<i>2.2 A literatura de Lima Barreto como denunciante de mazelas sociais da Primeira República.....</i>	<i>42</i>
<i>2.3 Por entre escritos literários: pensar o negro na Primeira República.....</i>	<i>49</i>
<i>2.4 A condição do Negro no romance Recordações do escrivo Isaiás Caminha.....</i>	<i>58</i>
<b>CAPÍTULO 3: A LITERATURA DE LIMA BARRETO COMO FERRAMENTA DIDÁTICA: criando um instrumento pedagógico para as aulas de história.....</b>	<b>73</b>
<b>SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....</b>	<b>77</b>
<b>AULA 1.....</b>	<b>82</b>
<b>AULA 2.....</b>	<b>84</b>
<b>AULA 3.....</b>	<b>86</b>
<b>AULA 4.....</b>	<b>89</b>
<b>AULA 5.....</b>	<b>92</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICE 1.....</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE 2.....</b>	<b>107</b>

## INTRODUÇÃO

Ainda é possível perceber que a visão linear da história continua presente nas aulas dessa disciplina, conforme Oriá (2014), isto pode ser decorrente da herança positivista na educação, que apresenta uma história pouco questionadora e marcada por grandes acontecimentos e feitos heroicos, de um grupo restrito. Frente a esse contexto, e como problemática de ensino, de nossas aulas, temos notado que um número considerável de estudantes ainda apresenta a visão de que a história é feita por grandes personalidades e grandes heróis e que o historiador busca apenas narrar acontecimentos grandiosos do passado, como guerras e revoluções. Tal visão nega os indivíduos comuns como agentes da história e cai em um reducionismo que privilegia apenas uma história hegemônica.

Diante de tal panorama, buscamos analisar a literatura de Lima Barreto, como contraponto ao ensino de uma história linear, hegemônica e que privilegia grandes nomes e seus feitos. Pois como dito por Prado (1989), Lima Barreto fazia de sua escrita uma forma de engajamento social, denunciando as injustiças sociais e as contradições presentes em seu contexto histórico, o período da Primeira República. Schwarcz (2017) ainda nos lembra que Lima Barreto se insurgiu em sua época contra um projeto nacional que prometia igualdade, mas que entregava apenas exclusão, e buscou combater diversas formas de preconceito por meio de sua literatura. Prefaciando a obra de Prado (1989), Antonio Candido nos diz que as posições ideológicas de Lima Barreto se transformaram em composições literárias.

Destarte, acreditamos que o estudo da obra de Lima Barreto pode contribuir com uma história que ouve diversas vozes, sobretudo daqueles que foram negligenciados pelas instituições da Primeira República. Em conformidade com isso, Santiago (2008) nos diz que Barreto foi um biógrafo dos excluídos. Acreditamos que isto está em consonância com uma perspectiva de uma história vista de baixo, conforme os pressupostos de Thompson (2001), que busca construir uma história das pessoas comuns e Jim Sharpe (1992), que defende que a história deve utilizar diversas fontes e analisar diversas perspectivas.

Diante do exposto, a presente dissertação busca utilizar a Literatura de Lima Barreto, como fonte histórica, para mostrar as rupturas existentes no projeto nacionalista proposto na Primeira República. Buscaremos evidenciar, a partir da literatura desse autor, alguns problemas sociais e reivindicações de grupos excluídos pela historiografia da época. A condição dos negros na Primeira República será o tema em foco nesse trabalho. Frente a esse contexto, buscaremos responder aos seguintes questionamentos: Quais abordagens, utilizadas em sala, contribuem com uma visão hegemônica menos plural da história? Quais elementos são

utilizados por Lima Barreto para abordar a questão da exclusão dos negros no período da Primeira República, e que podem ser discutidos em sala de aula? De que forma a literatura desse autor pode se apresentar como alternativa a uma historiografia hegemônica, servindo como recurso didático para as aulas de história?

Diante dessa problemática, propomos a seguinte estrutura de pesquisa: a) no primeiro capítulo mostraremos os impactos de um ensino de história pautado em um projeto positivista e elitista, e suas consequências ainda na atualidade; b) em seguida, no segundo capítulo, apresentaremos a literatura de Lima Barreto como contraponto de uma visão harmônica da história, problematizando a ideia de ordem e progresso da Primeira República e apontando para as contradições de tal período; c) por fim, no terceiro capítulo, apresentaremos uma sequência didática utilizando a literatura de Lima Barreto como fonte de estudo histórico e ferramenta didática para o ensino de história, por entendermos que a linguagem desse escritor pode promover grande sensibilização para os temas estudados.

Estudar Lima Barreto pode ser uma importante chave de interpretação de seu tempo. Como dito por Prado (1989), ler a obra literária de Lima Barreto consiste em um importante exercício de reflexão histórica. Lima Barreto sempre foi uma voz crítica do seu tempo, destoando da pretensão de progresso, oriunda do espírito positivista que servia de escopo filosófico para os ideais de nação propostos pela Primeira República Brasileira. Também acreditamos que esse trabalho possa contribuir com uma mentalidade da história que compreenda o fazer histórico como algo cotidiano e produto de diversos sujeitos, não apenas de grandes personalidades.

O uso da literatura como fonte de estudo da história e recurso didático para o seu ensino pode potencializar a compreensão do educando acerca dos temas estudados, já que a literatura tem grande poder de comunicação. Assim, a fonte básica de nosso trabalho será a literatura de Lima Barreto, a qual utilizaremos para interpretar e apontar as tensões sociais da Primeira República. Nesse sentido, utilizaremos as seguintes obras deste autor: *O triste fim de Policarpo Quaresma* (2004), *Crônicas Escolhidas* (1995) e *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (2019), sendo este último a fonte principal de nosso trabalho, e através desse corpus buscaremos abordar o tema da condição dos negros na Primeira República. A escolha desse romance se deve à profundidade crítica na qual o autor retrata a condição das pessoas negras, durante o período da Primeira República.

Como recursos propedêuticos para empreender a análise do texto literário de Lima Barreto, também recorreremos à fortuna crítica do autor estudado através das seguintes obras: *Lima Barreto: Triste Visionário* (2017), de Lilia M. Schwarcz, em que essa autora traça um

quadro biográfico do autor, relacionando suas ideias aos principais acontecimentos e temas de seu contexto. Também utilizaremos as obras *Lima Barreto: o crítico e a crise*, de Antonio Arnoni Prado (1989) e *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* (1989), de Nicolau Sevcenko, essas obras trançam um panorama conceitual em torno das discussões empreendidas pela literatura de Lima Barreto, relacionando tais discussão ao panorama político da época.

Como subsídios históricos, utilizaremos obras que nos permitam aprofundar a compreensão do contexto histórico de Lima Barreto, tais como: *Quem fomos nós no século XX: as grandes interpretações do Brasil*, de Alberto da Costa e Silva (2000); *História concisa do Brasil*, de Boris Fausto (2009); *Brasil: Uma biografia*, de Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling (2015) e *A vida de Lima Barreto*, biografia escrita por Francisco de Assis Barbosa (2017). Acreditamos que tais textos nos permitem adentrar nas discussões historiográficas referentes à Primeira República (1889-1930), percebendo as modificações e as permanências desse novo regime, em relação ao período imperial.

Em torno das discussões de ensino de história em sala de aula, utilizaremos como referência os trabalhos de Ricardo Oriá (2014), Cleber Santos Vieira (2012), Beatriz Santos (2015), Maria Aparecida Toledo (2016), Rosângela Faustino e Célia Gasparin (2001), pois tais autores refletem sobre a criação da disciplina história, sua herança positivista e os impactos disso para os dias atuais. Utilizaremos Paulo Freire (2014) e Libâneo (1994) para nos aprofundarmos nas questões didáticas do ensino. E também faremos uma breve discussão sobre o uso da literatura como fonte histórica, a partir dos pressupostos de Pesavento (2003) e Xavier (2010).

Nesse trabalho, utilizaremos o método analítico, uma vez que buscaremos analisar o contexto histórico da Primeira República à luz dos textos literários de Lima Barreto, valendo-se de obras historiográficas que permitirão traçar um panorama do contexto histórico estudado. Como referencial, adotaremos a perspectiva de Walter Benjamin (1985): de dar visibilidade aos grupos excluídos pela historiografia. Também partiremos das discussões empreendidas por Jim Sharp (1992) sobre a história vista de baixo, termo cunhado por Edward Palmer Thompson (2001).

Diante do exposto, esperamos que esse trabalho possa contribuir de maneira lúdica e consistente com o ensino de história, utilizando a literatura como fonte de análise e estudo da história.

# CAPÍTULO 1

## A LITERATURA COMO FORMA DE ROMPER COM UMA VISÃO HEGEMÔNICA DA HISTÓRIA

### *1.1 A importância do ensino de História para os dias atuais*

Acreditamos que os desafios do mundo contemporâneo, marcado por mudanças e por inovações, exigem da escola a formação de indivíduos críticos e capazes de refletirem sobre a realidade circundante. A escola precisa contemplar a formação dos indivíduos para os diversos âmbitos da vida humana, seja para a aquisição de conhecimentos fundamentais para o mundo do trabalho, seja no exercício da vida cidadã. Bem mais do que transmitir conhecimentos, é papel da escola instigar os indivíduos para serem pensantes e autônomos. Horn e Germinari (2009) defendem que as escolas devem se comprometer com um ensino crítico, capaz de promover mudanças estruturais em uma sociedade hegemônica. Para tanto, o currículo deve estar voltado para a construção de ferramentas de análise social, que possibilitem ao educando um potente exercício de reflexão de sua própria existência e da sociedade que o cerca.

Como dito por Libâneo (1994), a escola não pode ser responsável apenas por adaptar o indivíduo à sociedade, mas precisa torná-lo apto para lutar pela transformação de seu contexto social. Partindo dos pressupostos de Paulo Freire (2014), acreditamos na importância de formar o indivíduo para ser atuante em seu mundo de vivências. Esse importante educador pernambucano nos mostra que ensinar não é simplesmente transmitir conhecimentos, mas criar possibilidades para sua construção. Além disso, pensar certo demanda profundidade na interpretação dos fatos.

Diante de tais desafios, acreditamos que o ensino de história é uma valiosa ferramenta para a formação dos indivíduos, para os diversos âmbitos da vida humana. O estudo da história nos permite comparar diferentes temporalidades, de maneira crítica, oferecendo ferramentas de leitura para o nosso presente, no qual passamos a compreender melhor os processos de continuidade e ruptura que ocorrem ao longo do tempo, e as motivações de tais processos. Conforme (Barreto, Silva e Nascimento, 2019), pretendemos mostrar para o estudante a história como um saber que pode ampliar sua visão de mundo e possibilitar a análise de diversos fatos com um olhar crítico, comparando diferentes temporalidades, ressaltando que a história também é um conhecimento marcado por limitações e pela busca de aprimoramento.

Sobre a importância da história, na visão de mundo do educando, Picoli e Cavanna (2021) defendem que ao evidenciar a existência de passados distantes, com culturas diferentes e diversas, a aula de história pode ser um espaço aberto à pluralidade, pois ressalta a diversidade existente no mundo em diferentes espaços e temporalidades, mostrando que tal diversidade pode ocorrer inclusive nos dias atuais. Em uma conferência, contida na obra *Nova História* (1991), Michel Certeau fala sobre a ausência da história nos currículos escolares, as seguintes palavras: “[...] a ausência ou esbatimento da História nas escolas priva os estudantes da possibilidade de simbolizar o seu lugar, de situar-se numa complexa rede de forças e de analisar as suas relações”. (p. 13). Conforme dito, por esse importante historiador, a história, enquanto disciplina escolar, tem um papel ímpar na formação do educando, propiciando a ele pensar e simbolizar, de maneira crítica, seu lugar no mundo, dentro de um amplo contexto, marcado por relações complexas. Através da história o estudante pode vislumbrar diferentes temporalidades, e agentes históricos, relacionando-os, comparando-os e encontrando seu lugar diante de tudo isso. Privar o estudante dessa ferramenta de reflexão, seria um cerceamento de sua formação.

Não obstante, a partir dos pressupostos de Adorno, Picoli e Cavanna (2021) defendem que a aula de história não pode ser centrada nos desejos do aluno, pois estes podem ser reflexo de um mundo capitalista, que reduz tudo a mercadoria a ser monetizada e quantificada. Esses autores ainda defendem que atender de maneira acrítica aos desejos dos estudantes pode significar o fim da escola como espaço de pluralidade. Reforçando essa ideia, Libâneo (1994) nos alerta que, quando a aprendizagem se baseia apenas nos interesses dos alunos, ela se torna dispersa e não sistematizada. Esse autor ainda nos diz que a aprendizagem não pode resultar apenas das necessidades ou preferências do educando, mas acontece por meio do contato com os conhecimentos e atividades vindos de fora, que são provenientes da experiência acumulada ao longo do tempo pelas inúmeras gerações. Podemos compreender tais saberes, que são construídos historicamente, como sendo os conteúdos escolares. Na visão de Libâneo (1994), a escola deve propiciar a assimilação de conteúdos que contribuem para o desenvolvimento das capacidades intelectuais, uma vez que a missão do ensino é propiciar o tráfego do senso comum para o saber sistematizado.

De tais pressupostos, decorre que precisamos levar em consideração os anseios e desejos de nossos alunos, no entanto, o professor precisa ter um olhar de criticidade em torno disso, é preciso considerar os conhecimentos prévios do alunado, mas também em algumas situações é preciso confrontar o educando com situações novas e inquietadoras, que suscitem a reflexão e causem rupturas. Muitas vezes, estudar história significa desnaturalizar aquilo que temos como natural e repensar crenças que até então estavam sedimentadas e dogmatizadas. A história, em

dados momentos, tem o papel de causar estranheza e desconforto, para que isto potencialize o ato de pensar e criticar.

Diante do exposto e a partir dos pressupostos de Freire (2014 e 1979) e Libâneo (1994), acreditamos que uma educação que se dá por meio do esvaziamento dos conteúdos incorre no erro de tornar a aprendizagem superficial e destituída de criticidade. Não defendemos uma educação que visa transmitir os conteúdos de maneira linear, acrítica e distanciada da realidade, como criticada Paulo Freire, ao invés disso, compreendemos que uma educação consistente precisa mobilizar os conteúdos, que podem ser compreendidos como sendo os saberes historicamente construídos, em prol do pensamento crítico, que propiciará a tomada de consciência por parte dos educandos.

Frente ao desafio de propiciar uma educação crítica e reflexiva, que dialogue com os saberes historicamente constituídos, nesse capítulo discutiremos sobre o ensino de história e estratégias para tornar o ensino mais lúdico, plural e fugir de uma visão hegemônica da história. Buscaremos indicar de que forma a literatura, aqui compreendida como fonte histórica, pode tornar o ensino de história mais atraente para o educando, promovendo maior capacidade imaginativa e incentivando a autonomia do estudante. No tópico subseqüente discutiremos a influência do positivismo nas aulas de história, e os impactos disso em um ensino de história que se pautou por uma visão hegemônica da história.

### *1.2 A influência de uma história positivista em sala de aula*

Faustino e Gasparin (2001) defendem que a sociedade contemporânea é resultado da organização social que se promoveu no final do século XVIII, tendo o capitalismo como grande pilar estruturante e também a forte influência do positivismo, sobretudo na educação e no ensino de história.

O positivismo em sua sanha de explicar a sociedade através de uma linha ascendente de progresso, acabou por ocultar as idiosincrasias e rupturas existentes na sociedade, por vezes promovendo a exclusão da diversidade e o silêncio de vozes oprimidas. Basta lembrar que a reivindicação dos trabalhadores criava uma constante instabilidade nas instituições burguesas. Como dito por Faustino e Gasparin:

Com o crescimento da indústria e as novas descobertas que incrementaram o desenvolvimento da ciência, criou-se a idéia de um progresso contínuo da sociedade. A idéia de que a finalidade do mundo era esse progresso ininterrupto fazia com que fossem rejeitadas todas as manifestações que ameaçassem esse processo. (Faustino, Gasparin, 2001, p. 157)

Para tornar convincente a ideia de evolução ascendente, o positivismo deveria silenciar a voz dos oprimidos, varrendo para debaixo do tapete as injustiças sociais, e a vulnerabilidade de grupos excluídos, calando as reivindicações de tais grupos. Tal contexto também foi marcante em nosso país, onde era preciso esconder que a pretensa ideia de ordem e progresso, estampada em nossa bandeira, não atendia a todos. Segundo (Faustino, Gasparin, 2001), a educação positivista teve grande impacto em nosso currículo, e ainda hoje suas marcas são sentidas. Como nos lembra Toledo (2016), a institucionalização do estado brasileiro também institucionaliza a história e o seu ensino, pois o nascimento da disciplina história foi fundamental para dar escopo ao discurso de nação.

De acordo com (Faustino, Gasparin, 2001), a educação universal defendida pelo positivismo de Auguste Comte tinha como meta fomentar a conciliação social e a hierarquia estabelecida pela sociedade. Comte julgava que o povo não estava preparado para exercer o poder político, mas apenas participar do poder moral. Nessa perspectiva de educação, os saberes devem ser acumulados sem serem discutidos. Diante disso, podemos inferir que o positivismo enfraquece a capacidade de ação do indivíduo, inviabilizando uma transformação da sociedade e mantendo o Status Quo vigente. Sendo assim, o positivismo age como uma ideologia conservadora que tem por objetivo domesticar os indivíduos ao sistema vigente, que no caso é o sistema capitalista. Nesse sentido, a concepção positivista de educação entende que:

O tempo positivo é linear e evolutivo, rumando em direção à ordem e ao progresso social, por isso se dá muita ênfase a alguns acontecimentos passados, aqueles que se referiam a grandes batalhas, aos grandes heróis. A história vista dessa forma apresenta um real opaco, morno, como se todas as transformações importantes já tivessem acontecido em um passado remoto. O tempo presente é um tempo de calma, que segue tranquilamente para um fim que já está anunciado: o progresso e a felicidade das nações. (Faustino, Gasparin, 2001, p. 165)

Faustino e Gasparin (2001) defendem que os impactos da concepção positivista na educação são sentidos ainda hoje. A defesa do ideal positivista acontece sobretudo através de uma narrativa histórica que se prende a enunciação de feitos heroicos, grandes manobras políticas de estadistas e acontecimentos marcantes, que ocorrem de maneira linear, ascendente e progressiva, sem levar em consideração as fissuras e dissonâncias presentes em cada momento histórico. Isso contribuiu com uma mentalidade acrítica, que não era capaz de enxergar o campo de embates presentes no seio da sociedade. Faustino e Gasparin (2001) corroboram com essa ideia, pois para esses autores essa mentalidade, parece ser ainda arraigada nos estudantes e professores do ensino básico. Podemos perceber isto quando os professores propõem uma história pautada por grandes feitos heroicos e acontecimentos colossais. Tal história é ensinada por meio da memorização de nomes e datas, sem a inserção de situações problema. Segundo

Maria Aparecida Toledo (2016), o método de ensino de história no Brasil foi construído no escopo do império e cristalizou conteúdos e abordagens de ensino, é preciso problematizar esse método e propor novos recortes e abordagens.

Oriá (2014) nos mostra que em 1891 surge a ideia de criação de um panteão nacional, para o cultivo cívico de grandes homens da pátria e a criação de uma memória nacional. Essa discussão surgiu no bojo da primeira constituinte republicana. Com efeito, a construção de um cânone ligado a datas comemorativas e feitos heroicos está a serviço de uma memória nacional e cívica, utilizada para criar um sentimento de pertencimento entre cidadãos da república recém instituída.

Neste panorama, podemos dizer que a república necessitava de símbolos e signos para sua legitimação perante a sociedade.

O Congresso Constituinte republicano punha em prática, dessa forma, o princípio positivista de veneração cívica através do culto a homens ilustres em substituição à adoração dos santos católicos, erguendo-lhes um panteão do mesmo modo que tradicionalmente se erguiam templos às divindades míticas religiosas. Seguiam, assim, o princípio de Augusto Comte de que “os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos”. (Salgueiro, 2008, p.100 apud Oriá, 2014, p. 44)

Os heróis são símbolos e representam a concretização de ideias. Eles criam identificação por parte da população e legitimam determinados sistemas políticos. Como dito Por Carvalho (1990)

Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime político que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico. (Carvalho, 1990, p.55)

Dentro dessa perspectiva, muitos livros didáticos que enalteciam as grandes personalidades nacionais se tornaram canônicos e passaram a ser leitura obrigatória nas escolas da Primeira República. Isso criou uma verdadeira tradição em torno de tais cartilhas. Assim, os livros didáticos se tornaram verdadeiros espaços de um grupo seletivo e elitista. Oriá (2014) nos alerta que essa sacralização em torno de nomes e datas acaba recaindo em uma prática muito excludente, já que sua maioria era composta por homens brancos e não haviam praticamente mulheres e representantes de outras minorias. Como dito por Walter Benjamim, em seu texto sobre o conceito da história (1985), “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie”. Ou seja, os panteões e monumentos tornam-se construções narrativas que promovem silenciamentos e apagamentos, atos de violência contra a memória daqueles que não estão ao lado dos vencedores da história.

Em conformidade com essa discussão, Vieira (2012) nos mostra que durante a Primeira

República teve início um paradigma de ensinar história por meio de biografias, concepção denominada de *História Magistra Vitae* e que remonta a Cícero. Tal paradigma vigorou no início da Primeira República e tinha o objetivo de despertar o ensino patriótico e fazer com que os indivíduos assimilassem valores nacionais a partir do exemplo de grandes feitos heroicos. Para levantar essa discussão, Vieira (2012) analisa duas obras de ensino de história do início da Primeira República, são elas: *História do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis* (1890), de autoria de Silvio Romero; e *A História de São Paulo pela biografia de seus nomes mais notáveis* (1895), escrita por Tancredo Amaral. Ao analisar as duas obras, Vieira (2012) defende que elas tinham esse papel de dar relevância a grandes nomes da história e ensinar o civismo a partir de seus exemplos. Sobre isso, Tancredo Amaral, autor de um desses livros, que exaltavam os grandes vultos nacionais, escreveu:

A história de um povo, porém, que é, senão a história dos seus grandes homens, dos seus vultos mais notáveis, que têm trabalhado pelo ideal humano, que é o aperfeiçoamento sempre crescente, o progresso em uma palavra? Que é a história de um país senão o esforço próprio e individual de cada um, empregando a sua inteligência e o seu labor nos diversos ramos da atividade humana para elevar o seu torrão natal, a sua pátria para honrar a humanidade. (Amaral, 1895, p.17 apud Vieira, 2012, p. 330)

Com essa fala percebemos de que forma a concepção *História Magistra Vitae* se colocava como força presente no ideário republicano, que tinha a pretensão de ensinar a civilidade a partir de feitos heroicos, supervalorizando algumas personalidades nacionais.

Esse panorama nos leva a concluir que o ensino de história do século XIX prezava por contar uma história linear, marcada por mitos de fundação e grandes marcos civilizatórios. Tal concepção de história estava alinhada à legitimação do discurso homogeneizante do estado nacional.

Nesse contexto, a escrita da história negligenciava grupos que não faziam parte dos poderes hegemônicos. Como dito por Santos (2015), a institucionalização da história e do ensino de história ocorreu na esteira da legitimação do estado brasileiro no século XIX. Assim, a história servia a uma narrativa de nação que legitimava o império e mais tarde a Primeira República. Tal concepção buscava dar ênfase a uma história hegemônica, criando um panteão nacional de mitos. Nesse escopo, a proposta de formação do colégio Pedro II buscava formar o cidadão para servir a esse projeto de nação, introjetando-lhe os valores nacionais, religiosos e morais, convenientes à ideia de nação. Tal discurso ainda teve sua continuidade em épocas posteriores, Katia Maria Abud (1998) nos lembra que a educação em história de 1931, período do Estado Novo, tinha o objetivo de formar o cidadão e o sentimento nacional. Buscava-se formar a unidade de um Brasil único. A uniformização era perpassada pelo sentimento de

unidade nacional, o que facilitaria a direção das massas pelas elites. A autora ainda diz que nesse escopo três pilares alicerçavam a unidade nacional brasileira: unidade étnica; unidade administrativa e territorial, unidade cultural.

Essa forma homogeneizante e hegemônica de ensinar história, segundo Santos (2015), chamava-se história dos acontecimentos, e vigorou por boa parte da história republicana de nosso país, tendo ainda reflexos no ensino de história dos dias atuais. Toledo (2016) critica a pedagogia tradicional do ensino de história, por ela estimular os estudantes a decorarem nomes, datas, fatos e locais, deixando de lado a reflexão.

Segundo Mathias (2011), no início do século XIX o ensino de história estava pautado por uma didática que se baseava em uma narração factual, que elegia grandes personagens e grandes acontecimentos e mitos fundadores. Essa perspectiva era excludente, uma vez que silenciava grande quantidade de vozes, principalmente as vozes das minorias e dos oprimidos. Esse ensino ganha força em 1837, com o estabelecimento do Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro. Mathias (2011) chama essa abordagem de história historicizante, e diz que ela ensina através de um enfoque cronológico e sequencial, através de uma pretensa verdade factual. Mathias (2011) ainda nos lembra que a 3ª geração dos Annales buscou incorporar atores sociais até então desprezados pela história historicizante. Temas como cotidiano, família e festas emergem a partir dessa nova perspectiva.

Frente a esse contexto, acreditamos que a concepção historicizante vigorou por muito tempo em nosso país e seus efeitos ainda podem ser sentidos no ensino de história. Em conformidade com isso, Oriá (2014) nos diz que a historiografia tradicional valorizou, por muito tempo, a figura do herói, o que trouxe um grande prejuízo para a história do Brasil e a cultura nacional. Essa visão heroica da história nega aos indivíduos uma noção de que eles também são agentes de transformação da sociedade e, portanto, agentes históricos. Fonseca (2003) nos lembra que as concepções de história, pautadas nos feitos heroicos de grandes indivíduos, ao exaltarem o herói anulam o homem comum como sujeito histórico, tornando a história determinista. Essa mesma autora ainda nos diz que essa visão homogeneizante e positivista da história se fortaleceu em nosso país no período da Ditadura Militar.

Acreditamos que essa visão heroica da história também cria no imaginário do povo brasileiro a figura do salvador da pátria, que seria um herói redentor da nação, um super governante capaz de resolver todos os problemas sociais e redimir a pátria de seu passado problemático, conduzindo-a a um futuro promissor e glorioso.

Oriá (2014) também nos lembra que a historiografia contemporânea considera que todos nós fazemos história, todos nós somos sujeitos históricos, pois a história é um processo de

construção coletiva. Partido dessa perspectiva, no próximo tópico desse trabalho, iremos discutir sobre o uso da literatura como fonte histórica, como forma de se contrapor a uma visão homogênea e hegemônica da história, apontando caminhos didáticos para que, por meio da literatura, possamos alcançar um ensino de história mais plural e que dê vazão a diversos sujeitos da história, já que a historiografia e o ensino de história do início da República varria para debaixo do tapete os problemas sociais enfrentados por grande parte da população, sobretudo os grupos mais vulneráveis, como as classes sociais mais pobres e os escravizados recém libertos.

Fonseca (2003) diz que a concepção positivista de ensino da história se tornou uma herança de longas datas em nosso país. Em conformidade com Oriá (2014), Faustino e Gasparin (2001), acreditamos que tal concepção ainda tem impacto nos dias atuais, e pode ser considerada um dos fatores de incentivo a uma história hegemônica e linear. Acreditamos que essa noção da história além de ser equivocada e excludente ainda contribui com o desinteresse dos estudantes diante das aulas de história, pois tais aulas passam a dar primazia a linearidade dos acontecimentos e a repetição, tornando-se desestimulantes e enfadonhas, por não propiciarem o debate de ideias e a participação efetiva e autônoma do discente.

Vale ressaltar que ao discutir os efeitos do positivismo no ensino de história não estamos sugerindo que esta seja a única influência em tal ensino, muito menos a única responsável por práticas tidas como equivocadas. Também não buscamos fazer uma extensa explanação sobre esse tema. Ao discutir o positivismo na educação, buscamos apenas apontar um dos elementos responsáveis por uma visão linear e unívoca da história, o que pode desembocar em práticas que tornam a história homogênea e negam a historicidade de diversos sujeitos históricos.

Buscando se contrapor a essa noção de ensino de história, acima apresentada, seguiremos a concepção de Walter Benjamin (1985), explanada por Gagnebin (2009), de dar visibilidade àquilo que a historiografia de épocas passadas procurou ocultar. Como dito por Benjamin (1985), é preciso “escovar a história a contrapelo” e também superar a tradição de conformismo presente em cada época. Benjamin (1985) também nos diz que o objeto da história não pode ser a construção de um tempo homogêneo, mas um tempo repleto de “agoras”. Disso decorre que é preciso olhar para o presente e reconhecer as marcas deixadas pelo passado, pois a ideia de progresso da humanidade é inseparável de um tempo vazio. Assim, percebemos que os pressupostos de Benjamin (1985) nos dão subsídios para fugir de uma história hegemônica, feita pelos vencedores.

Em conformidade com Mathias (2011) também partiremos dos pressupostos da 3ª geração dos Anales, de dar visibilidade aos sujeitos até então esquecidos e negligenciados pela história

e da visão de história vista de baixo, cunhada por E. Thompson (2001). Esperamos com isso tornar nossas aulas de histórias um espaço efervescente de debate de ideias, de valorização da criatividade do estudante e promoção da diversidade cultural e de pensamento.

### *1.3 O uso da literatura como fonte histórica e recurso metodológico*

O estudioso da didática Luiz Carlos Libâneo, em sua obra *Didática* (1994), nos diz que a educação brasileira foi marcada por uma concepção de ensino em que o aluno exercia um papel passivo na aprendizagem, colocando-se como mero receptor de um conhecimento que seria despejado pelo professor. Isso se distancia de uma educação que tenha sentido para o estudante, como propõe o educador Paulo Freire (2014).

Essa educação que é pautada na transmissão mecânica de conteúdos ainda é uma realidade na educação brasileira e distancia o educando do gosto pelo saber. Diante de tal panorama, podemos dizer que muitas aulas de história estão inseridas nessa perspectiva, e se tornam espaços da mera repetição de informações tidas como inquestionáveis, impossibilitando a reflexão crítica dos temas históricos. Bittencourt (2008) também nos diz que a memorização ocupou por muito tempo o papel central no ensino de história em nosso país, relegando à educação em história quase que unicamente o papel de memorizar datas e acontecimentos passados. Além disso, também destacamos os impactos de uma educação histórica fortemente influenciada pela visão positivista, conforme discutido no tópico anterior. Frente a essa situação, pensamos em conformidade com Medeiros (2005), que defende a necessidade de a escola refletir sobre suas práticas, e buscar novos caminhos procedimentais e metodológicos, principalmente em um contexto de mundo onde as transformações se dão cada vez mais em ritmo acelerado. Essa autora defende como uma das possíveis estratégias a incorporação de diferentes linguagens no ensino de história, sendo uma destas a literatura, à qual nosso trabalho irá se deter.

Diante de tal panorama, o presente trabalho tem a intenção de apresentar a literatura de Lima Barreto como uma potente fonte histórica e metodológica para as aulas de história. Como dito por Sevcenko

Se a literatura moderna é uma fronteira extrema do discurso e o prosaísmo dos desajustados, mais do que o testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a revelação dos seus focos mais candentes de tensão e mágoa dos aflitos. Deve traduzir no seu âmago mais um anseio de mudança do que os mecanismos de permanência. (1989, p. 20)

Em conformidade com as palavras acima, acreditamos que a literatura de Lima Barreto

era revestida de um desejo de mudança e uma busca por justiça social. Nisso consiste seu engajamento. Acreditamos que a literatura engajada desse escritor possa suscitar importantes reflexões acerca da nossa sociedade, promovendo o diálogo entre seu contexto histórico e o período atual. Buscaremos tal abordagem por acreditar que a capacidade comunicativa dos textos literários possa propiciar espaços de reflexão de temas históricos, despertando o senso crítico dos estudantes. Sabemos que a literatura tem grande capacidade de despertar a empatia e promover a identificação entre leitor e autor da obra, além da rica descrição de personalidades, contextos políticos e situações vivenciadas pelos personagens. Acreditamos que tais elementos dos textos literários podem ser direcionados para o estudo da história.

Ao estudar as ideias do pensador Jean-Paul Sartre, Franklin Leopoldo Silva (2004) defende que para Sartre a literatura, sobretudo a prosa, está intimamente ligada à liberdade, que é uma condição essencial da existência humana. Nesse sentido, a prosa tem a potencialidade de comunicar e interpelar a liberdade do outro, portanto, a literatura ganha um papel político e com isso se torna uma escrita engajada. Sartre concebe o fazer literário como sendo ligado a um compromisso ético, de fazer refletir sobre a existência humana. Com efeito, acreditamos que o posicionamento do filósofo francês se aproxima da concepção de Lima Barreto acerca da literatura, ambos compreendem que o texto literário deve ocupar um papel de engajamento político e reflexão, em prol da liberdade humana.

Já o filósofo Frantz Fanon (2020) acreditava que era preciso nos fazer sentir pela escrita, ele buscou fazer de seu ofício de escritor um espaço de combate ao racismo e aos diversos tipos de colonialidades opressoras. Disso decorre que o ato de escrever se envolve em um compromisso ético de buscar um mundo mais justo. Tal posicionamento também é percebido nos textos de Lima Barreto. Nesse sentido, em nosso trabalho defendemos a construção de um instrumento didático, utilizando a literatura de Lima Barreto como fonte de reflexão histórica e pensamento crítico.

Paulo Freire (2014) nos diz que ensinar não é simplesmente transmitir conhecimentos, mas fomentar possibilidades para sua construção. O docente não pode apenas ensinar os conteúdos, mas precisa, primordialmente, ensinar o educando a pensar de maneira crítica e coerente. É mister que o educando tenha noção de que o conhecimento não está acabado, mas que é um contínuo processo de formação e construção. Diante dos pressupostos Freirianos, buscaremos pensar de que forma o uso da literatura como fonte histórica e ferramenta metodológica pode nos permitir uma formação crítica e reflexiva nas aulas de história, buscando que o educando desenvolva a sua autonomia e o gosto pelo saber.

Para Circe Bittencourt (2008), as fontes e documentos históricos permitem o contato

com o real, com situações concretas de um passado que é pensado de maneira abstrata. Além disso, os documentos são materiais mais atrativos para os estudantes. Os documentos históricos também podem favorecer à introdução do estudante no pensamento histórico, apresentando materiais e fontes alternativas ao livro didático, pois o uso do livro didático como fonte única para as aulas de história pode incorrer em alguns erros que resultarão em obstáculos aos ensino dessa disciplina. Como nos alertam Horn e Germinari (2009) o uso do livro didático como fonte e referencial exclusivo das aulas de história constitui um equívoco recorrente por parte de alguns professores. Na visão desses autores, a adoção dessa prática enfraquece a compreensão da história, já que o estudante passa a compreender o livro didático como única fonte histórica, detentora da verdade. Segundo esses autores, tal prática também pode ser compreendida como uma herança positivista.

No entanto, como nos alertam os PCNs para o ensino de história (1998), ao usar as fontes históricas o professor não pode esperar que seu aluno se torne um “pequeno historiador”, não se pode incorrer nesse erro. O docente precisa pensar a fonte histórica como um meio de contato do discente com um documento vivo, que permite o acesso a um vestígio da história que nos interpela à reflexão. Com isto, o estudante passa a compreender que a fonte é uma ferramenta metodológica de escrita da história, o que possibilita uma melhor compreensão acerca do fazer histórico e a aquisição de competências fundamentais para o exercício da cidadania. Nesse sentido, a fonte histórica servirá como um meio de reflexão para o estudante. Circe Bittencourt (2008) ainda nos diz que os objetivos do uso dos documentos podem ser diversos, existem amplas possibilidades nesse sentido. Cabe ao professor delimitar o uso de tais documentos.

Complementando tais pressupostos, Xavier (2010) nos diz que o professor não é um mero transmissor de conhecimento, mas um mediador entre o objeto estudado e o aluno. Diante disso, o docente pode se valer de objetos da cultura material, tais como documentos, músicas, artefatos de um museu ou um texto literário. Para Xavier (2010), as fontes históricas permitem um profícuo diálogo entre o aluno e um determinado período histórico. Nisso reside a capacidade didática das fontes históricas. Xavier (2010) ainda nos mostra que o uso de fontes históricas permite ao aluno compreender como o saber histórico é tecido e como ele se estabelece.

Meinerz (2010) nos diz que o ensino de história deve ser construído através de uma prática que utilize as fontes históricas como um meio para o debate, a criação de hipóteses e a reflexão. A fonte em si não é uma guardiã da verdade, mas seu potencial de promover reflexões em torno do tema estudado é algo que deve ser explorado pelos estudantes. O uso de tais fontes,

para essa autora, pode ser uma das formas de engajar o estudante e permitir que esse desenvolva a autonomia de pensamento, pois para ela o ensino de história que fortalece a homogeneização, a partir de perguntas e respostas prontas, está fadado ao fracasso.

Além disso, Xavier (2010) nos diz que a preocupação em colocar o estudante em contato com o fazer histórico, através de fontes históricas, está contida nos PCNs do ensino de história. Realmente os PCNS ressaltam a utilização de diferentes linguagens no estudo da história, além de reforçar o caráter interdisciplinar, que pode estar presente no estudo da história, percebemos isso no seguinte trecho dos PCNs para ensino fundamental (1998):

Em diferentes momentos do século XX é possível identificar a convergência de abordagens e temáticas entre as diferentes humanidades, ora predominando estudos histórico-sociais, histórico-geográficos, histórico-culturais, histórico-políticos, histórico-econômicos, histórico-literários, ora existindo a procura de uma história total. Nesse diálogo, diferentes campos das Ciências Humanas introduziram, também, preocupações próprias da História, como no caso da valorização do estudo das transformações das culturas, das significações e dos valores no tempo. [...] A investigação histórica passou a considerar a importância da utilização de outras fontes documentais e da distinção entre a realidade e a representação da realidade expressa nas gravuras, desenhos, gráficos, mapas, pinturas, esculturas, fotografias, filmes e discursos orais e escritos. Aperfeiçoou, então, métodos para extrair informações de diferentes naturezas dos vários registros humanos já produzidos, reconhecendo que a comunicação entre os homens, além de escrita, é oral, gestual, figurada, musical e rítmica. (Brasil, 1998, p. 32)

Ao reconhecer os diversos tipos de fontes e as diversas abordagens na construção do conhecimento em história, os PCNs legitimam a utilização de tais conhecimentos em sala de aula, como recurso didático para as aulas de história e como possibilidades para que o estudante dialogue de forma profícua com as diversas maneiras do fazer histórico, direcionando-as para o exercício da cidadania. É dito que:

[...] no trabalho com as fontes históricas a aproximação do aluno com a produção de representações em várias instâncias da sociedade, em que existe uma interdependência entre a construção de uma aprendizagem significativa e o contato com a cultura material acumulada ao longo da história através das fontes. (Barreto, Silva e Nascimento, 2019, p. 7)

Com efeito, o contato com as fontes possibilita a construção de uma aprendizagem significativa, permitindo o educando fazer conexões entre o conhecimento escolar e seu cotidiano, uma vez que as fontes fazem referência a situações concretas. A exemplo de um texto literário que apresenta personagens dotados de emoções, situações vivenciadas e uma rica descrição dos elementos da narrativa. Isto possibilita que o estudante tenha um contato mais profícuo com o estudo da história e conseqüentemente consiga adquirir competências e habilidades fundamentais para a vida em sociedade e para os desafios do século XXI, premissas educacionais contidas nos PCNs e na BNCC.

De acordo com (Barreto, Silva e Nascimento, 2019), os PCNs, para o ensino de história,

buscam formar os educandos para a cidadania e para a convivência com o diverso. O que pode ser percebido na seguinte fala:

Tal documento tem sua preocupação voltada para uma abordagem historiográfica em sala de aula que tente abarcar a diversidade cultural existente no Brasil, estabelecendo como objetivo que os alunos sejam capazes de reconhecer permanências e rupturas dos processos históricos da humanidade e enfatiza a importância do desenvolvimento de habilidades que promovam o respeito à diversidade. Os Parâmetros destacam ainda a correlação entre o desenvolvimento dessas competências e as relações que os alunos tecem em seu cotidiano. (Barreto, Silva e Nascimento, 2019, p. 4)

Sendo assim, acreditamos que a presente proposta didática está em conformidade com tais diretrizes. Uma vez que buscamos utilizar as fontes históricas para fazer com que os estudantes dialoguem com o conhecimento histórico sedimentado ao longo do tempo e com isso construa ferramentas críticas para o exercício da cidadania.

Em conformidade com os documentos oficiais que versam sobre o ensino de história, nós acreditamos que nossa proposta também está em sintonia com as diretrizes da BNCC. Exemplificando isso, podemos citar a competência específica 3 da BNCC para o ensino de história no Ensino Fundamental, tal competência sugere que o estudante possa:

Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito. (Brasil, 2018)

Percebemos que o estudante precisa ter a capacidade de questionar e indagar diferentes tipos de visões, presentes em documentos ou em narrativas diversas. Acreditamos que o contato com a literatura, compreendendo-a como fonte histórica possa potencializar tal objetivo, uma vez que o texto literário faz emergir diversas vozes de seu interior, promovendo uma rica discussão entre elas. Também trabalharemos as seguintes habilidades da BNCC:

(EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil. (EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados. (Brasil, 2018)

Como mencionado anteriormente, e em conformidade com a BNCC, buscaremos compreender, através da literatura de Lima Barreto, de que forma era a condição do negro durante o período da Primeira República, conforme será explanado no capítulo subsequente, buscaremos mostrar que não houve mecanismos de inserção dessa população pelo estado brasileiro, mas ao contrário, o poder dominante buscou segregar tal população, inclusive se baseando em teorias eugenistas.

Ao discutir a questão do preconceito existente na Primeira República, a luz da literatura de Lima Barreto, e tornando explícito alguns conflitos de tal contexto, acreditamos que nosso trabalho tem o compromisso ético de fazer refletir sobre o racismo e buscar combatê-lo,

contribuindo com uma sociedade mais justa e tolerante. Nesse sentido, acreditamos que estamos em conformidade com a competência de número cinco em ciências humanas e sociais aplicadas para o ensino médio, que busca: “Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos” (Brasil, 2018). Dessa forma, acreditamos que nossa proposta está alinhada aos objetivos e diretrizes da Base Nacional Comum Curricular, no que tange o ensino de história.

É importante ressaltar que a proposta pedagógica, aqui desenvolvida, também poderá ser entendida como um instrumento para fortalecer a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, uma vez que esse trabalho busca pensar importantes aspectos relacionados a situação dos afro-brasileiros após a Abolição e a Proclamação da República.

Partindo dos pressupostos apresentados por Xavier (2010) e Bittencourt (2008), podemos inferir que o uso de fontes históricas pode propiciar a construção de um saber consistente no campo da história, permitindo que o estudante saia dos conceitos abstratos e parta para o campo concreto do fazer histórico, compreendendo como os problemas históricos se apresentam ao historiador. Com isso, não buscamos formar um historiador de carreira acadêmica, mas formar um cidadão apto a entender a sociedade que o cerca e a historicidade dos temas que nos interpelam diariamente, relacionando as problemáticas atuais com contextos históricos variados. Assim, acreditamos que estamos em sintonia com os objetivos da BNCC (2018) e dos PCNs, no que tange à disciplina história, uma vez que tais documentos buscam mobilizar os conhecimentos históricos para o exercício amplo da cidadania.

Com efeito, o uso das fontes históricas em sala de aula permite que o educando tenha contato com vestígios materiais deixados pelos seres humanos ao longo do tempo. Xavier (2010) ainda chama atenção para o fato de que nas últimas décadas o conceito de fonte histórica tem se ampliado e tais fontes passaram a ser vistas como vestígios, de variadas naturezas, deixados pelos seres humanos ao longo do tempo.

A contribuição da Escola dos Annales também permitiu que compreendêssemos as fontes históricas não como artefatos portadores de uma verdade absoluta e objetiva, mas como objetos que nos permitem construir uma interpretação do passado. Como dito:

[...] a fonte histórica passou a ser a construção do historiador e suas perguntas, sem deixar de lado a crítica documental, pois questionar o documento não era apenas construir interpretações sobre eles, mas também conhecer sua origem, sua relação com a sociedade que o produziu (Silva, 2006: 162 apud Xavier, 2010, p. 1099).

Xavier (2010) ainda nos diz que os autores da nova história foram influenciados pela

história dos Analles, e com isso passaram a utilizar uma amplitude de fontes históricas, tais como a literatura, as imagens e a cultura material. Sobre a utilização fontes históricas, documentos escritos e da literatura como fonte histórica, utilizaremos nesse trabalho a perspectiva apontada por Medeiros (2005) que defende que:

Muitos são os documentos escritos que podem ser trabalhados em sala de aula, como forma de problematizar e refletir sobre o conhecimento histórico. Propiciam reflexões sobre a relação presente/passado e possibilitam ao aluno o entendimento de como esse conhecimento tem sido construído pelos historiadores e pesquisadores. [...] A utilização de documentos escritos pode ocorrer com o uso de jornais, crônicas, revistas, discursos, cartas, leis, anúncios, relatos de viagens, diários, depoimentos, lendas, receitas médicas, testamentos, textos literários, artigos, processos paroquiais e inquisitoriais, entre outros. (Medeiros, 2005, p. 62)

Assim sendo, buscaremos analisar a literatura como um canal de reflexão, que se direciona para a sensibilidade do estudante, já que trataremos de temas sensíveis, como o racismo e as injustiças sociais. O texto literário, por nós utilizado, terá o intuito de causar inquietações nos estudantes, criando situações problemas e convidando ao diálogo fértil com a história.

Medeiros (2005) argumenta que ao utilizarmos os textos literários devemos dialogar com o texto, questionando as ideias apresentadas, comparando diferentes abordagens e traçando relações entre o contexto da obra e os dias atuais, o que nos permitirá perceber permanências e rupturas, divergências e semelhanças. Silva e Albuquerque (2022) defendem que a importância do texto literário nas aulas de história se deve a capacidade lúdica da literatura e também sua capacidade imaginativa, que pode ligar a sensibilidade do estudante aos anseios da época estudada. Sobre o uso da literatura nas aulas de história, esses autores nos dizem que:

Essa relação entre história e textos literários contribui para a ampliação da compreensão da realidade histórica a partir de diferentes gêneros textuais, possibilitando diversas reflexões e a descoberta de outros discursos e narrativas. Essa relação colabora com a aproximação do estudante a outras realidades históricas, não apenas a hegemônica, podendo despertar o interesse por questões até então não retratadas em sala de aula. Em alguns momentos, a ficção apresenta visões que poderiam ter sido desenvolvidas para solucionar determinadas situações, possivelmente ideias que estavam em circulação naquele período em que o autor criou seu texto literário. E isso pode ser expressado por uma intenção contrária às condições de manutenção da ordem vigente de determinado período. Desse modo, o texto literário pode apresentar de forma didática uma variedade de visões de mundo que foram sendo tecidas ao longo do tempo. [...] Em outras palavras, o historiador investiga a forma como o escritor se relaciona com o contexto histórico em que ele está inserido. Desse modo, o diálogo com a literatura auxilia nas investigações sobre o passado histórico e amplia o horizonte de interpretações históricas, seja na produção historiográfica ou em situações de aprendizagem no ensino de História. [...] O lúdico é um dos fatores que justificam o uso do texto literário no Ensino de História, pois apesar do seu caráter ficcional, esse texto é produzido dentro da realidade que inspira a sua criação. (Silva e Albuquerque, 2022 p. 144, 121, 125, 144)

Das palavras acima, é possível inferir que há uma dupla possibilidade de uso do texto literário nas aulas de história, ele tanto pode ser compreendido como fonte histórica, como

também ferramenta metodológica para as aulas. Os autores apontam que as vantagens para o uso da literatura nas aulas de história residem na capacidade lúdica dos textos literários e também em sua força de imaginar realidades possíveis, que muitas vezes pensam determinado contexto histórico de maneira alternativa aos discursos hegemônicos. Isso se deve ao poder questionador e subversivo da literatura, que pode ser usado em prol de uma reflexão histórica questionadora e que pensa determinado período através de diferentes matizes, que não sejam apenas aqueles narrados pelos grupos que representam a ordem vigente.

Em conformidade com essas ideias, Sena Junior (2021) nos diz que a literatura ganha destaque ao permitir que os historiadores acessem um universo repleto de significações e representações, pois a matéria social e histórica é a base para a produção ficcional. Esse autor ainda nos diz que a literatura amplia a capacidade de analisar a realidade, pois no imaginário do texto não existem regras sociais a serem cumpridas ou seguidas pelo escritor em seu momento criativo, o que torna o texto literário um campo fértil e aberto a possibilidades, dando vazão aos anseios dos sujeitos históricos.

No entanto, Sena Junior (2021), nos alerta que a literatura, assim como outras fontes, possui suas limitações e devem ser indagadas e investigadas com afinco. Destarte, o texto literário não pode ser tido como um espelho fiel da realidade, nem tão pouco uma oposição desta, mas como uma representação, que, com as devidas indagações e determinações, poderá enriquecer a compreensão de determinado período histórico. Ao confrontar o estudante com uma fonte histórica, “Não precisamos para isso, necessariamente, ensinar o estudante a ler um documento, mas apenas, singelamente, a desconfiar do documento” (Pereira & Seffner, 2008, p. 126 apud Barreto, Silva e Nascimento, 2019, p. 10)

Partindo dessa perspectiva da nova história, nosso trabalho buscará utilizar a literatura como fonte histórica, com o intuito de explorar o poder comunicativo dos textos literários, direcionando tal capacidade para que o aluno possa dialogar com o passado de maneira crítica e autônoma, trazendo tais questões para refletir o atual contexto, o que permitirá uma sólida formação histórica. Segundo Xavier (2010), o uso de músicas pode fugir de uma concepção de história linear. Em paralelo a isso, propomos o uso da literatura como forma de fugir de tal concepção homogeneizante da história.

Farias et al (2021) defendem que a literatura e a história podem ter campos de aproximação diversos, uma vez que as duas são maneiras de expressão do humano. Além disso, esses autores defendem que a interface entre história e literatura se constitui em um campo promissor que vem se desenvolvendo desde a década de 90 do século XX. Em conformidade com essa ideia, Montoito e Rios (2019) defendem que há uma intensa aproximação entre

literatura e história, podendo a primeira ser utilizada pela segunda como fonte de investigação histórica. Para esses dois autores, a literatura pode ser utilizada como fonte histórica, uma vez que o texto literário é uma produção que carrega diversos elementos de sua época, como valores e concepções de mundo. Além disso, o próprio autor é um sujeito histórico que dialoga diretamente com seu tempo.

Ferreira e Moreno (2022) nos mostram como a literatura pode ser utilizada em sala de aula para romper com aquilo que eles chamam de projeto de escolarização homogeneizante. Esses autores nos mostram exemplos de como o cordel pode ser trabalhado nas aulas de história, para pensar narrativas que foram silenciadas por uma tradição didática, erigida no esquecimento da população negra como agente da história. Assim, esses autores utilizam a literatura de cordel, escrita por Jarid Arraes, para dar voz a mulheres negras esquecidas pela história, utilizando como referência a literatura de cordel na obra *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. Com efeito, o trabalho desses autores pode ser compreendido como um exemplo de como a literatura tem o poder de dar voz aos esquecidos, tornando a aula de história mais rica e voltada para a diversidade. Em conformidade com esses pressupostos, também buscaremos dar um direcionamento semelhante ao nosso trabalho.

Como dito por Pesavento, “Ora, História e Literatura são formas distintas, porém próximas, de dizer a realidade e de lhe atribuir/desvelar sentidos, e hoje se pode dizer que estão mais próximas do que nunca.” (2003, p. 32). Essa mesma autora ainda nos lembra que tanto a literatura como a história são narrativas, que criam um enredo e desvenda uma trama. Tais narrativas são formas de dizer e interpretar o mundo. Sendo assim, a história e a literatura nascem das indagações humanas, em diferentes épocas.

Apesar de manterem campos de aproximação, não podemos dizer que a literatura e a história são exatamente iguais, já que cada uma possui especificidades. Sobre isto, Pesavento (2003) nos diz que:

[...] o historiador, quando constrói sua narrativa sobre o passado, tem uma pretensão a atingir a veracidade. Mesmo sabendo que não chegará jamais à verdade do acontecido, ele é animado por esta busca de verdade, por este esforço de construção de uma versão plausível, possível, verossímil de fato, com foros ou efeito de verdade. [...] Já a Literatura, nos indica Paul Ricoeur, cria uma modalidade narrativa referencial ao mundo, com pretensão aproximativa. Não precisa comprovar ou chegar a uma veracidade, mas obter uma coerência de sentido e um efeito de verossimilhança. A rigor, História e Literatura obtêm o mesmo efeito: a verossimilhança, com a diferença de que o historiador tem uma pretensão de veracidade. (p. 36-37)

Partindo desses pressupostos, nesse texto trabalhamos com a noção de que a história nasce do compromisso em dizer a “verdade”, como narrativa daquilo que aconteceu, do real, enquanto que a literatura faz uso de uma linguagem ficcional para narrar um universo cheio de

possibilidades, sem compromisso firme com uma narrativa unívoca e pretensamente verdadeira. Como dito por Sevckenko (1989), “Ocupa-se portanto o historiador da realidade, enquanto que o escritor é atraído pela possibilidade”. (p. 21)

Pesavento (2003) nos lembra da diferenciação feita por Aristóteles entre história e poesia, em que a primeira tem por finalidade dizer aquilo que aconteceu, já a segunda buscaria narrar aquilo que poderia acontecer. Com isso, essa autora nos chama atenção para a diferença entre história e literatura no seu compromisso com o real. Como dito anteriormente, a história teria um compromisso firme em narrar o real, enquanto que a literatura não parte, necessariamente desse princípio. Essa autora ainda enaltece que a separação entre história e literatura remonta a Tucídides, cuja pretensão era narrar aquilo que ocorreu, de maneira criteriosa e racional. Tal separação ainda se fortalece com o cartesianismo do século XVII e a concepção cientificista que deste decorre. Somente na década de 70, do século XX, com a crise dos paradigmas científicos, houve uma aproximação entre história e literatura, uma vez que a ficção também passou a ser vista como chave interpretativa da realidade. Desse modo: “A História e a Literatura oferecem o mundo como texto.” (Pesavento, 2003, p. 32)

Portanto, a discussão acima nos leva a inferir que tanto a história como a literatura criam um efeito de verossimilhança da realidade. No entanto, o que diferencia essas duas narrativas é a pretensão do historiador em dizer o real, a verdade.

Circe Bittencourt (2008) defende que a relação entre literatura e história é sempre desejável. O estudo de textos literários fornece condições para que sejam realizadas poderosas análises de determinado contexto histórico, coadunando conteúdo e forma, abstrato e concreto, o que possibilita abordagens mais complexas que enriquecem o ensino de história. Além disso, na visão de Bittencourt (2008), o texto literário permite uma relação dialógica entre obra e leitor, fazendo com que esse mergulhe no período histórico da obra. Com efeito, essa autora defende que a literatura pode ser um importante referencial para a história, servindo como fonte histórica, cujos autores são sujeitos que pertencem a dado contexto histórico e deixam marcados rastros e vestígios de tal contexto e suas criações.

Diante do exposto, é possível inferir dos pressupostos de Circe Bittencourt (2008), que a relação com a literatura pode potencializar o estudo da história, uma vez que os textos literários são carregados de afetos, sensibilidades e vestígios culturais do período em que foram gerados. Assim, os vestígios de cultura, dos quais o autor é portador, são deixados em sua obra, permitindo uma profícua relação dialógica entre leitor e texto literário, de tal relação é possível para o leitor ter uma espécie de vivência, mesmo que seja hipotética, de outro período que não o seu. Isso pode ser uma importante ferramenta para o estudo da história, que na visão de

Bittencourt (2008) torna desejável essa interface entre literatura e história.

Diante de semelhanças e especificidades, podemos concluir que o texto literário pode ser utilizado como fonte de estudo para a história, pois mesmo a ficção se ancora na experiência com o real. Além disso, o texto literário carrega em si, mesmo que de maneira implícita, uma série de concepções e valores que dialogam com o contexto no qual ele foi criado. Isso possibilita que o historiador utilize tal texto como chave interpretativa de determinado período histórico. Pesavento (2003) nos diz que a literatura é uma ótima ferramenta para que os historiadores possam resgatar as sensibilidades e os valores de um período passado ou para que possam entender como as pessoas representavam a si mesmas em tal período.

Partindo dessa ideia, de que a literatura pode ser utilizada como fonte histórica, Montoito e Rios nos sugerem a seguinte forma de abordagem:

Variados são os questionamentos que podem ser dirigidos à obra literária escolhida: o uso da linguagem de determinada época e seu vocabulário, o papel que a obra ocupa no conjunto de produções do autor, o posicionamento desse com relação aos costumes de sua época, a produção e circulação do livro, críticas que a obra recebeu, interfaces que a narrativa estabelece com outras temáticas e obras, ilustrações e modelos de capa etc. Alguns destes temas, analisados à linha temporal, podem fazer parte de historiografias específicas (como, por exemplo, uma História das Ilustrações) e são mais comuns em estudos literários nos quais, por definição, a Literatura é a fonte mais rica. (Montoito; Rios, 2019, p.5)

Com efeito, a citação acima nos permite perceber que o texto literário apresenta uma grande riqueza conceitual e temática a ser explorada nas aulas de história. Além disso, a literatura apresenta grande poder de sensibilizar o leitor e de comunicar através de situações vivenciais e concretas, criadas pelo texto literário. Diante disso, no tópico subsequente apresentaremos um exemplo de como trabalhar uma temática histórica através da literatura. Utilizaremos a obra literária de Lima Barreto como fonte histórica nas aulas de história, para estudarmos alguns problemas sociais da Primeira República e analisar como Barreto apresenta tais questões em sua produção literária.

#### *1.4 Trazendo a literatura de Lima Barreto para a sala de aula.*

Em minhas aulas de história, ao longo de alguns anos, tenho percebido que boa parte dos estudantes carregam uma série de prejulgamentos e estereótipos sobre o papel da história e do historiador. Muitos demonstram acreditar que estudar história é decorar datas e narrar fatos longínquos do passado. Além disso, boa parte dos alunos, com os quais tive contato, apresentam uma noção de história marcada por feitos heroicos, datas cívicas, e grandes personalidades da história, como reis, imperadores e políticos importantes. Tal concepção, apresentada nos tópicos anteriores, nega a historicidade das pessoas comuns, e distancia o fazer histórico do

cotidiano.

Certa vez, pedi que alguns alunos pesquisassem sobre a história local, da cidade em que eu atuava naquela ocasião e onde a escola se localizava<sup>1</sup>. Para minha surpresa um deles indagou: “professor, nossa cidade tem história?” E em seguida concluiu: “se tiver é de pouca importância”. Percebi que o meu aluno carregava uma concepção de que a história é feita apenas pelos grandes acontecimentos, como grandes guerras ou grandes feitos políticos. Tal noção não se dá de forma isolada, pois muitos estudantes ainda carregam essa concepção, que possivelmente pode estar atrelada a uma herança positivista, que, conforme Oriá (2014), entende a história como uma linha contínua e progressiva, que é tecida por grandes personalidades.

Diante de tal contexto, surgiu a necessidade de tornar as aulas de história em um espaço de reflexão, compreendendo que todos nós, pessoas comuns, somos agentes da história. As aulas precisariam fortalecer a concepção de que a história é feita no dia a dia, no cotidiano, por pessoas comuns e que não podemos negligenciar tais vozes em detrimento das grandes personalidades.

Diante disso, foi possível perceber que a literatura de Lima Barreto tem a potência de dar vazão a uma concepção histórica marcada pela pluralidade de vozes, uma vez que este autor refletiu, através de sua literatura, sobre os problemas que afligiam as pessoas simples de sua época, denunciando inúmeras mazelas sociais, temas que eram ignorados pela historiografia da época. Como dito por Jim Sharpe (1992) e Thompson (2001), a história hegemônica esquece diversos personagens em detrimento de grandes personagens.

Nesse sentido, acreditamos que a literatura de Lima Barreto nos possibilita pensar uma história vista de baixo, ao refletirmos sobre os problemas daqueles que foram esquecidos pelos governantes de sua época. Sobre o conceito de história vista de baixo, Jim Sharpe (1992) no diz que nos últimos tempos os historiadores buscaram explorar diversas fontes, no intuito de contar uma história a partir de novas perspectivas que não a dos ditos grandes homens. Esse autor cita o exemplo da batalha de Waterloo, que pode ser contada pela perspectiva de um soldado raso e suas correspondências. Isso se mostra como alternativa da história que é contada a partir da perspectiva do general Wellington, tido como grande protagonista dessa batalha.

Segundo Sharpe (1992), a história, tradicionalmente, tem sido encarada como o relato de grandes feitos. Ele ainda nos lembra que Edward Thompson foi extremamente importante

---

<sup>1</sup> A escola em questão era a ECIT Francisco Marques de Melo, escola estadual, localizada no município de Damião, no estado da Paraíba.

para a história vista de baixo. Seu artigo *The history from below* (1985) foi crucial nesse sentido. Além do mais, Sharpe (1992) ainda enaltece que a *Escola dos Anales* também contribuiu com essa visão da historiografia. Horn e Germinari (2009) nos mostram que a Escola dos Anales criticou a concepção, de tradição positivista, de que apenas os documentos oficiais e escritos poderiam servir como fontes históricas. Tal crítica contribuiu com a ampliação da compreensão do que é uma fonte histórica, o que ajudou a superar a escassez de fontes a respeito das classes subalternas, possibilitando a construção de outras narrativas históricas.

Partindo desses pressupostos de ampliação das fontes históricas e da preocupação em compreender a dinâmica das classes subalternas, Horn e Germinari propõem a seguinte compreensão de ensino:

Uma nova perspectiva para o ensino de História não pode ficar limitada a uma concepção de história que apenas destaque os segmentos dominantes da sociedade. O conhecimento histórico escolar tem o desafio de superar tal obstáculo, objetivando uma noção mais ampla, onde as classes populares sejam também inseridas em suas análises. (2009, p. 124)

Partindo dessas ideias, nosso trabalho buscará apresentar a literatura de Lima Barreto como uma fonte a ser usada nas aulas de história. Como foi mostrado, a história vista de baixo é uma alternativa à história elitista. Em consonância com essa perspectiva e ao estabelecer essa correlação, acreditamos que os escritos barretianos podem ser compreendidos como uma forma de pensar a história de uma forma não hegemônica, partindo da perspectiva dos excluídos. Nesse sentido, propomos a utilização da literatura desse autor como fonte de reflexão para as aulas de história, uma vez que o caráter denunciativo e atual de seus textos nos permite traçar uma fértil reflexão sobre o seu contexto histórico, a Primeira República (1889-1930), dialogando com o nosso contexto atual e buscando refletir sobre a manutenção de algumas estruturas, como o clientelismo político e a discriminação racial.

Ainda sobre as possibilidades de uso da literatura barretiana, para a reflexão histórica, podemos lembrar que conforme dito por Jeanne Marie Gagnebin (2009), a partir dos pressupostos de Walter Benjamin (1985), o narrador e o historiador devem contar o que a tradição oficial não quer recordar. É preciso revirar o passado e lembrar os anônimos que a historiografia “oficial” buscou apagar. Tais pressupostos devem ser levados para a sala de aula através de problematizações feitas nas aulas de história.

Gagnebin ainda nos lembra que em Benjamin o trabalho do poeta, do artista e do historiador é juntar os rastros que a civilização rejeitou e jogou fora. O que se assemelha ao trabalho de um catador de sucata, que ressignifica o lixo que foi deixado para trás pela civilização. Nesse sentido, acreditamos que esse papel de sucateiro da história foi feito por Lima

Barreto, e também é possibilitado por sua obra, já que tais escritos mostram as dores, os sofrimentos e as angústias de grupos que eram negligenciados pelo Estado brasileiro e também por sua historiografia oficial. Lima Barreto faz da escrita sua missão e nos mostra o cenário de desigualdades produzido por um estado que concedia privilégios a uns poucos abastados, enquanto deixava no total esquecimento grande parte de sua população.

Acreditamos que Lima Barreto poder ser compreendido como uma voz que denunciava as incoerências do projeto de nação presente em seu contexto. Portanto, o presente estudo pode contribuir com uma abordagem menos hegemônica em sala de aula, pautada na visão da história vista de baixo, conforme Sharpe (1991) e Thompson (2001), e refletindo, através da literatura barretiana, sobre as idiossincrasias e rupturas presentes no período da Primeira República.

A perspicaz literatura de Lima Barreto nos permite enxergar as reivindicações de grupos oprimidos, a partir de uma escrita direta, sem floreios e bastante crítica. Prado (1989) nos sugere que Lima Barreto fazia uso de uma linguagem desleixada, por não querer falar como literato, mas como uma voz testemunhal de seu cotidiano. A linguagem desleixada desse autor pode ser percebida quando ele faz uso de termos coloquiais, através dos diálogos de seus personagens e também pelo uso de uma linguagem simples e direta. Além disso, esse autor era ressentido com a inflexibilidade do positivismo, e encontrava na literatura um poderoso instrumento de ação, para criticar e causar rupturas na ordem vigente.

Como dito por Prado (1989), ler os livros de Lima Barreto é uma verdadeira experiência de reflexão histórica. Em conformidade com isso, Cuti (2011) chama atenção para um dos aspectos mais comentados sobre a literatura barreteana, que é a presença da realidade nos textos literários e a proximidade com aspectos biográficos da vida do autor. Francisco de Assis Barbosa (2017), um dos grandes biógrafos de Lima Barreto, confirma essa relação de proximidade entre a vida desse autor e sua escrita literária, que tinha tom autobiográfico.

Portanto, esse primeiro capítulo teve o intuito de apresentar algumas heranças do positivismo, que ao longo do tempo se tornaram viciosas e prejudiciais ao ensino de história, tendo impactos até os dias atuais, como exemplo a visão de uma história linear. Em seguida, buscamos pensar a literatura como uma estratégia para fugir de um ensino de história pautado pela homogeneização e pela linearidade estanque, o que por vezes torna a história distanciada e enfadonha para os estudantes, sobretudo do ensino básico.

Ao fim do capítulo, buscamos indicar de que forma utilizaremos a literatura de Lima Barreto como fonte didática para o ensino de história. No capítulo seguinte, trataremos sobre as principais questões abordadas pela literatura desse escritor, apontando quais elementos de tal escrita podem ser utilizados nas aulas de história.

## CAPÍTULO 2

### **A LITERATURA COMO MISSÃO: O descaso dos governantes e a condição do negro na Primeira República, a partir da literatura de Lima Barreto**

#### *2.1 O papel da arte/literatura na sociedade*

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881, no Rio de Janeiro, há exatos sete anos da abolição da escravatura, ele que era negro, neto de escravos e filho de pais livres. Prado (1989) nos lembra que Lima Barreto enfrentou inúmeras dificuldades, por ser pobre, negro e descendente de escravos. Seu pai era tipógrafo e sua mãe professora das primeiras letras. Aos seis anos, Barreto perdeu sua mãe, Amália Augusta, vítima de tuberculose. A amizade de seu pai com o Visconde de Ouro Preto fez com que este ajudasse nos estudos do menino Lima Barreto, que ingressou no Liceu Popular de Niterói. Anos mais tarde, ele frequentou a escola politécnica. Porém, em 1902, seu pai é internado por conta de problemas mentais, o que acabou interferindo na carreira acadêmica de Barreto, que precisou deixar seus estudos para cuidar dos irmãos e do pai doente. O episódio do adoecimento do pai fez com que Barreto desistisse de vez de se tornar “doutor” e ingressasse no serviço público como amanuense, uma espécie de escrivão, do Ministério da Guerra em 1903.

Mesmo exercendo suas incumbências no funcionalismo público, Barreto sempre se dedicou à leitura de clássicos da literatura e do pensamento universal. Estudou com afinco a filosofia de Descartes, pela qual tinha grande interesse, como nos diz seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa (2017). Sempre foi crítico da rigidez do positivismo. Além de ser um ávido leitor, Barreto também dedicou sua vida à produção de suas obras literárias, que são carregadas de um engajamento político e crítica social. É importante destacar que mesmo ocupando posições de certo destaque e tendo oportunidades que muitos em sua época não tiveram, Lima Barreto sentia as barreiras criadas pelo racismo e buscou dedicar sua literatura ao combate de tais injustiças. Ele também se sentiu um desses injustiçados, já que compreendia que inúmeras oportunidades lhe foram negadas por conta de sua cor.

De acordo com Barbosa (1987), Lima Barreto carregava a convicção de que a literatura não pode se separar da sociedade, pois ela representa um momento desta. Sobre isso o próprio Lima Barreto diz o seguinte:

A importância da obra literária que se quer bela, sem desprezar os atributos externos da perfeição de forma, de estilo, de correção gramatical, de ritmo vocabular, de jogo de equilíbrio das partes em vista de um fim, de obter unidade na variedade, uma tal importância, dizia eu, deve residir na exteriorização de um certo e determinado pensamento de interesse humano, que fale do problema angustioso de nosso destino,

em face do infinito e da miséria que nos cerca e aluda às questões de nossa conduta na vida. (Barreto apud Barbosa, 1987, p. 25)

Portanto, com essa citação percebemos que, em Lima Barreto, a literatura deve ser engajada, para ele a mensagem transmitida vale mais do que a beleza da obra. Ele também acreditava que a arte deveria ser acessível a todos, e não um privilégio de poucos. Isso significa pensar que a relação da literatura com a sociedade deve permitir a exteriorização do pensamento humano, a partir da narrativa crítica e social aludida em seu enredo literário. Cuti (2011) também ressalta que esse autor rejeitava a concepção de arte pela arte, uma vez que a literatura deveria ser um meio de aprimoramento do humano. Ao comentar a obra de Lima Barreto, Tristão de Ataíde nos diz que esse autor:

Nascera, literalmente, para dizer a grande dor ignota dos humildes. E essa piedade pelo sofrimento dos vencidos, esse carinho pelas almas delicadas que a miséria amarrotava, nunca lhe desamparou a pena, antes cresceu com os anos à medida que o mal de viver integrava de novo na massa anônima de onde se arranca sozinho. Ele, que tanto se elevou, que em pouco tempo tinha criado em nossas letras uma fisionomia nova e peculiar de romance, foi intérprete dos mediócrs, dos apagados, daqueles que passam como sombras ou como engrenagens, humilhados pela Sociedade, com S maiúsculo, e indispensáveis a ela. Para eles reservara todo o seu poder recalçado de simpatia. (In Barreto, 2001, p. 58)

Sevcenko (1989) nos lembra que Barreto sonhava com um mundo mais justo e solidário e a literatura foi o veículo para promover tal ideal. Conforme Prado (1989) e Sevcenko (1989), por ter uma posição política forte e bem definida, o que era recorrente em sua escrita, Lima Barreto era avesso a alguns literatos de sua época, que, segundo ele, eram abstraídos da realidade por dar preferência a temas irrelevantes e a uma escrita extremamente rebuscada. Como exemplo disso, podemos citar o escritor Coelho Neto, grande desafeto de Lima Barreto e que, segundo este, escrevia uma literatura meramente estilizante e contemplativa. Em um ensaio sobre a obra de Lima Barreto, escrito em 1976, Osman Lins destaca as seguintes palavras ditas por Lima Barreto sobre a literatura de Coelho Neto: “[...]a literatura do senhor Coelho Neto ficou sendo puramente contemplativa, estilizante, sem cogitações outras que não as da arte poética, consagrada no círculo dos grandes burgueses embotados pelo dinheiro. (In Barreto, 2001, p. 69). Percebamos que a crítica de Barreto à literatura de Coelho Neto se dirige ao caráter contemplativo e distanciado da realidade, característico de tal literatura.

Para além do deleite estético, a escrita simples de Lima Barreto tinha a intenção de lograr um maior alcance de sua mensagem e se destinar ao grande público, dando visibilidade às questões políticas e sociais em pauta. Sevcenko (1989) nos lembra que Lima Barreto faz uso de uma linguagem mais concreta e direta, por vezes até utilizando expressões coloquiais e ditados populares. Ou seja, nesse autor, os padrões formais de escrita acadêmica deram lugar a

simplificação da sua narrativa, o que permitiu mais clareza e, ao mesmo tempo crítica social. Isto possibilitou, também, autenticidade e experimentação do cotidiano nos seus textos, essa observação nos permite perceber a experiência vivencial e cotidiana para o qual o leitor é levado. Cuti (2011) corrobora essa ideia quando nos diz que Lima Barreto trabalhava com a mistura de elementos dos gêneros literários, o que causava estranhamento da crítica de sua época. Nesse sentido, confrontar os modelos literários estabelecidos, naquele contexto, refletia o inconformismo do autor com os padrões engessados de seu período.

Como dito, Lima Barreto era avesso a alguns literatos contemporâneos seus, por acreditar que eles utilizavam uma linguagem muito rebuscada, e abstraída da realidade, sendo pouco acessível. Ele era inconformado com os padrões impostos pela linguagem acadêmica de sua época. O academismo dos literatos lhe parecia uma forma de subserviência ao projeto elitista que estava em curso no país. Prado (1989) comenta que Lima Barreto até debocha do rigor acadêmico. Portanto, Barreto escreve como ato político e se recusa a se colocar de lado do academismo. Nesse sentido, é dito que Lima Barreto:

Ao propor a linguagem como estratégia de resistência, situando-a num plano antierudito e moderno, suas personagens esgrimem contra o passado e ganham terreno. Dentro do quadro de transformações vitais que anunciavam o novo no Brasil do primeiro decênio do século, a linguagem já se coloca como atitude crítica que recusa ser posta à margem do processo histórico. (Prado, 1989, p. 23)

Ao propor uma ruptura com a escrita acadêmica, por esta ser subserviente aos interesses elitistas, Lima Barreto se mostrou profundamente incomodado com o domínio das classes abastadas e da cooptação do estado brasileiro para atender aos interesses de tais classes. Ele tinha uma concepção utilitária e prática da arte, pois a compreendia como instrumento político. A arte/literatura seria para ele um canal de comunicação entre os homens. Chaves (2008) reforça isso ao defender que, para Lima Barreto, a arte não é simplesmente uma extensão representativa do social, mas um espaço de contestação à ordem estabelecida. Na obra *Impressão de Leitura*, o próprio Lima Barreto diz o seguinte sobre a literatura:

A missão da literatura é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é liga-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para a conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade. (Barreto, s.d. p. 190 apud Sevcenko, 1989, p. 196)

Com efeito, é possível perceber que Barreto pretendia usar a literatura como um canal de comunicação, em prol de um mundo mais justo e solidário, onde os indivíduos pudessem dialogar e resolver civilizadamente suas diferenças. Sevcenko (1989) também nos diz que o temário de Barreto dialogava com tudo aquilo que era mais relevante em sua época. Os personagens desse autor não surgem de modo aleatório ou decorativo, todos eles revestem sua

literatura de um tom militante. Conforme Sevcenko (1989), a literatura de Lima Barreto combina gêneros, rejeita artifícios retóricos e busca ser mais direta. Tem uma linguagem comum, e por vezes descuidada, fazendo uso constante da ironia. Barreto também tinha a intenção de que as preocupações gramaticais não deturpassem os personagens e queria que estes aparecessem de maneira espontânea.

Adotando como recursos literários a mistura de estilos e a linguagem despojada, o autor garantia a seus textos a eficácia pretendida. Por um lado, revestia os personagens populares e as vítimas da abominação social de uma dignidade superior e universal, e de outro, assegurava a mais ampla difusão de sua obra e de seus ideais. Os conteúdos temáticos eram, portanto, nobilitados pelos recursos de linguagem e esta modelada pela realidade que veiculava, o conjunto constituindo uma totalidade harmoniosa e votada à máxima viabilidade comunicativa. (Sevcenko, 1989, p. 168-169)

Portanto, é possível perceber que o grande objetivo de Lima Barreto era utilizar sua literatura como um poderoso canal de comunicação, denunciando as injustiças sociais de seu tempo. “As mazelas do governo republicano, Lima Barreto não se cansa de causticá-la por toda a sua obra.” (Sevcenko, 1989, p. 169). A corrupção política, o uso do estado para fins particulares e a exclusão de parcela significativa da sociedade, sobretudo a população negra, eram questões que incomodavam Barreto e que eram abordadas em seus escritos. Como dito por Sevcenko (1989), para Barreto, o despropósito com o bem coletivo e a avidez de enriquecimento de poucos eram as tônicas da república. Sevcenko corrobora com isto ao falar sobre os temas retratados pela literatura de Barreto:

Todo esse universo temático, centrado nas práticas de coerção, discriminação e marginalização social, se compõe como uma trama densamente entretecida nas páginas do escritor. Tendo na imprensa o seu veículo e propulsor, encontrando na ciência a legitimação inquestionável, os desmandos, as coações e as classificações dos homens em hierarquias aviltantes, desarrazoadas, quer procedessem das oligarquias governantes, das ideologias radicais ou mesmo das atitudes cosmopolitas e bováricas, típicas do arrivismo republicano, produziam um quadro de horrores, opressão e miséria, profundamente vincado na nova sociedade e irredutível, na sua solidez, para com as individualidades desviantes. (Sevcenko, 1989, p. 181)

Em conformidade com isso, Barbosa nos diz que Lima Barreto faz uso de uma escrita autobiográfica, com tom memorialista. Segundo Barbosa (1987), tal forma de escrita se deve ao afã que o escritor tem em retratar as injustiças sociais, tornando-se um porta voz das pessoas pobres e sem privilégios. Assim, Barbosa (1987) nos diz que Lima Barreto se mostra através de seus personagens, fazendo de sua escrita uma missão ética de dar visibilidade aos problemas que afligem não só a ele e aos seus personagens, mas parcela considerável da população. Nesse caso, a dificuldade em acessar direitos básicos, diante de um estado omissivo, o preconceito e a vulnerabilidade social, enfrentados pelos personagens barreteanos representam problemas que afetavam parte considerável da sociedade brasileira daquele período do início da República. Cuti (2011) nos diz que Lima Barreto foi pioneiro em dar visibilidade, por meio de sua

literatura, às pessoas pobres, aos negros e aos suburbanos. A descrição que Lima Barreto faz de seu entorno, através de seus personagens, é concebida da seguinte forma:

A descrição do *modus vivendi* a eles inerente (o localismo), de traços pitorescos e humildes, confirma a tendência de Lima Barreto para penetrar no mundo da realidade, concreto, num mundo marcado pelo formigar de operários, desempregados, populares, afinal, frequentado pela massa anônima que povoa os arrabaldes e que, por norma, é esquecida pelos políticos. [...] É lícito que digamos que a obra social de Lima Barreto corresponde a uma escrita de permeabilidades, a uma identidade afetiva para com os desamparados [...] (Chaves, 2008, p. 120).

Isso nos leva a inferir que a escrita literária de Lima Barreto, mesmo mantendo um tom ficcional, é plasmada pela realidade, buscando retratá-la como forma de denúncia dos problemas que afligem sua época. Santiago (2008) nos diz que na obra barretiana ficção e realidade andam juntas. Essa ideia é corroborada por Barbosa (1987), ao afirmar que:

[...] a ficção em Lima Barreto refletia quase sempre a sua permanente inclinação para a denúncia contra as injustiças e as mazelas do sistema político e da organização da sociedade, fosse com disfarçada ironia, fosse com ostensivo escárnio, não raro o panfleto interferindo e às vezes até prejudicando o romancista. (Barbosa, 1987, p. 36)

Santiago (2008) nos diz que Lima Barreto faz uma rica descrição da cidade do Rio de Janeiro, de sua época e que sua literatura é eminentemente urbana, pois faz uma espécie de etnografia da cidade e de seus tipos sociais, mostrando que o ambiente urbano é composto por dois mundos: o espaço da norma e da suposta civilidade, ocupado pelas classes privilegiadas e o mundo da exclusão, da margem, ocupados por aqueles que são tidos como indesejados pelo sistema estabelecido. Segundo Santiago (2008), essa dualidade além de representar a cidade do Rio de Janeiro, também era bem representativa em termos de nação, durante o início do período republicano.

Santiago (2008) ainda nos diz que Lima Barreto faz um retrato do cotidiano, dando ênfase aos espaços que estão à margem, como os subúrbios, mostrando que para além da imagem de modernização que as elites pretendiam vender, a cidade do Rio de Janeiro é um caos urbano, onde se estabelecem relações e usos do espaço citadino que estão para além de um pretenso controle, que tinha intensões higienistas e que era afeito a ideais de eugenia.

Diante disso, podemos dizer que os escritos barretianos evidenciam “a organização política que assegura a elite dirigente das decisões solitárias que visam ao conjunto da sociedade, a fragilidade do “nacional” em um país onde o mito do progresso esconde a dependência cultural [...]” (Resende, p.93 apud Santiago, 2008, p. 82). Nesse sentido, Santiago (2008) nos diz que Lima Barreto era contrário a uma visão etnocêntrica, eurocêntrica e racista, que estava em voga no país, na qual o modelo europeu era tido como a referência a ser seguida e que criava uma hierarquia racial, colocando os negros em uma condição submissa. Como

exemplo de crítica a esse etnocentrismo/euro centrismo, lembramos aqui do episódio em que o personagem Major Policarpo Quaresma defende a adoção do Tupi como língua oficial do Brasil, como forma de resgatar uma identidade nacional genuína e livre da tutela europeia. Tal episódio contribui com a ruína desse personagem, lançando-o no opróbio e escárnio da sociedade da época.

Santiago (2008) ainda nos diz que Lima Barreto observa os espaços como alguém que ocupa tais espaços, um observador interno, que partilha das vivências cotidianas dos lugares descritos. Isso, na visão de Santiago (2008), coloca o escritor na contramão dos literatos de seu tempo, e reveste suas narrativas com um tom testemunhal. Os diferentes atores sociais que ocupam os espaços marginais são retratados pela Literatura de Lima Barreto e como dito:

Nesses lugares, as ruas confirmam a presença de personagens de uma outra história do viver urbano no Rio de Janeiro, em sua inquietante existência entre beleza e caos. [...] São esses homens e mulheres que irão constituir aquilo que as diferentes formas narrativas (inclusive a iconografia da época) chamam ou apresentam como “pessoas de rua” e que Lima Barreto transforma em alguns de seus personagens. [...] Além disso, apreendê-las nessa perspectiva permite elaborar uma narrativa da vida dos excluídos e mostrar suas dinâmicas e sua própria ordem nessa desordem aparente. (Santiago, 2008 p. 34-36).

Com efeito, podemos perceber que Barreto faz uso de sua ficção para desmudar a sua realidade, mostrando-a com todos os seus dilemas e percalços, criando uma narrativa dos excluídos e dos espaços marginalizados pelo sistema. Em conformidade com (Santiago), podemos inferir que diante de um projeto de modernização que estava em curso no início da República, que visava apresentar uma imagem de nação marcada pela harmonia, as instituições do período republicano buscavam anular diferentes atores e diferentes espaços que eram considerados subversivos e contrários à moral vigente.<sup>2</sup> Segundo Cuti (2011), Lima Barreto viveu em uma sociedade cheia de pensadores que tentaram provar a superioridade do homem

---

<sup>2</sup> Conforme Fausto (2009), Santiago (2008) e Schwarcz e Starling (2015), o Rio de Janeiro de *Belle Époque* foi palco de um projeto de modernização, que também tinha uma vertente higienista, marcado pela desocupação de espaços até então ocupados por classes mais humildes, para dar lugar a construção de grandes avenidas e luxuosas construções. Tal projeto escancarou o viés autoritário e excludente de tal empreendimento, uma vez que as classes consideradas aquém desse projeto foram marginalizadas para espaços afastados do núcleo de modernização. Schwarcz e Starling (2014) ainda afirmam que Lima Barreto vivenciou e era profundamente ressentido com estes acontecimentos. Vale lembrar que, nesse contexto, o Rio de Janeiro passava pela reforma empreendida pelo prefeito Pereira Passos, que buscava apresentar esta cidade aos moldes europeus, como nos mostra Nicolau Sevcenko (1989), essa reforma promoveu: “a expulsão da população humilde da área central da cidade e a intensificação da taxa de crescimento urbano, desenvolveram-se as favelas, que em breve seriam o alvo predileto dos “regeneradores”. [...] Desencadeia-se simultaneamente pela imprensa uma campanha, que se prolonga por todo esse período, de “caça aos mendigos”, visando a eliminação de esmoleres, pedintes, indigentes, ébrios, prostitutas e quaisquer outros grupos marginais das áreas centrais da cidade.” (Sevcenko, 1989, p. 33-34)

branco, apoiando-se em teorias estrangeiras.<sup>3</sup> Nesse ideário, também estava contido um projeto higienista, racista e eugenista, no qual os negros e as pessoas pobres eram indesejados e, por isso, negligenciadas e ocultadas. Tais pessoas muitas vezes eram representadas pelos jornais da época como sendo desordeiras, desocupadas e até mesmo criminosas. Vale lembrar que o próprio Barreto denunciava a utilização dos veículos de imprensa como porta-vozes de instituições e grupos e hegemônicos. Tal temática também está presente no livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (2019), no qual o narrador retrata as inúmeras hipocrisias e os interesses escusos dos órgãos de imprensa da época.

Portanto, era frente a esse quadro que Lima Barreto se sentia amargurado e transformava tal sentimento em denúncia social, através de sua literatura.

Ele utiliza a ficção como um meio de exprimir os problemas que afligem sua cidade, a sociedade Brasileira e ele mesmo. É aí que oferece pistas para a análise da história desse período, a partir de um método próprio da antropologia e da escolha de temas que são centrais para a abordagem antropológica (o papel da família e do grupo, as relações interétnicas, as práticas religiosas, a instalação da dimensão festiva, entre outros). (Santiago, 2008 p. 27)

Isto nos sugere que, para Lima Barreto, o compromisso ético de sua arte se sobrepunha aos valores estéticos, ou seja, ele compreendia que a capacidade da obra dizer sobre o mundo estava acima de sua beleza e fruição. Resumindo, para ele a arte não era um mero objeto de contemplação, mas algo que precisava nos fazer refletir. Em conformidade com essa ideia, citamos um trecho de uma conferência proferida pelo próprio Lima Barreto, intitulada de *O destino da literatura* (In Barbosa 1987) onde esse autor nos fala que o ideal da arte, a muito, deixou de ser unicamente a beleza.

Mesmo que a Grécia – o que não é verdade – tivesse por ideal de arte realizar unicamente a beleza plástica, esse ideal não podia ser o nosso, porque, com o acúmulo de idéias que trouxe o tempo, com as descobertas modernas que alargaram o mundo e a consciência do homem, e outros fatores mais, o destino da Literatura e da Arte deixou de ser unicamente a beleza, o prazer, o deleite dos sentidos, para ser coisa muito diversa. (p. 82)

Perceba como o autor evidencia sua concepção de que a arte não deve apenas buscar a beleza e a fruição estética, mas ir muito além disso. Nessa mesma conferência, Lima Barreto nos deixa claro que para ele a Literatura tem uma missão ética de comunicar e unir os indivíduos, criando uma harmonia entre eles. Para Barreto, a Literatura deveria contribuir com um mundo melhor e mais justo, conforme podemos perceber através de suas palavras citadas abaixo:

Passemos além: mais do que nenhuma outra arte, mais fortemente possuindo essa

---

<sup>3</sup> Lilian Schwarcz aborda essa questão em suas obras *Nem preto, nem branco* (2012) e *O espetáculo das raças* (1993), ao discutir sobre as teorias de eugenia que davam escopo ao discurso falacioso da superioridade branca-europeia em nosso país.

capacidade de sugerir em nós o sentimento que agitou o autor ou que ele simplesmente descreve, a arte literária se apresenta com um verdadeiro poder de contágio que a faz facilmente passar de simples capricho individual, para traço de união, em força de ligação entre os homens, sendo capaz, portanto, de concorrer para o estabelecimento de uma harmonia entre eles, orientada para um ideal imenso em que se soldem as almas, aparentemente mais diferentes, reveladas, porém, por ela, como semelhantes no sofrimento da imensa dor de serem humanos. (Barreto in Barbosa, 1987, p. 81)

Portanto, percebemos que Lima Barreto concebe o texto literário como sendo dotado de um imenso poder de comoção, capaz de fazer uma ideia abstrata se tornar sentimento para um leitor, disso decorre o grande poder comunicação da literatura. Diante de tal capacidade, Barreto (in Barbosa 1987) diz acreditar que é papel da literatura transmitir ideais que busquem a harmonia entre as pessoas e que tenham como objetivo a consecução de um mundo mais igualitário, eis a missão da literatura para esse escritor, o que pode ser percebido pelas suas próprias palavras:

Fazendo-nos assim tudo compreender; entrando no segredo das vidas e das coisas, a Literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes (sic) as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam uns dos outros. Ela tende a obrigar a todos nós a nos tolerarmos e nos compreendermos; e, por aí, nós chegaremos a amar mais perfeitamente na superfície do planeta que rola pelos espaços sem fim. O Amor sabe governar com sabedoria, e acerto, e não é à toa que Dante diz que ele move o Céu e a alta Estrela. (Barreto In Barbosa 1987, p. 85).

Tais palavras nos permitem concluir que Lima Barreto acreditava que a literatura tinha o compromisso ético de buscar uma humanidade mais justa e solidária. Esse pressuposto também é corroborado por Antonio Arnoni Prado (1989), que diz que em Lima Barreto a literatura é uma missão e escrever é um ato de inserção social, desse modo sua escrita pretende ser uma forma de denúncia contra as injustiças de sua época. A escrita literária de Barreto é, portanto, perpassada por sua compreensão social e por seus posicionamentos políticos. Portanto sobre a compreensão da arte em tal autor, Antonio Arnoni Prado nos diz que:

[...] mais do que um compromisso, a arte para ele se revestia ainda de uma espécie de aura intransferível inspirada na renúncia e na coragem, [...] Por esse lado, a arte como a literatura funcionam para Lima Barreto como um espelho revelador através do qual a obra do artista, ou do poeta, refletindo a natureza do todo, contribuem para que a vida em sociedade se aprimore e harmonize. (Prado, 1989, p. 72)

Nesse sentido, percebemos que Lima Barreto era sensível às questões de seu tempo e procurava retratá-las em sua escrita. Com efeito, Antonio Arnoni Prado (1989) classifica a literatura de Barreto em dois planos: 1) A contestação ideológica da ordem em crise; 2) O plano visionário de uma ruptura.

Diante desse quadro, Prado (1989) afirma que ler a obra literária barretiana é um exercício de reflexão histórica e que Lima Barreto ao escrever promove uma ruptura estilística com os padrões da época e se abre para uma nova maneira de escrever voltada para as fontes

populares e folclóricas, deixando de lado o compromisso com a verdade superficial das elites e percebendo as contradições de nosso país. Como dito: “Nesse sentido, a obra de Lima Barreto é aqui considerada não somente como literatura, mas sobretudo como “fonte”, no quadro de uma perspectiva que visa encontrar chaves que possibilitem revelar o cotidiano dos grupos e dos espaços Marginais” (Santiago, 2008, p. 23)

## 2.2 A literatura de Lima Barreto como denunciante de mazelas sociais da Primeira República

Prado (1989) comenta que Lima Barreto alertava que no Brasil o interesse das elites era promover o apagamento das opiniões diversas, para fazer prevalecer os seus anseios elitistas. Com efeito, Lima Barreto se colocava como um crítico do projeto hegemônico que estava em curso na Primeira República Brasileira, pois tal projeto era excludente e discriminatório. Sobre tal posicionamento de Barreto é dito que:

Basta lembrar que defendeu com tenacidade a garantia dos direitos sociais, como o direito de greve, de livre associação e de representação nacional da União Geral dos Trabalhadores, denunciando à população a repressão policial que o delegado Aurelino Leal movia à luta dos trabalhadores para garantir uma legislação que assegurasse a transição pacífica do regime de trabalho servil para o regime de trabalho assalariado. O seu alvo era então o coração das elites, “os argentários de todos os matizes, os banqueiros, os especuladores da bolsa, os fabricantes de tecidos”, todos os seguimentos das classes dominantes que – a seu ver – iam a pouco e pouco “coagindo os poderes públicos a satisfazer todos os seus interesses, sem consultar os da população e os dos seus operários e empregados”. (Prado, 1989, p. 68)

No fundo, atacava o reformismo dissimulado com que a burguesia anunciava a recuperação do país e nisso o tom inédito da crítica deixa entrever o grito de consciência inconformada com a permanência, sob a República, das mesmas forças tradicionais que faziam a estrutura de poder nos tempos ainda recentes do Império. Daí que rechace, como “hienas e chacais a serviço dos burgueses”, o bacharel e o rábula, porta vozes orgânicos dos interesses dominantes. (Prado, 1989, p. 69)

Prado (1989) diz que os personagens de Lima Barreto sonham com o projeto de emancipação do povo brasileiro, onde houvesse afirmação social e dignidade humana para os oprimidos. Um desses personagens é o Major Policarpo Quaresma, do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (2004). O major Quaresma se apresenta como uma espécie de Dom Quixote brasileiro, patriota, sonhador e ingênuo, que anseia por um país mais justo e que valorize suas raízes.

Outro personagem bem sugestivo de Barreto é o folião Morcego, presente na crônica homônima ao personagem. Nessa crônica, o autor fala sobre o carnaval, a alegria e irreverência dessa festividade. Barreto compreendia tal festim como forma de questionar a legalidade e o progresso da República. Diz ele: “Essa nossa triste vida, em país tão triste, precisa desses videntes de satisfação e de prazer; irreverência da sua alegria, a energia e atividade que põem em realiza-la, fazem vibrar as massas panurgianas dos respeitadores dos preconceitos” (Barreto,

1995, p. 80).

Observe que Barreto compreende o carnaval como uma forma de trazer alegria ao povo, diante das tristezas e amarguras propiciadas por uma república tão excludente. A euforia dos foliões, metaforicamente, seria uma forma de carnavalizar um projeto de nação que não estava logrando o tão sonhado progresso. Por sua irreverência, Morcego representava, para Lima Barreto, o desdém aos ideais positivistas, abraçados pela jovem República. Perceba isto na seguinte passagem da crônica em questão: “A vida não se acabará na caserna positivista enquanto os “morcegos” tiverem alegria...” (Barreto, 1995, p. 80)

A aversão de Barreto pela rigidez e aridez do positivismo pode ser percebida em um trecho de *Triste fim de Policarpo Quaresma* (2004):

A matemática do positivismo foi sempre um puro falatório que, naqueles tempos, amedrontava toda a gente. Havia mesmo quem estivesse convencido que a matemática tinha sido feita e criada para o positivismo, como se a Bíblia tivesse sido criada unicamente para a Igreja Católica e não para a Anglicana. O prestígio dele era, portanto, enorme. (Barreto, 2004, p. 113).

Com efeito, Barreto julgava que a aridez positivista não atendia aos anseios da população marginalizada. Diante disso, Prado (1989) revela que Barreto era avesso ao sistema positivista, que servia de escopo filosófico para o sistema em voga naquele período. É importante lembrar que Benjamim Constant, um dos grandes ideólogos do novo regime republicano, era discípulo da filosofia de Auguste Comte e das ideias positivistas de ordem e progresso, que ficaram estampadas na bandeira da República.

Uma das formas de Barreto contrapor a fria racionalidade do positivismo, era colocando a loucura como uma possível forma de questionar os padrões estabelecidos e repensar a ordem das coisas. Na crônica *Elogio à morte* (Barreto, 1995), Lima Barreto diz que foram os indivíduos tidos por loucos que fizeram as grandes reformas do mundo. Isto porque eles não comungavam do status vigente das coisas, e eram vistos como desajustados. Nesse sentido, em conformidade com (Chaves, 2008), podemos dizer que a loucura é vista por Barreto não apenas como um estado patológico, mas como uma possível postura de insatisfação perante o Status Quo vigente. Nesse mesmo texto, o autor ainda fala sobre a tentativa de silenciar os excluídos: “Entretanto, no Brasil, não se quer isto (o diálogo). Procura-se abafar as opiniões, para só deixar em campo os desejos dos poderosos e prepotentes. (Barreto, 1995, p. 49)

Podemos perceber que, na compreensão de Lima Barreto, o estado Republicano Brasileiro já surge falido em seu compromisso de atender as demandas do povo, pois ainda mantinha antigas estruturas de privilégios, provenientes do Império. Conforme Fausto (2009) Starling e Schwarcz (2015), o clientelismo político e os privilégios de oligarquias são constantes

no início do período republicano, podendo ser encarados como marcas desse período. Sobre a utilização das estruturas do estado, por parte de grupos políticos, para o favorecimento pessoal, um trecho em que Lima Barreto retrata o Brasil em tom satírico é bem interessante, diz ele:

Não há lá homem influente que não tenha, pelo menos, trinta parentes ocupando cargos do Estado. Não há lá político influente que não se julgue com direito a deixar para os seus filhos, netos, sobrinhos, primos, gordas pensões pagas pelo Tesouro da República. No entanto, a terra vive na pobreza; os latifúndios abandonados e indivisos; a população rural vive sugada, esfomeada, maltrapilha, macilenta, amarela, para que, na sua capital, algumas centenas de parvos, com títulos altissonantes, doutores disso e daquilo gozem vencimentos, subsídios, duplicados e triplicados, afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem, empregando um grande palavreado de quem vai fazer milagre”. (Barreto apud Barbosa, 1987, p. 40).

Perceba que, nesse trecho, Lima Barreto já denuncia uma prática antiga, porém ainda recorrente, o nepotismo, que se constitui como o uso do estado para favorecimento familiar. A utilização do estado com fins de favorecimento pessoal era uma tônica no Brasil Republicano, assim como o apadrinhamento político, que consistia na concessão de favores a uns poucos escolhidos, por determinado político, tal prática é denominada de clientelismo e denunciada na citação acima.

Além do favorecimento, ilícito de poucos, Lima Barreto também era profundamente ressentido com o charlatanismo político, que poderia ser expresso pelas falsas promessas e pela insensibilidade dos governantes. Um trecho do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (2004) é bem sugestivo nesse sentido, pois ele evidencia as falsas promessas dos governos e suas incapacidades em atender às demandas populares, diz ele:

Os governos, com os seus inevitáveis processos de violência e hipocrisias, ficam alheados da simpatia dos que acreditam nele; e demais, esquecidos de sua vital impotência e inutilidade, levam a prometer o que não podem fazer, de forma a criar desesperados, que pedem sempre mudanças e mudanças. (Barreto, 2004, p. 117).

Note que a incapacidade dos governos em cumprir as promessas levam à insatisfação popular e aos pedidos por mudança, constantemente silenciados durante a Primeira República (1889-1930), basta lembrar que tal regime sufocou inúmeros movimentos de contestação como a Revolta da Vacina e Canudos, conforme dito por Boris Fausto (2009), Lilia Schwarcz e Starling (2015). Logo o silenciamento, promovido pelo estado, tornava invisível grande parte da população, que amargava a condição de miserabilidade, enquanto uma pequena elite celebrava sua opulência. Sobre tal contexto é dito que:

Marco paralelo e complementar foi a expulsão da população pobre que habitava a região central e a destruição dos “cabeças de porco”. Era a ditadura do “bota-abaixo”, que demolia casas, cortiços e os hotéis baratos – os “zungas”, ou os “caixotins humanos”, conforme definição do escritor negro Lima Barreto, ele próprio habitante dos subúrbios cariocas e testemunha crítica desse momento. (Schwarcz e Starling, 2015, p. 327).

A condição de miséria da população também é retratada nos romances de Barreto. Em um trecho de *Triste fim de Policarpo Quaresma* (2004), Olga, uma das personagens, se impressiona com a condição de miséria da população:

O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. Educada na cidade, ela tinha dos roceiros ideia de que eram felizes, saudáveis e alegres. Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapê sinistro e aquele “sopapo” que deixava ver a trama de varas, como o esqueleto de um doente. Por que, ao redor dessas casas, não havia culturas, uma horta, um pomar? Não seria tão fácil, trabalho de horas? E não havia gado, nem grande nem pequeno. Era raro uma cabra, um carneiro. Por que? Mesmo nas fazendas, o espetáculo não era animador. Todas soturnas, baixas, quase sem o pomar olente e a horta suculenta. A não ser o café e um milharal, aqui e ali, ela não pôde ver outra lavoura, outra indústria agrícola. Não podia ser preguiça ou indolência. [...] Seria terra? Que seria? E todas essas questões desafiam a sua curiosidade, o seu desejo de saber, e também a sua piedade e simpatia por aqueles párias, maltrapilhos, mal alojados, talvez com fome, sorumbáticos! ... (Barreto, 2004, p. 95-96)

Notamos que a personagem Olga sai de seu estado de alheamento e passa a se questionar o porquê do sofrimento e miserabilidade daquelas pessoas, que permaneciam invisíveis aos olhos do sistema. Olga ainda se perguntava sobre a ausência de plantações e criação de animais, e ficou perplexa diante das habitações precárias dos moradores feitas de sapê. Os questionamentos de Olga vão sendo respondidos na própria obra de Barreto. Nesse mesmo romance, o autor fala sobre as condições precárias dos escravos libertos e seus descendentes, que, segundo Schwarcz (2017), não foram inseridos na sociedade após a abolição da escravidão.

Na crônica *Variações* (Barreto, 1995), Lima Barreto reflete sobre os problemas urbanos das habitações e as condições precárias da população pobre e marginalizada. Barreto propõe que uma possível solução para esse problema seria uma distribuição de terras para que a população pobre tivesse condições de ocupar o campo e produzir, no entanto, ele constata que isso não é realizado.

Ainda nessa crônica, o autor reflete sobre o problema urbano da habitação e os preços altos de aluguéis. Ele relata a situação de demolição de prédios antigos, que certamente serviriam de moradia para os mais necessitados. Barreto fala sobre a vergonha que as pessoas das classes altas sentem da favela e constata que a municipalidade não procura suprir as carências das cidades, mas investe em futilidades, como a construção de um hipódromo, aos moldes dos hipódromos franceses. Assim o autor nos faz perceber que o crescimento das cidades e o seu desenvolvimento estrutural não acompanham o desenvolvimento social, deixando os mais necessitados à margem do processo de modernização urbana. Barreto também denuncia a impotência do governo em resolver o problema da carestia dos preços, revelando

que tal governo está alheio às demandas populares e subserviente aos privilégios elitistas. Segundo Vejmelka (2008), no fim do século XIX e início do século XX, os governos sul-americanos tinham como objetivo modernizar suas cidades, aos moldes da Europa.

Conforme vimos, Lima Barreto refletia esse contexto em sua literatura, evidenciando a exclusão da população pobre, sobretudo os negros, das benesses de tal modernização. Como Santiago (2008) nos mostrou, Barreto traçou um retrato crítico do Rio de Janeiro de sua época, tal retrato era bastante representativo do que era a sociedade brasileira naquele período. Sobre o processo que buscou modernizar o Rio de Janeiro é dito que:

O Rio de Janeiro cedo passou a cultivar um ideário de gosto e comportamento de capital europeia, como que ignorando mesmo a realidade agrária e a sociedade escravista do país. Feita a independência, eliminada a escravidão e proclamada a República, cabe ao governo modernizar o país, e isto só seria feito modernizando-se a capital. [...] Ao prefeito Pereira Passos caberia a tarefa de modernizar a cidade, torna-la atraente aos olhos europeus, mas também a tarefa de domesticá-la, instaurando a ordem para que o Rio de Janeiro se apresentasse como uma cidade cartão-postal da Belle-époque, onde não aparecesse, a turvar a imagem, o Brasil pobre, o Brasil negro, o Brasil mulato. (Resende, 1993, p. 39 e 28 apud Vejmelka, 2008, p. 201-202).

Como podemos perceber, havia, por parte dos governos da época, a pretensão de vender para o exterior a imagem de um Rio de Janeiro moderno e civilizado. Para isso, os governantes julgavam que era necessário esconder o passado de escravidão, excluindo a população negra e varrendo-a para as margens do espaço urbano. Não havia um plano de inclusão dessa população, mas, ao contrário, um projeto higienista, que buscava excluir aqueles que eram tidos como indesejados.

O descaso do governo brasileiro também é notado quando Lima Barreto analisa a condição da mulher, durante o período inicial da república. Segundo Barbosa (1987), a condição feminina também é uma temática muito recorrente na obra barretiana. Na crônica *Tenho esperança que...* (Barreto, 1995), esse autor observa o fluxo em uma escola normal e passa a refletir sobre a condição da educação oferecida às mulheres, pelos governos. Ele fala sobre a docência e sobre a missão de ensinar e relata a dificuldade de as moças entrarem no curso normal, apontando para a necessidade de o governo criar escolas. Barreto diz que a instrução das jovens seria importante, pois mesmo aquelas que não pudessem entrar como docentes nas escolas públicas teriam a opção de buscar uma rede privada para lecionar ou atuar diretamente na educação dos próprios filhos, ensinando-os os conteúdos escolares. O autor chama diretamente atenção para o sistema educacional excludente e denuncia o descaso do governo federal e municipal. É preciso ressaltar que a educação oferecida pela escola normal, naquele contexto, ainda era muito elitista e a ideia da mulher se educar para cuidar da formação dos filhos reforça ainda mais o caráter patriarcalista presente naquela sociedade, e, infelizmente,

ainda presente nos dias atuais.

Na crônica *Quereis encontrar marido? – Aprendei!...* (1995) Barreto protesta contra as leis que não permitem que as mulheres exerçam cargos públicos. Ele fala em um caso de um ministro da fazenda que indeferiu um pedido de uma moça para se inscrever em um concurso público. Barreto fica indignado com a situação de inferioridade que é imposta à mulher naquela sociedade. O título provocativo da crônica pode ser considerado uma crítica à visão da época, que considerava que a sorte de uma mulher dependia exclusivamente de um bom casamento, já que tal mulher seria provida por seu marido. A essa visão, Barreto se mostra profundamente contrário e defende a ocupação das mulheres em cargos públicos e em diversos setores da sociedade, como forma de romper com uma lógica que coloca as mulheres na condição de subserviência.

Já na crônica *Mais uma vez* (Barreto, 1995), Lima Barreto demonstra indignação perante um caso de feminicídio, em que o marido tira a vida da esposa por conta de um suposto adultério cometido por esta. Barreto diz que na “hipócrita sociedade” parece que se estabeleceu o direito de o marido perpetrar tal crime, quando se sente traído. Barreto ainda constata que tal situação ocorre em todas as classes sociais, naquele contexto. Ele cita como exemplo o assassinato de uma prostituta, cometido pelo seu amante, que era também cafetão. Ouvindo a conversa de outras prostitutas, Barreto concluiu com indignação que nenhuma delas demonstrava compaixão com a mulher morta, porque todos supunham que ela era adúltera e culpada, já que supostamente tinha um caso com o cafetão.

Conforme é possível perceber na crônica em questão, a sociedade daquela época perdoava o uxoricídio, que é o assassinato da esposa pelo marido, quando esse entende que foi traído. Nesse caso, a honra masculina era colocada acima da vida da mulher. Inclusive Barreto nos relata que advogados renomados da época defendiam tal prática e tal argumento para inocentar clientes. Barreto diz também que até mesmo supostas feministas de sua época se calavam diante de tal atrocidade. O autor considera uma barbárie achar justo que o marido possa tirar a vida da mulher, por julgar essa adúltera. Barreto ainda diz temer que seja criada uma lei que legalize o assassinato de uma mulher adúltera, por parte seu conjugue.

A crônica, intitulada *a lei* (Barreto, 1995), é outra crônica em que o autor reflete a condição da mulher em sua época. Ao analisar um caso jurídico, ele fica indignado com a lei que retiraria a guarda filial de uma mulher solteira por ela ter outra criança, de um outro relacionamento. Ao tentar fazer um aborto, mal sucedido, a mulher grávida e a parteira são condenadas pela lei, além de serem execradas pela opinião pública. A parteira se mata diante de tal situação. O autor questiona a lei ao dizer: “Refletamos, agora; não é estúpida a lei que,

para proteger uma vida provável, sacrifica duas? Sim, duas porque a outra procurou a morte para que a lei não lhe tirasse a filha. De que vale a lei?” (Barreto, 1995, p. 84)

Portanto, nas crônicas *Tenho esperança que...*, *Quereis encontrar marido? – Aprendei!...*, *Mais uma vez*, e *A lei*, Lima Barreto nos mostra a difícil condição da mulher durante a Primeira República. Os episódios relatados nessas crônicas nos fazem perceber como as mulheres eram ignoradas por leis que não as protegiam. O que evidencia uma sociedade machista, misógina e patriarcal, na qual as mulheres eram extremamente oprimidas e minimamente protegidas pelo estado. Conforme Barreto nos mostra na crônica *Mais uma vez...*, o homem encontrava proteção legal para atentar contra a vida de sua esposa, já que o assassinato em nome da suposta defesa da “honra” era perdoado. Esse quadro triste se resume na crônica *Não as matem* (Barreto, 1995), em que Barreto critica o machismo presente na sociedade, após ele relatar casos de mulheres assassinadas. O autor relata que em seu contexto os homens não respeitam a vontade das mulheres e diz “Deixem as mulheres amar à vontade. [...] “Não as matem, pelo amor de Deus”! (Barreto, 1995, p. 101). As denúncias feitas nessas crônicas nos permitem não só pensar a condição das mulheres naquele contexto, mas também possibilitam a reflexão sobre os dias atuais. Embora muita coisa tenha mudado, é necessário avançarmos ainda mais em questões relacionadas à igualdade de gênero, pois nada justifica uma mulher receber menos do que um homem, quando ambos prestam o mesmo serviço. Nada justifica as altas taxas de feminicídio e diversas formas de violência que vitimam as mulheres em nossa sociedade, todos os dias. Precisamos pensar e agir para mudar essa dura realidade. Sendo assim, não restam dúvidas que os escritos barretianos nos interpelam a cerca dessas questões.

Com efeito, podemos perceber que, na visão de Lima Barreto, o projeto de república estava atendendo apenas a uma pequena parcela da sociedade, sua elite. Isso causava uma grande insatisfação e revolta nesse autor, que fazia de sua escrita uma forma de denúncia social. Na data de comemoração de aniversário da República, Lima Barreto questiona: “Não será, pensei de mim para mim, que a República é o regime da fachada, da ostentação, do falso brilho e tudo de parvenu (novo rico), tendo como repousoir (contraste) a miséria geral? (Barreto, 1995, p. 96).

Destarte, a noção de que o “progresso” do país e sua modernização estavam sendo construídos à custa da miséria e esquecimento de sua população pobre está presente na crônica *Pais rico* (1995). Nesse texto, Barreto constata de forma irônica que o Brasil é um país rico, porém a população pobre não desfruta dessa riqueza. Diante desse panorama, o governo justifica seu descaso utilizando o discurso de falta de verbas. O autor chama atenção para a negligência do governo com a população de rua, com a educação e com a segurança, sob a

alegação de que não há verbas. Frente a esse panorama, Barreto lamenta que a classe política e os detentores de poder usufruam de tantos privilégios, em detrimento de uma população que era esquecida e marginalizada.

Como vimos, Barreto pretendia dar visibilidade às injustiças de sua época, com isso esse autor trazia à luz grupos que até então eram invisibilizados pelo sistema republicano. Disso decorre que um dos grandes temas trabalhados na escrita de Lima Barreto foi a condição dos negros no período pós-abolição. Diante disso, buscaremos, no tópico subsequente, entender a condição do negro na Primeira República a partir da literatura de Lima Barreto, sobretudo a obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (2019), que, por ter um tom denunciativo, buscava retratar tal condição, como forma de desvelar o quão excludente era o estado republicano de sua época.

### *2.3 Por entre escritos literários: pensar o negro na Primeira República*

Lima Barreto observava um processo de modernização em curso no Brasil de sua época, que varria para a margem sua população negra. Ao passo que o Brasil adentrava cada vez mais no cenário internacional do capital e começava a dar os primeiros passos no processo de industrialização, parte de sua população, sobretudo os ex-escravizados, era negligenciada pelo sistema vigente. Lilia Schwarcz (2017) diz que a escrita literária de Lima Barreto tem caráter autobiográfico, o que dá um tom testemunhal e denunciatório a sua escrita. Negro e neto de escravos, Lima Barreto também se enxergava nessa condição de pessoa marginalizada pelo estado.

É bom lembrar que nesse momento em que se aguça no jovem Lima Barreto a consciência de sua marginalização, o surto econômico que inaugurava a República sintoniza o Brasil com a finança internacional, passando a submetê-lo às imposições do comércio exterior e ao aperfeiçoamento do tráfego mercantil financeiro. Aos olhos do rapaz que circulava pelos trens do subúrbio, atento para as marcas sociais do sofrimento estampado no rosto das pessoas, a massa desempregada de ex-escravos fazia contraste com o panorama da agitação cada vez maior do trabalho livre estimulado pela imigração subvencionada, que fazia eclodir nos grandes centros a ânsia de enriquecimento e prosperidade material. Testemunha dessa contradição e contemporâneo de um desenvolvimento sem precedentes no comércio externo (o Brasil tornava-se o maior produtor mundial de matérias-primas e gêneros tropicais), o jovem leitor de Kropotkin via com preocupação o avanço do jogo liberal que trazia para cá, além do capital industrial estrangeiro, as primeiras filiais dos grandes bancos da Europa e dos Estados Unidos (Prado, 1989, p. 64).

Conforme dito por Lilia Schwarcz (2017) a abolição da escravatura, ocorrida em 13 de maio de 1888, não trouxe consigo um plano de inserção social para os libertos, deixando-os sem nenhuma perspectiva de construir uma vida digna. Disso resultou inúmeros problemas,

como a massa desempregada de ex-escravos, presenciada por Lima Barreto e aludida na citação acima. Santiago (2008) nos diz que Lima Barreto associava sua história de vida e de dificuldades à história de sua cidade, o Rio de Janeiro, onde os pobres e os negros eram excluídos do direito de uso dos espaços urbanos e do mercado de trabalho.

O dia 13 de maio é uma data extremamente simbólica para Barreto, pois além de ser o dia de seu aniversário, também seria, sete anos mais tarde, o dia da abolição. Em uma crônica denominada *Maio* (Barreto, 1995), o autor fala sobre o entusiasmo que houve com a abolição da escravatura a 13 de maio de 1888. Ele relata que tinha 07 anos e presenciou todas as festas e alegrias desse dia. Barreto diz que a ideia de liberdade ficou presente em todo o país. No entanto, essa crônica nos mostra, em tom lírico, o estado de espírito melancólico do autor e seu desencanto diante da situação dos escravos libertos, que não foram alocados na sociedade e ficaram esquecidos pelo poder público.

Oh! O tempo! O inflexível tempo, que como o Amor, é também irmão da Morte, vai ceifando aspirações, tirando presunções, trazendo desalentos, e só nos deixa na alma essa saudade do passado às vezes composta de coisas fúteis, cujo relembrar, porém, traz sempre prazer. [...] E assim se faz a vida, com desalentos e esperanças, com recordações e saudades, com tolices e coisas sensatas, com baixeiras e grandezas, à espera da morte, da doce morte, padroeira dos aflitos e desesperados... (Barreto, 1995, p. 130-131).

O estado de perda de esperanças e desalento do autor se deve à constatação de que a abolição, apesar de representar um grande avanço legal, não trouxe uma melhoria significativa na vida dos escravizados e de seus descendentes. Barreto relata que em suas lembranças da infância a abolição foi vista como uma grande esperança de liberdade por todos os escravizados e pelos defensores da justiça social. Ele também nos conta que teria ido acompanhar a assinatura da abolição com seu pai, *in loco*, no Palácio do Rio de Janeiro. Este episódio é descrito pelo autor da seguinte forma:

Havia uma imensa multidão ansiosa, com o olhar preso às janelas do velho casarão. Afinal a lei foi assinada e, num segundo, todos aqueles milhares de pessoas o souberam. A princesa veio à janela. Foi uma ovação: palmas, acenos com lenço, vivas...Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Em geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia. Julgava que podíamos fazer tudo que quiséssemos; que dali em diante não havia mais limitação aos propósitos da nossa fantasia. (Barreto, 1995, p. 128).

Perceba que o autor fala do clima de euforia e entusiasmo que houve no momento da assinatura da abolição, pela Princesa Isabel, filha de D. Pedro II, o então imperador do Brasil. A ideia de liberdade deixa forte marca na mente do menino de sete anos, que mais tarde vai percebendo que a liberdade jurídica, conquistada pelos escravizados ainda esbarrava nas amarras impostas por uma sociedade injusta, preconceituosa e desumana. Segundo José Murilo

de Carvalho (2012), a incorporação dos escravos aos direitos civis ocorreu de maneira mais formal do que real, uma vez que a sua libertação não trouxe igualdade efetiva, pois a igualdade é negligenciada na prática e no cotidiano.

Cuti (2011) nos diz que se não era possível manter a escravidão em termos formais, a elite branca da época buscava manter uma superioridade material e ideológica, decorrente do sistema escravista. Assim, a liberdade legal encontrou obstáculos para se efetivar. Diante disso, Lima Barreto diz: “Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis!” (Barreto, 1995, p. 129). Portanto, nesse texto, Lima Barreto nos mostra os sentimentos nele suscitados pelo 13 de maio, como sua euforia inocente de criança, que esperava um grande futuro para si e para seu povo, vai dando lugar ao desalento do adulto que constata a dificuldade de os negros conseguirem espaço e dignidade em uma sociedade hostil e preconceituosa. Nessa crônica, Barreto fala de sua condição, das dificuldades que enfrenta para se inserir socialmente, mas também fala da condição de todo povo negro, que anseia por justiça social. Assim, o mês de maio para o autor representa a lembrança de sua infância e da euforia, tolhida pelo peso da realidade. No entanto, esse mês também renova a esperança de dias melhores. Perceba isto na seguinte passagem da crônica:

O mês agosto e sagrado pela poesia e pela arte, jungido eternamente à marcha da Terra, volta; e os galhos da nossa alma que tinham sido amputados – os sonhos, enchem-se de brotos muito verdes, de um claro e macio verde de pelúcia, reverdecem mais uma vez, para de novo perderem as folhas, secarem, antes mesmo de chegar o tórrido dezembro. (Barreto, 1995, p. 131).

É possível perceber que mesmo diante do desalento e da desilusão, provocados pelo fim da expectativa de uma melhoria significativa na vida dos ex-escravos, o autor ainda preserva um tênue sentimento de esperança, que se renova a cada mês de maio. Sobre essa simbologia do 13 de maio, Lilia Schwarcz percebe que “o 13 de maio ficaria gravado como data simbólica na memória de Lima. Seria vivenciado, como vimos, primeiro como uma alegria infantil, depois como promessa, e por fim como desilusão e infortúnio” (Schwarcz, 2017, p. 95). A desilusão de Barreto está em conformidade com a realidade acerca da abolição, uma vez que, para além do plano formal, a libertação dos escravos não os garantiu melhorias de vida, nem acesso à cidadania. Sobre isto, José Murilo de Carvalho nos lembra que:

No Brasil, aos libertos não foram dadas nem escolas, nem terras, nem empregos. Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas, para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os descendentes de escravos ainda viviam nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo. Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados pelos milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá,

os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos. [...] As consequências disso foram duradouras para a população negra. Até hoje essa população ocupa posição inferior em todos os indicadores de qualidade de vida. (Carvalho, 2012, p. 52)

Fazendo a leitura de tal contexto, o romance *Memórias do Escrivão Isaías Caminha* (2019) expressa a dificuldade que os negros enfrentavam para se inserirem na sociedade, no contexto da Primeira República. Nesse romance de tom autobiográfico, Barreto retrata os dilemas enfrentados por Isaías Caminha, personagem negro, que sonhava com ascensão social, mas tinha seus sonhos tolhidos por uma sociedade excludente, cujas estruturas de estado eram utilizadas para fins particulares. Sobre este romance é dito que [...] Recordações do escrivão Isaías Caminha é a história de um jovem de condição humilde, que luta por conquistar um lugar ainda que modesto, na sociedade, cuja engrenagem o comprime a ponto de quase esmagá-lo. (Barbosa, 1987, p. 37)

Ao longo de todo romance, Caminha vive atormentado com o peso do preconceito que recai em suas costas. De maneira hedionda, a sociedade de sua época considerava a negritude como sendo algo degradante e aviltante, um estigma social. Como nos lembra Lilia Schwarcz (2012), a cor da pele era um fator determinante na classificação social da época. Essa autora nos mostra que no século XIX o darwinismo social colocava o fenótipo como definidor dos atributos morais dos indivíduos. Pensadores como Gobineau, Le Bon e Taine partiam desses pressupostos para fundamentar uma classificação determinista da sociedade, que colocava uma raça como superior a outra, em uma verdadeira escala hierárquica.

Lilia Schwarcz (2012) relata que em um concurso promovido pelo IHGB (Instituto Histórico e Geográfico do Brasil) em 1846, que tinha o objetivo de escrever uma história, dita oficial, para o Brasil, o alemão Carl Von Martius defendeu a ideia de que o Brasil poderia ser definido por sua mistura de raças e que estas viviam pacificamente. Martius utilizava-se da imagem de um rio, que metaforicamente representaria a herança portuguesa. O rio que representava a cultura portuguesa, que na concepção de Martius, deveria absorver outros dois rios menores, o rio da cultura indígena e africana. Com isso, Martius estabelecia uma hierarquia cultural, colocando a cultura portuguesa como sendo a mais importante, seguida pela cultura indígena e, por fim, a africana, que foi colocada por Martius como último grau da escala hierárquica das raças. Essa visão contribuiu imensamente com a naturalização das desigualdades em nosso país.

Diante desse contexto discriminatório, Isaías Caminha sonhava com o título de doutor, para amenizar a situação de preconceito em que vivia, já que um título acadêmico era sinal de distinção social nessa época.

Na crônica *A volta* (Barreto, 1995), ele critica o projeto de modernização do Rio de Janeiro. Nesse texto, é exposta a situação dos afrodescendentes que migraram para a cidade e viviam em situação precária, além disso eram tidos como indesejáveis. “Ninguém os viu lá, ninguém quis melhorar a sua sorte no lugar que o sangue dos seus avós regou o eito. Fascinaram-nos para a cidade e eles agora voltam, voltam pela mão da polícia como reles vagabundos.” (Barreto, 1995, p. 96)

Nesse trecho, Barreto nos mostra como os governos da época faziam pouco caso da situação dos afrodescendentes, que eram marginalizados, sem trabalho, sem moradia, tornavam-se invisíveis diante do poder público. Na verdade, Barreto denuncia o projeto de higienização e branqueamento racial que estava em curso, e que era camuflado sobre o nome de “modernização”. Ao comparar o processo de “modernização” do Rio de Janeiro com Buenos Aires, ele, em tom irônico, diz o seguinte:

A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital argentina tem longas ruas retas; a capital argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos”. (Barreto, 1995, p. 96)

Nessa citação, o autor ironiza a mentalidade da época e critica os projetos de copiar as ditas “modernidade e civilidade” de Buenos Aires, e a busca institucionalizada de promover o embranquecimento da população do Rio de Janeiro, sob a alegação de modernizar as ruas da cidade. Além disso, Santiago (2008) nos lembra que as intervenções no espaço urbano do Rio de Janeiro acarretavam um esquecimento, ou até mesmo menosprezo pelos subúrbios, que tido como o lugar ocupado majoritariamente por pessoas negras. Um personagem do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (2019) fala sobre sua impressão a respeito das intervenções urbanas feitas na cidade do Rio de Janeiro: “Então de uns tempos para cá parece que essa gente está doida; botam abaixo, demolem casas, levantam outras, tampam umas ruas, abrem outras... Estão doidos” (Barreto, 2019, p. 92).

Percebemos que o personagem demonstra sua incompreensão diante dos projetos que buscavam demolir casebres e construir residências modernas, com o objetivo de transformar o Rio em uma cidade pomposa e semelhante às metrópoles europeias. No entanto, tal projeto não levou em consideração as populações pobres, que em muitos casos foram obrigadas a ocupar outros lugares da cidade, à margem desse processo dito civilizatório. Diante disso, podemos dizer que no Rio de Janeiro da *Belle Époque* buscava-se mostrar a imagem de uma cidade que mergulhava no progresso e na modernização, com suas avenidas amplas e sofisticadas, esquecendo, ou apagando a vida dos subúrbios.

A partir de Schwarcz (2012), é possível perceber que as ideias de branqueamento da população brasileira eram uma constante durante a Primeira República. Essa autora nos mostra alguns casos, nos quais essa ideia foi propalada por pensadores desse período, como o médico João Batista de Lacerda, que defendia que os mestiços desapareceriam do Brasil em um determinado período de tempo. Em um estudo, ele diz o seguinte: “É lógico supor que, na entrada do novo século, os mestiços terão desaparecido no Brasil, fato que coincidirá com a extinção paralela da raça negra entre nós”. (Lacerda apud Schwarcz, 2012, p. 24). Já o antropólogo Roquete Pinto previa, no I Congresso Brasileiro de Eugenia, que em 2012 o Brasil teria uma população composta por 80% de brancos e 20% de mestiços, sem nenhum índio ou negro. Por sua vez, o catedrático da faculdade de medicina do Rio de Janeiro, Renato Khel, defendia a esterilização da população negra. Perceba como esses acadêmicos defendiam o branqueamento da população como algo desejável, algo que revela como a mentalidade da república brasileira foi sendo construída a partir de pressupostos racistas. Sobre essa temática é dito que:

Sobretudo a mestiçagem era considerada um grande mal; quase uma sina local. Afinal, teorias como o darwinismo racial e mesmo a antropologia criminal de Cesare Lombroso faziam muito sucesso no país. Supunha-se que as raças correspondiam a dados essenciais e fixos, e que a humanidade se dividia a partir delas em hierarquias naturais. Ou seja, cada raça teria potenciais distintos e inalteráveis, estando os brancos caucasianos no topo da pirâmide social e evolutiva, e os negros na base. Contudo, piores que as raças puras seriam as mestiçadas, as quais, de acordo com esses mesmos teóricos, eram passíveis de todo tipo de “degeneração hereditária”. Segundo profissionais brasileiros como Nina Rodrigues, médico da Faculdade de Medicina da Bahia, os mestiços estariam mais propensos à criminalidade, à loucura e a outros “estigmas” próprios de seu grupo racial. Não por acaso, em 1894 Nina Rodrigues publicou o livro *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, propondo a existência de dois códigos penais, um para brancos e outro para negros, adaptados aos “graus de evolução de cada grupo” (Schwarcz e Starling, 2015, p. 329).

Com essas palavras, podemos compreender como o racismo no Brasil foi construído a partir de discursos que buscavam estigmatizar os negros e seus descendentes, atribuindo a eles uma suposta degeneração, que, na ideia dos pensadores racistas do sistema, deveria ser extirpada da sociedade. Portanto, havia, claramente, nessa sociedade um ideal de branqueamento da população, estruturado por discursos pseudocientíficos, como o darwinismo racial. Diante desse quadro, notamos formas institucionalizadas e estruturais de racismo, que foram herdadas do período imperial e que se tornaram explícitas desde o início da República. Assim, as promessas de instauração de uma república como forma de buscar maior participação política e isonomia, o que segundo Fausto (2009) eram as alegações para se implantar tal sistema, se mostraram baldadas.

A incapacidade do governo republicano em cumprir as promessas de igualdade social

levaram à insatisfação popular e aos pedidos por mudança, constantemente silenciados durante a Primeira República, basta lembrar que tal regime sufocou inúmeros movimentos de contestação como a Revolta da Vacina e Canudos, conforme dito por Boris Fausto (2009). Logo o silenciamento, promovido pelo estado, tornava invisível grande parte da população, sobretudo a população negra, que amargava a condição de miserabilidade, enquanto uma pequena elite celebrava sua opulência. Esse contraste social entre opulência e miséria era nitidamente notado nas grandes cidades do país, como Rio de Janeiro e São Paulo. “Nas cidades, o quadro se tornava ainda mais chocante, visto que a miséria geral da população contrastava vivamente com os palácios, avenidas, parques e jardins de Regeneração” (Sevcenko, 1989, p. 187).

Sobre a condição dos escravizados libertos, um diálogo entre Olga, afilhada de Policarpo Quaresma, e Felizardo, escravo recém liberto, que trabalhava na fazenda de Quaresma, é bem revelador. Olga pergunta a Felizardo se ele e seus parentes não cultivam alimentos, ao que o trabalhador responde, em meio à labuta: “Terra não é nossa... E “frumiga”?... Nós não “tem” ferramenta... isso é bom para italiano ou “alamão”, que governo dá tudo... Governo não gosta de nós...” (Barreto, 2004, p. 96)

Portanto, a fala de Felizardo é bem sugestiva sobre a temática da condição dos escravos recém libertos. Tal fala revela a percepção que os afrodescendentes tinham de sua condição e da forma como eram tratadas pelo governo da época. Em conformidade com a percepção de Felizardo, Schwarcz (2017) e (2012) nos diz que a libertação não ofereceu nenhum plano de inserção social para os escravos recém libertados. Além disso: “Libertação era entendida pelos proprietários de escravos e pelo estado como uma espécie de presente; desses que se “recebem” e que “impõem” a obrigação de demonstrar gratidão e retribuir. (Schwarcz, 2017, p. 69)

Também nesse período tivemos o grande fluxo de imigrantes para o país, incentivado pelo estado, que segundo Schwarcz (2012), tinha como um de seus objetivos promover o clareamento da população. Diante disso, a fala de Felizardo revela que o governo da época não oferecia nenhuma estrutura para os ex-escravizados. Felizardo se queixa da falta de incentivo para o plantio, pois o governo não oferecia nem mesmo as ferramentas de trabalho, o que na visão do personagem, estava sempre ao alcance dos imigrantes europeus, que eram preteridos em detrimento dos ex-escravizados.

Essa visão de Felizardo também está em conformidade com a crônica *Problema vital* (Barreto, 1995), de Lima Barreto, pois nessa crônica o autor faz uma análise da vida dos moradores do campo, chamados de roceiros, que em boa parte eram descendentes de escravos, e constata a falta de condições dessas pessoas, diante de um estado que nada faz para melhorar

tal situação. Segundo Barbosa (1987) Lima Barreto atacava a oligarquia mineiro-paulista<sup>4</sup>, pois para ele tal oligarquia era responsável por uma política de valorização excessiva do café e de construções de grandes obras públicas, que na sua visão prejudicavam o trabalhador rural, que não tinha sua força de trabalho valorizada e era abandonado pelo estado. Como dito: “Os patriarcas republicanos mostraram-se sempre ciosos em manter a hegemonia de São Paulo e Minas Gerais, mas preocupados com a ordem, em defesa da própria sobrevivência, que com o progresso, objetivo mais difícil de ser atingido”. (Barbosa, 1987, P. 34)

Ainda na crônica citada acima, Barreto diz que a má alimentação, as vestimentas inadequadas, como falta de calçados, e as moradias precárias são problemas que agravam a situação dos roceiros. Barreto nos lembra que a cabana de sapê tem origem na escravidão e as pessoas que constroem casas de sapê são geralmente agregadas de uma fazenda e não podem construir uma casa de telhas, tanto pela condição financeira, quanto pela questão legal, já que se construíssem ameaçariam a posse dos fazendeiros. Portanto, isso explicaria parte da situação presenciada pela personagem Olga, que fica perplexa diante da precariedade das habitações dos roceiros. Nessa mesma crônica, o autor examina a lei que obriga os fazendeiros a construírem casas para seus agregados e constata que a situação ficaria na mesma, pois ao construir as casas os fazendeiros irão tirar essas despesas dos salários de seus agregados. Diante disso, Lima Barreto conclui que o problema de saúde, que acomete boa parte da população pobre, não é apenas questão médica, mas social. Assim, Barreto propõe uma divisão de terras, algo semelhante a uma reforma agrária.

Outro texto de Lima Barreto que nos mostra a situação de preconceito enfrentada pelos afrodescendentes é o conto *O moleque* (1951). Já no início desse conto, Barreto começa a retratar os barracões, moradias humildes onde viviam a população pobre, em sua maioria negra. O autor nos apresenta a personagem Bahiana, mulher negra que criava uma menina branca, que era discriminada por seus colegas por conta da cor de sua mãe adotiva. A criança era chamada de Baianinha e também era discriminada por adultos, como o caixeiro, a quem ela constantemente fazia compras a mando de sua mãe. A situação ocorria da seguinte forma: “ - Bahianinha, tua mãe é negra. A pequena arrufava-se e respondia com indignação: - Negra é tu, seu burro!” (Barreto, 1951, p. 21)

Perceba como “negro” era tido, de maneira bárbara, como um adjetivo ofensivo pela

---

<sup>4</sup> Fausto (2009) nos diz que no período da Primeira República houve uma hegemonia dos estados de Minas Gerais e São Paulo, que tinham grande poder de influenciar os rumos da política brasileira. A essa política foi dado o nome de República Café com leite, em alusão ao café produzido e comercializado por São Paulo e a força da pecuária Mineira, que era representada pela produção de leite.

sociedade da época, uma vez que o vendedor o utiliza para importunar a menina, que se sente ofendida e utiliza o mesmo adjetivo para ofender de volta o seu opressor. Isso nos mostra a visão negativa que a sociedade da época depositava no adjetivo “negro”, e como isto era absorvido pelas pessoas, que reproduziam essa visão preconceituosa.

Zeca, menino negro e protagonista do conto, era filho de Dona Felismina, que tinha o sonho de colocar seu filho em um colégio, para que este recebesse uma educação formal. Porém, a vontade de Dona Felismina ver seu filho estudando esbarrava na necessidade do trabalho, já que Zeca era o braço direito dessa senhora e a ajudava em todos os afazeres. Dona Felismina era costureira e por isto incumbia seu filho de levar e trazer as roupas de seu trabalho. Entre uma ocupação e outra, o divertimento de Zeca era observar o cinema pelo lado de fora, e sonhar em um dia ver aquela maravilha de dentro.

Certo dia Zeca chega chorando na casa de um coronel, para quem sua mãe prestava serviços de costura. O homem quis saber o motivo do choro da criança. Diante da recusa do menino em contar, o coronel lhe ofereceu uma fantasia de carnaval, com uma máscara de diabo. Zeca aceita o trato e conta o motivo de seu choro, recebendo em troca o presente. Ao chegar em casa com a fantasia Zeca é acusado de roubo por sua própria mãe. Indignado, o menino contou que havia ganhado do coronel e explicou o motivo. Ele falou para sua mãe que uns meninos na rua o discriminavam e ele precisaria da fantasia para assustá-los.

Com esse episódio notamos a naturalização do racismo, que é absorvido pelos indivíduos desde cedo. Como vimos, nas ofensas dos meninos a Zeca, as visões racistas eram banalizadas e tidas como normais. Ao tornar-se cotidiano e corriqueiro, o racismo cada vez mais passava a colaborar com a hedionda depreciação dos indivíduos negros. Tal conduta racista, presente na sociedade, tornou-se um terrível mecanismo de exclusão, que cerceava as oportunidades de afirmação da população negra. O conto também mostra a dificuldade da população negra para ter acesso a bens que deveriam ser universais, como educação e cultura, pois Zeca era impossibilitado de estudar devido ao trabalho que lhe era imposto desde cedo, e seu sonho de entrar no cinema esbarrava na sua condição financeira, uma vez que era preferível usar as poucas economias para suprir, com dificuldade, as necessidades básicas.

Durante esse tópico, buscamos mostrar como o racismo e a condição dos negros na primeira república são temas que perpassam toda a obra de Lima Barreto. No tópico subsequente, analisaremos tal temática a partir da análise do romance *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (2019). Tal tema pode ser amplamente trabalhado a partir da literatura desse autor, uma vez que as discussões por ele suscitadas são extremamente atuais. Sendo assim, é possível trabalhar, a partir da supracitada literatura, questões como o racismo estrutural, a falsa

ideia de meritocracia, a corrupção do estado, dentre outras questões, mencionadas nesse tópico e também abordadas no tópico subsequente. É possível traçar um paralelo entre as discussões feitas por Lima Barreto e o nosso atual contexto, que, infelizmente, é farto de situações que demonstram o racismo estrutural presente em nossa sociedade, como casos em que pessoas negras são discriminadas simplesmente por ocupar espaços públicos.

Vejam no tópico subsequente, de maneira mais detalhada, como o personagem Isaías Caminha enfrenta o racismo presente nas estruturas da sociedade, e como a manifestação do preconceito acaba por tolher suas chances de lograr êxito em um mundo tão excludente. Façamos um exercício comparativo das situações enfrentadas por Isaías, com as recentes manifestações de racismo que ocorrem em nossa atual sociedade, e vejamos o quão atual é o texto de Lima Barreto. Como nos diz José Murilo de Carvalho (2012), o passado de escravidão de nosso país deixou como herança a dificuldade da população negra em acessar direitos básicos de cidadania, tal consequência, na visão do autor, perdurou ao longo dos anos.

#### 2.4 A condição do Negro no romance *Recordações do escrivo Isaías Caminha*

*Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, publicado em 1909, é o romance de estreia de Lima Barreto. Esse romance ficou conhecido pelo seu tom personalista e autobiográfico, mostrando as dificuldades e desafios enfrentados por Isaías Caminha para se afirmar em uma sociedade preconceituosa, já que ele era pobre e negro. Esse romance, de maneira notável, satirizou inúmeras personalidades da época, através de personagens fictícios, além de satirizar instituições, como jornal *Correio da Manhã*, através de *O Globo*, jornal fictício presente no romance.

Para alguns críticos como J. dos Santos, o romance de estreia de Lima Barreto pecava pelo seu tom personalista e apresentava personagens extremamente circunscritos a condições específicas e restritas, o que tornaria o romance como sendo muito descritivo e datado, impossibilitado de falar com a posteridade. Nesses termos, esse autor acusou o romance de Barreto de ser mais um panfleto do que um romance.

Já para Jose Veríssimo, renomado crítico literário, o primeiro romance publicado por Barreto apresenta tom inovador e por isso esse crítico o considera esse texto interessante. Diz ele:

Não me parece que no período aqui noticiado, houvesse a nossa ficção em prosa, particularmente a nossa novela, produzido nada mais interessante como novidade, como esperança, como promessa que as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* do novo escritor Sr. Lima Barreto, que com ela estreou. (In Barreto, 2001, p. 30)

Para Veríssimo, o tom combativo e de denúncia social trazia elementos inovadores para esse romance, tirando-o das fórmulas copiadas e dos clichês em voga, o que trazia um caráter original e inovador para o romance de Barreto. No entanto, Veríssimo também critica o romance por ele retratar personagens caricaturais e particulares, uma vez que para esse crítico da literatura precisa retratar tipos gerais, para ser atemporal.

Com efeito, a opinião desses dois críticos representa bem a repercussão crítica que teve o primeiro trabalho publicado por Lima Barreto, recebendo ele um misto de elogios e críticas. Como dito por Irenísia Torres de Oliveira (2019), as teses raciais desse romance foram colocadas em segundo plano pela crítica literária da época, sendo redescobertas e rediscutidas somente na posteridade. Essa autora ainda nos diz que em 1917, após a publicação da segunda edição do livro, saiu um artigo de autoria de Veiga de Almeida, na qual esse autor tentava diminuir ou negar o problema do negro no romance de Barreto. Veiga defendia que não havia preconceito racial no Brasil. Destarte, como dito a questão do preconceito racial, no contexto em que a obra foi lançada, infelizmente ficou em segundo plano, sendo suplantada pela retração caricatural que Lima Barreto fez de personalidades de sua época. Como nos diz Shwarcz (2017), *Recordações do Escrivão Isaias Caminha* não alcançou o sucesso imediato que seu autor imaginava, porém, em certa medida, agitou o cenário intelectual da época.<sup>5</sup>

O tema do livro *Recordações do Escrivão Isaias Caminha* (2019)<sup>6</sup> é a história do estudante negro que almeja se tornar doutor para superar sua condição de desprivilegiado. Caminha compreende que há grandes obstáculos impostos a ele, devido a sua condição de negro e pobre. A sensação de ser uma pessoa desprivilegiada e de enfrentar uma sociedade hostil assombra Isaias da seguinte forma:

Depois dessa violenta sensação na minha natureza, invadiram-me uma grande covardia e um pavor se nome: fiquei amedrontado em face das cordas, das roldanas, dos contrapesos da sociedade; senti-os por toda parte, graduando meus atos, anulando os meus esforços; senti-os insuperáveis e destinados a esmagar-me, reduzir-me ao mínimo, a achatar-me completamente... (Barreto, 2019, p. 104).

A situação acima é bem representativa e mostra a percepção, que Caminha desenvolve ao longo do romance, a respeito de uma sociedade que o oprime e que se baseia em privilégios

---

<sup>5</sup> Ressaltamos que não é objetivo de nosso trabalho discutir o histórico de publicação e a repercussão do romance *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, caso o leitor tenha interesse nesse tema poderá consultar a dissertação *Lima Barreto, entre rumores e imagens: a circulação social da obra recordações do escrivão Isaias Caminha*, escrita por Jules Ventura da Silva, e apresentada na Universidade Federal do Paraná, em 2016.

<sup>6</sup> É importante ressaltar que na segunda edição desse romance, publicada em 1917, Lima Barreto dedica esse texto a Benedito de Souza, que era seu amigo, colaborador e diretor da Revista dos tribunais, segundo Silva (2016). Benedito foi um parceiro de divulgação das obras de Lima Barreto, por gozar de certo prestígio no meio editorial.

para grupos restritos e hipocrisias cotidianas. O romance tem um tom testemunhal<sup>7</sup>, pois parte de narração em primeira pessoa que é feita pelo protagonista Isaías Caminha, que parece estar escrevendo um livro de recordações, rememorando episódios de sua vida. Cuti (2011) destaca que a escolha do nome Isaías não ocorre de forma aleatória, por parte do autor. Isaías é um nome que está relacionado ao dom profético, já que Isaías é um dos grandes profetas bíblicos. Sendo assim, ao rememorar sua vida, Isaías Caminha pinta, em tristes cores, o retrato de seu contexto histórico, e enxerga de maneira acurada os problemas sociais que irão atravessar gerações, como o racismo e a exclusão da população negra.

Assim como as outras obras de Barreto, esse romance também pretende fazer uma denúncia das injustiças sociais, presenciadas por seu autor, que busca promover uma mudança na sociedade, tendo a literatura como veículo. Sendo assim, as memórias de Caminha são bem mais do que um processo de autorreflexão, mas visam traçar um retrato da sociedade, para que o mesmo sirva de objeto de análise, reflexão e, conseqüentemente, possa propiciar uma mudança. Como dito por Chaves (2008):

Para além de uma escrita de auto-análise e de tom confessional, a problemática do preconceito racial é igualmente afluída em Recordações do Escrivão Isaías Caminha, corroborando-se, desta forma, o alcance e a visão social do estilo intencional de Lima Barreto que tem por objetivo esclarecer e fazer progredir uma sociedade preconceituosa. [...] O racismo, mais concretamente a negrofobia, é igualmente tratado no livro, chamando de novo a atenção do leitor para o assunto da equidade social. Tido como ocorrência institucional e enraizado nas mentalidades, o segregacionismo de que é vítima o narrador patenteia uma incongruência entre a sua sensibilidade e a realidade já que é esse problema que o leva a perceber-se desrespeitado. [...] O racismo ganha contornos mais dramáticos e pessoais, do ponto de vista da sensibilidade do narrador, porque é a intolerância que amarfanha a identidade, tornando-a marginal; todavia, se a realidade como exteriorização de uma postura social que o exclui como mulato é a mesma que o toma mais atento a prática do preconceito. (Chaves, 2008, p. 126 e 139).

O início do romance é marcado pela descrição de como a casa de Isaías Caminha é humilde e de como ele fora educado desde a infância. O pai de Isaías é um vigário branco e sua mãe é negra. Ele diz que seu pai foi uma inspiração, porque se mostrava sábio, leitor de várias línguas e sempre com explicações dotadas de argúcia e amplo repertório cultural. Apesar da sapiência de seu pai, a mãe de Isaías se mostrava resignada, humilde e triste, o que dava a ela um aspecto lúgubre. É dito por Isaías que esta senhora, a sua mãe, lhe lançava olhares de espanto, piedade e orgulho. Isso é bem sugestivo, já que ela parece sentir espanto perante a perseverança de seu filho em buscar uma melhor condição de vida, malgrado isso ocorra, a pobre senhora parece sentir piedade por saber que Isaías enfrentaria inúmeros obstáculos e que muitos deles não poderiam ser vencidos. Tal olhar de piedade mostra que a mãe do protagonista

---

parece saber o quão cruel é essa sociedade para todos que se encontram em sua condição. Porém, diante de tudo, ela sente orgulho por todo esforço empreendido pelo filho.

A mãe de Isaías Caminha aparece como um retrato da mulher negra, herdeira da escravidão. Isso aponta para a percepção que Barreto tinha de que aquela sociedade era cruel com as mulheres, sobretudo com as negras, relegando a elas o papel de cativa do lar, o que as impossibilitava de qualquer tipo de busca de realização pessoal e profissional. A mãe de Isaías imaginava as dificuldades que o filho enfrentaria. O momento da narrativa em que Isaías se despede de sua mãe é bem revelador nesse sentido, tal momento é descrito pelo próprio personagem narrador da seguinte forma:

No dia seguinte, quando me despedi, ela (a mãe) deu-me um forte abraço, afastou-se um pouco e olhou-me longamente, com aquele olhar que me lançava sempre, fosse em que circunstância fosse, onde havia mesclados, terror, pena, admiração e amor.  
- Vai, meu filho – disse-me ela afinal – Adeus!... E não te mostres muito porque nós... E não acabou. O choro a tomou convulsa e eu me afastei chorando.  
(Barreto, 2019, p. 57).

Percebamos que esse diálogo parece uma antecipação das dificuldades que o protagonista irá enfrentar ao longo do romance, tais como o preconceito e a falta de oportunidades. A mãe de Isaías parece querer alertar o filho sobre a crueldade e exclusão existentes na sociedade, sobretudo contra as pessoas negras.

O início do romance também é rico em episódios que descrevem a educação escolar de Isaías Caminha e mostram como o menino se destacava nos estudos desde cedo. Em certo momento da narrativa, a professora de Isaías deu a ele um livro de autoajuda que elogia o esforço individual. Esse livro tornou-se a leitura de cabeceira de Isaías, que tinha ótimas notas no primário, ele passa a sonhar em ir para o Rio de Janeiro e se tornar doutor. Isaías sente esperança em vencer no Rio, pois um colega seu, provavelmente branco, havia conseguido obter triunfo nessa cidade. Isaías julgava que esse colega era menos inteligente que ele e concluiu que, por conta disso, obteria também sucesso. Esses dois episódios mostram que no início da narrativa Isaías encontrava-se confiante de que seu sucesso dependeria unicamente de seu esforço individual. No entanto, ele aos poucos vai percebendo que a sociedade na qual estava inserido impõe inúmeros obstáculos para as pessoas negras e que seu sucesso não dependeria apenas de seu mérito pessoal, já que o contexto em que ele vive não oferece estratégias de inserção social para as pessoas excluídas, uma vez que um grupo restrito goza de privilégios em detrimento de parcela considerável da população, sobretudo a população negra, que era marginalizada e esvaziada em seus direitos.

O grande ideal de Isaías era se tornar médico. O jovem se sentia maravilhado em pensar em se tornar doutor. Isso demonstra que naquele contexto a titulação de doutor é quase como

um título de nobreza, que representaria uma elevação de casta social. Diante da possibilidade de adquirir tal título Caminha diz o seguinte:

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do um nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro. [...] Ah! Doutor! Doutor!... Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários, polimórficos...[...] Oh! Ser formado, de anel no dedo, sobrecasa e cartola, inflado e grosso, como um sapo-entanha antes de ferir a martelada à beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas, pelas salas, recebendo cumprimentos: doutor, como passou? Como está, doutor? Era sobre-humano (Barreto, 2019, p. 53).

Diante dessa fala, é possível perceber como o título de graduado/doutor era tido por aquela sociedade como uma forma destaque, uma vez que tal sociedade não oferecia recursos de inserção social e aprimoramento pessoal. Este ideal de elevação social por meio da titulação acadêmica era compreendido pelo personagem protagonista da seguinte forma: “Era uma outra casta, para qual eu entraria, e desde que penetrasse nela, seria de osso, sangue e carne diferente dos outros, tudo isso de uma qualidade transcendente, fora das leis gerais do universo e acima da vida comum.” (Barreto, 2019, p. 55)

A imagem que Isaías Caminha tinha de si, como um ser marcado por um pecado original e pronto a carregar um fardo imposto a seus ancestrais, representa a percepção que a sociedade de sua época tinha em relação ao negro, que era tido como um ser inferior e que carregava em si uma marca indelével, um “pecado original”, como dito pelo próprio Caminha. Com efeito, é possível ver o quão excludente e preconceituosa era tal sociedade. Esse preconceito estrutural enfrentado por Caminha, infelizmente, ainda é algo presente em nossa atual sociedade, mostrando a atualidade das discussões suscitadas pela literatura de Barreto. Frente a essa problemática, podemos dizer que os óbices de inserção social enfrentados pelo personagem de Barreto ainda são obstáculos para inúmeras pessoas.

Diante de tal contexto, estudar e formar-se era um privilégio de poucos, de um grupo restrito. A ânsia de Isaías Caminha em se tornar doutor era compartilhada por Lima Barreto, que teve que desistir da vida acadêmica por conta da necessidade de sustentar seus irmãos, devido à internação de seu pai causada pela demência. Na condição de irmão mais velho, Barreto assumiu as responsabilidades do lar e também a incumbência de cuidar do pai internado. Sobre a importância do título de doutor, presente na vida e na obra de Lima Barreto, Barbosa (1987) nos diz que: “O título de doutor anteposto ao nome equivalia no Brasil ao dom em terras de Espanha. Além do mais, passando a pertencer à aristocracia doutoral, deixaria de ser um pária social.” (p. 22). A elevação social proveniente da titulação de “doutor” buscada

por Isaías Caminha, e também por Lima Barreto, pode ser compreendida como uma forma de compensação ou redenção por conta da condição imposta as pessoas de pele negra.

Diante do sonho de se tornar doutor, Isaías decide viajar para o Rio de Janeiro para tentar a sorte. Valentin, seu tio, o recomenda ao Coronel Belmiro para que ele peça ao Deputado Castro que empregue o jovem, o que se assemelha ao coronelismo e ao clientelismo, práticas comuns na Primeira República, conforme dito por Fausto (2009).

Ao chegar ao Rio de Janeiro, aos poucos Isaías vai se decepcionando diante da falta de oportunidades e das dificuldades a ele impostas, muitas vezes por causa de sua cor. Sobre isso, são bem marcantes alguns momentos da narrativa, descritos a seguir. Durante a viagem de trem que o conduziria para o Rio de Janeiro, Isaías percebe que o caixeiro, uma espécie de vendedor, dispensa a ele um tratamento diferente dos demais passageiros, pois tal homem se mostrava rude e desinteressado com o jovem Isaías, enquanto que, com os demais passageiros, ele se comportava de maneira amigável e solícita. O tom áspero e preconceituoso pelo qual o caixeiro trata Isaías pode ser ilustrado pela seguinte passagem do romance, na qual o próprio Isaías descreve a situação da seguinte forma:

O trem parara e eu abstinha-me de saltar. Uma vez, porém, o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão onde havia café e bolos. Encontravam-se lá muitos passageiros. Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: “Oh”, fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo!” Ao mesmo tempo, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. (Barreto, 2019, p. 60).

Percebemos, na citação acima, o tom discriminatório e racista, pelo qual o caixeiro tratou o jovem Isaías Caminha. Notamos a diferença de tratamento dispensada a ele, no qual o vendedor se mostrou zangado por Isaías reclamar seu troco, associando o jovem negro ao roubo; em contrapartida ao tratamento dispensado ao jovem loiro que, de maneira cordial, foi prontamente atendido. Aos poucos Isaías Caminha vai percebendo que a diferença de tratamento se deve a sua cor.

No entanto, Isaías de imediato não consegue identificar o motivo da discriminação, notamos isso quando ele diz: “Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos”. (Barreto, 2019, p. 60). O jovem ainda não tinha associado o tratamento a sua cor de pele, pois, nesse momento da narrativa, Isaías Caminha ainda não se reconhecia como pessoa negra, já que julgava que sua pele era um pouco mais clara do que a dos seus ancestrais maternos, com uma coloração “azeitonada”, como diz ele. Isso se evidencia quando o personagem diz o seguinte, sobre o episódio de discriminação que sofrera:

Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa...[...] Mesmo de

rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e a tez de cor profundamente azeitonada. (Barreto, 2019, p. 60).

Nesse momento do texto, Isaías demonstra que não se reconhece como negro, pois ele não consegue entender porque foi discriminado, mesmo após minuciosa reflexão sobre os motivos que o levaram a ser destrutado no vagão do trem. Essa falta de auto identificação de Isaías, como pessoa negra, pode ser associada à ideia de miscigenação, que era tida pela sociedade da época como atenuante da condição do negro. Tal concepção era corrente no século XIX e XX e era absorvida pelo imaginário das pessoas. A dificuldade de Isaías em se reconhecer enquanto indivíduo negro pode ser compreendida como decorrente do ideário racista presente em seu contexto, que naquele momento lhe tirou o direito de ser quem ele era.

Outro episódio que ainda demonstra a carência de auto identificação do personagem protagonista é quando ele estabelece sua primeira relação social na cidade do Rio de Janeiro. Isaías faz amizade com o padeiro Laje Silva. Quando ele diz a esse personagem que veio ao Rio de Janeiro para estudar, o padeiro se admira de uma forma incomum, diante da qual Isaías questiona sobre o porquê de tamanha admiração. O padeiro disfarça seu espanto e, em seguida, chama Isaías, de forma irônica, de doutor. Tal tratamento deixa Isaías com um misto de sentimentos, por um lado ele se sente lisonjeado, pelo elogio e pelo tratamento respeitoso, mas por outro uma sensação de desconfiança lhe invade. Nesse momento da narrativa, Isaías ainda não havia percebido o sarcasmo e a ironia do padeiro diante de si. Tal postura, apresentada pelo interlocutor de Isaías Caminha, revela o desdém com que ele trata o jovem rapaz.

Outro momento da narrativa que exemplifica o racismo sofrido por Isaías Caminha ocorre quando ele foi conduzido a uma delegacia sem saber o motivo. Depois ele descobre que era suspeito de roubo. Haviam roubado seis contos de reis e objetos do Coronel Figueira no hotel em que Isaías estava hospedado. Isso demonstra o tom de desconfiança no qual Isaías era visto, devido a sua cor e a sua origem humilde. Em depoimento, o delegado duvida de que ele seja estudante, por conta de sua cor. Para comprovar a condição de estudante de Isaias, o delegado o interroga sobre a autoria de alguns versos. Ao demonstrar desconhecimento de tais versos, Isaías é tido como um malandro pelo seu interrogador, e com isso é detido.

Tal episódio é descrito por esse personagem da seguinte forma:

Era mais uma variante daquelas tolas humilhações que eu já sofrera; era o sentimento geral de minha inferioridade, decretada a priori, que eu adivinhei na sua pergunta. E afirmei então com a voz transtornada:

- Sou sim, senhor!
  - Pois então diga-me de quem é este verso: “Estava mudo e só na rocha de granito”?
  - Não sei, não senhor; não leio versos habitualmente...
- (Barreto, 2019, p. 118-119)

Após esse diálogo, o delegado conclui: “[...] É que você não é estudante nem nada; não passa de um “malandro” muito grande” (Barreto, 2019, p. 119).

Diante disso Isaías Caminha reage da seguinte forma:

Por aí, houve em mim o que um autor russo chamou a convulsão da personalidade. Todo eu me agitei, todo eu me indignei. Senti num segundo todas as injustiças que vinha sofrendo; revoltei-me contra todos os sofrimentos que vinha suportando. Injustiças, sofrimentos, humilhações, misérias, juntaram-se dentro de mim, subiram à tona da minha consciência, passaram pelos meus olhos e então expectorei sacudindo as sílabas:

- Imbecil! (Barreto, 2019, p. 120)

No entanto, a consequência de tal ato foi terrível:

Fui para o xadrez convenientemente escoltado. Pelo caminho, tudo aquilo me pareceu um pesadelo. Custava-me a crer, no intervalo de horas, eu pudesse ter os entusiasmos patrióticos do almoço e fosse detido como um reles vagabundo num xadrez degradante. Entrei aos empurrões; desnecessários aliás, porque não opus a menor resistência. As lágrimas correram-me e eu pensei comigo: A pátria! (Barreto, 2019, p. 120)

Essa passagem do romance é bem representativa, pois marca a mudança de estado do personagem, que deixa de lado o seu otimismo e crença nos méritos pessoais, encontrados no início da narrativa, e vai mergulhando na descrença e na desilusão diante de uma sociedade injusta e preconceituosa. Esse episódio representa, de forma concreta, o racismo e a discriminação enfrentados pelas pessoas negras naquele período. Além disso, nesse episódio, o racismo se mostra como algo que está presente nas instituições, e não apenas nos indivíduos, evidenciando que ele se encontra arraigado nas estruturas da sociedade, manifestando-se através de suas instituições.

Esse preconceito que se manifesta não somente na mentalidade das pessoas, mas também nas instituições, confronta Caminha o tempo todo na narrativa. Corroborando, isso é dito: “A prepotência institucional é novamente a florada. Este episódio é paradigmático dos atropelos do agente à lei, plenamente convicto da sua “assustadora irradiação de poder e de força” e é essa matéria que Lima Barreto trata com insistência”. (Chaves, 2008, p. 141) Como dito por Chaves (2008), a discriminação sofrida por Caminha, ao passo que o excluí, colocando-o à margem, também vai o revestindo de uma consciência de que tais práticas preconceituosas estão arraigadas na sociedade e que é preciso enfrentá-las. Destarte, esse episódio pode ser problematizado em sala de aula, comparando a discriminação, sofrida por Isaías, com outros episódios de racismo ocorridos na atualidade. Nesse sentido, podemos problematizar esse ponto da narrativa e fazer uma roda de conversa, buscando relacionar o episódio da narrativa, com outros episódios de racismo, que podem ser citados pelos estudantes.

Também é importante ressaltar que Lima Barreto coloca alguns desses episódios de

racismo e preconceito, sofrido por Isaías, de forma sutil, a exemplo do sarcasmo do padeiro para com Isaías, uma vez que tal ironia se mostra a partir de algumas pequenas sugestões e gestos do padeiro, que tenta ocultar o tom de deboche presente em sua abordagem.

Aos poucos, Isaías vai se dando conta da violência institucional que sofre. Ele também denuncia, em suas memórias, a arrogância e o desdém com que os funcionários públicos tratavam as pessoas mais humildes. Ao perceber que o delegado o chama de “mulatinho”, em tom de deboche de forma pejorativa, Isaías Caminha se sente altamente ofendido e relata a sensação produzida por esse insulto: “O que mais me feriu, foi que ele partisse de um funcionário, de um representante do governo da administração que devia ter tão perfeitamente, como eu, a consciência jurídica dos meus direitos ao Brasil e como tal merecia dele um tratamento respeitoso”. (Barreto, 2009, p. 112-113). Esse relato demonstra como Isaías começa a perceber as estruturas de exclusão e discriminação que se voltam contra as pessoas mais humildes, sobretudo as pessoas negras, herdeiras de um passado de escravidão, o qual o regime republicano buscava esconder ou atenuar. A percepção de Isaías de que existem forças ocultas que dificultam o acesso à cidadania, por parte das pessoas negras, apontam para a denúncia, feita por Lima Barreto, de um preconceito estrutural, que não se limita apenas às consciências individuais, mas que perpassa para a sociedade em sua totalidade, criando mecanismos de exclusão e segregação.

Para Irenísia Torres de Oliveira (2019), o romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* é pioneiro na denúncia de um preconceito estrutural, partindo da perspectiva do negro. No entanto, essa autora defende que, por conta disso, esse livro não teria sido bem aceito, já que seus contemporâneos eram incapazes de assimilar e aceitar tal ideia.

Além do episódio descrito acima, a palavra “mulatinho” é dita outras vezes, por alguns personagens, ao longo da narrativa, sempre em tom pejorativo e de desprezo. Um dado momento, Floc, o crítico literário do jornal o Globo, ao receber das mãos de Isaías Caminha o livro de um poeta desconhecido diz: “Que nome! Felix da Costa! Parece até enjeitado! É algum mulatinho?” (Barreto, 2019, p. 250) A isso Isaías responde indignado: “Não. É mais branco que o senhor. É louro e tem olhos azuis.” (Barreto, 2019, p. 250). Floc fica surpreso com a reação de indignação de Isaías e diz: “Homem, você hoje está zangado.” (Barreto, 2019, p. 250). Diante dessa injúria, Isaías pensa consigo mesmo, ao recontar essa situação: “Ele não compreendia que eu também sentisse e sofresse”. (Barreto, 2019, p. 250)

O diálogo acima nos faz perceber como a mentalidade discriminatória é incorporada por Floc. Que diante de Caminha, que é negro, age de maneira ofensiva e com naturalidade. Floc ainda se surpreende com a indignação de Isaías Caminha. O literato não percebia que com sua

postura ofendia o seu colega.

O preconceito arraigado contra as pessoas negras pode ser percebido em outro momento da narrativa, quando Isaías se candidata a um trabalho de auxiliar de padeiro, ao ver o anúncio do emprego em um jornal. Ao chegar ao local indicado, o padeiro lança sobre Isaías um olhar perscrutador e diz, em tom de desprezo: “Não me serve” (Barreto, 2019, p. 130). Diante dessa recusa, Isaías se sente extremamente desprestigiado e desmotivado. Ele passa a perceber que o preconceito racial age como uma mão invisível que excluí e segrega. Sobre o contexto de exclusão esse personagem reflete da seguinte forma:

Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto a minha vida. Sendo obrigado a trabalhar o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. Facilmente generalizei e convenci-me de que esse seria o proceder geral. Imaginei as longas marchas que teria que fazer para arranjar qualquer coisa com que viver; as humilhações que teria que tragar; [...] Revoltava-me que me obrigassem a despender tanta força de vontade, tanta energia com coisas em que os outros pouco gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a que se iam quebrar meu pensamento angustiado (Barreto, 2019, p. 130).

Notamos que Isaías Caminha faz o diagnóstico do quadro triste que ele deveria enfrentar. O personagem parece tomar consciência de sua condição desfavorável, imposta por conta de sua cor. Ele parece convicto de que precisará enfrentar forças titânicas, desproporcionais àquelas enfrentadas pelas pessoas brancas. Com essa fala, Isaías denuncia a condição de exclusão imposta às pessoas negras, naquele contexto. Pela fala do personagem, é possível perceber que o racismo está arraigado nas instituições e na mentalidade das pessoas. Além disso, os governantes nada faziam para mudar essa situação. Frente a tal contexto, Isaías se sente só e abandonado, ele conclui: “Eu estava só”. (Barreto, 2019, p. 134). Diante do reconhecimento de si, enquanto pessoa negra, feito por Isaías Caminha, Oliveira diz que nesse momento da narrativa o personagem segue a trajetória

[...] do reconhecimento de si como negro. Não que Isaías não soubesse que era negro. Ele o sabia, mas contava com a possibilidade de se embranquecer pelo estudo e a ascensão social. Nesse momento, ele já descobriu que o embranquecimento é uma ilusão e que os negros são discriminados. (Oliveira, 2019, p. 28).

Destarte, como apontado na citação acima, o momento do reconhecimento de si, por parte de Isaías, é um marco na trajetória do personagem, que aos poucos vai deixando seu otimismo juvenil e ingênuo, e passando a ficar cada vez mais pessimista, quanto à possibilidade de uma ascensão social, e também se tornando pragmático diante da sociedade que o cerca. Isaías percebe que a ideia de “branqueamento”, por meio da titulação de doutor é uma falsa e perversa ilusão, já que as pessoas de sua cor, não importa o que façam e a posição que ocupem, serão discriminadas pela sociedade e suas estruturas.

Assim como os exemplos apresentados acima, ao longo da narrativa, o personagem

protagonista se sente desprestigiado por políticos, pelos jornalistas com quem trabalha, pelas instituições, das quais necessita e sobretudo por uma sociedade capitalista que emerge e que visa o lucro. Sobre essa percepção, Isaías Caminha revela como se sentia visto pelas outras pessoas. Diz ele:

[...] eu sentia que a gente que cercava me tinha numa conta inferior. Como que sentia que estava proibido de viver e fosse qual fosse o fim da minha vida os esforços haviam de ser titânicos. [...] O que fazia combalido, o que me desanimava eram as malhas de desdém, de escárnio, de condenação em que me sentia preso. (Barreto, 2019, p. 127).

Caminha percebe que em tal sociedade logra êxito não aquele que tem méritos pessoais, mas aquele que goza de privilégios e apadrinhamento político. Isso pode ser exemplificado pelo episódio em que Caminha presencia uma sessão na Assembleia Legislativa e se sente inteiramente ultrajado, ao constatar que uma classe política gozava de inúmeros privilégios à custa da condição de miséria imposta a grande parte da população. O personagem protagonista nota que a despeito dos desmandos e privilégios políticos, havia uma população que se encontrava alheia a tudo isso, em uma espécie de torpor, de estado de alienação. O que é descrito pelo personagem da seguinte forma:

Ainda pouco familiarizado com o trânsito pesado da rua, atravessei a rua da direita cheio de susto, cercado-me de mil cautelas, olhando para aqui e para ali, admirado que aquela porção de gente trabalhasse sob o sol tão ardente, sem examinar que valor tinham as suas câmaras e o seu governo. E a facilidade com que aceitava, pareceu-me sentimento mais profundo, mais espontâneo, mais natural que a minha ponta de crítica que já começa a duvidar delas. (Barreto, 2019 p. 81).

Ao procurar o deputado Castro, para entregar a carta de recomendação que carregava e que fora escrita pelo Coronel Belmiro, por intermédio de seu tio Valentim, Isaías é tratado com imenso desdém por esse parlamentar. O jovem chega a dizer que esse indivíduo lhe tratara de uma forma “falsamente paternal”. Além de receber um tratamento frio e desinteressado, por parte do legislador, Isaías não teve sua demanda atendida, não conseguiu o emprego de que necessitava para custear sua vida no Rio de Janeiro. Diante de tudo isso, o jovem fica indignado com esse sujeito e relata isso em suas memórias da seguinte forma:

Julguei que mais do que pela carta o seu acolhimento fora ditado por uma frouxidão de caráter, por certa preguiça de vontade e desejo de mentir a si mesmo. A sua fisionomia empastada, o seu olhar morto e a sua economia de movimentos deram-me essa impressão. [...] Senti-me humilhado, esmagado, enfraquecido por uma vida de estudo, a servir de brinquedo, de irrisão a esses poderosos todos por aí. (Barreto, 2019, p. 103, 105)

Diante dessa indignação e revolta, o personagem diz o seguinte sobre Castro:

Patife! Patife! A minha indignação veio encontrar os palestradores no máximo de entusiasmo. O meu ódio, brotando naquele meio de satisfação, ganhou mais força. Num relâmpago, passaram-me pelos olhos todas as misérias que me esperavam, a minha irremediável derrota, a minha queda aos poucos – até onde? Até onde? E ficava assombrado que aquela gente não notasse o meu desespero, não sentisse a minha

angústia... Imbecis! Pensei eu. Idiotas que vão pela vida sem examinar, vivendo quase por obrigação, acorrentados às suas misérias como galerianos à calceta! Gente miserável que dá sanção aos deputados, que os respeita e prestigia! Por que não lhe examinam as ações, o que fazem e para que servem? Se o fizessem... Ah! Se o fizessem! (Barreto, 2019, p. 103-104).

Essa passagem da narrativa é bastante sugestiva, pois demonstra o estado de ânimo do personagem na fase final da narrativa. Como percebemos, nesse momento, Isaías caminhava pelas ruas do Rio indignado com a classe política, sobretudo com o deputado Castro e também se perguntava porque a maioria das pessoas não compactuava do mesmo sentimento de revolta que o tomava. Isaías se enfurece com o alheamento das pessoas, que não se envolvem na vida política do país e concedem prestígio e benesses aos políticos sem questionar qual o papel destes e como eles estão atuando na vida pública. Nesse momento, Isaías parece diagnosticar a falta de participação política em seu contexto.

De fato, como nos mostra Boris Fausto (2009), durante a Primeira República a participação política das classes populares era quase inexistente, já que os rumos políticos do país eram dirigidos por oligarquias que se revezavam no poder e que controlavam a política regional e também nacional. Certamente, esse alheamento da população, denunciado por Caminha, tenha sido consequência de uma sociedade que não criava mecanismos de participação política para a população e que não investia em uma educação que atendesse a todos, promovendo a formação de um senso crítico na população. Na verdade, a falta de compromisso com os mais necessitados e a negligência do poder público se mostravam como engrenagens de um mecanismo de exclusão, criado para impedir o acesso da população e garantir que as classes dirigentes ainda continuassem no poder.

Outra forma das classes políticas concentrarem poder e se manterem hegemônicas era através da manipulação da opinião pública por meio da mídia, dos jornais. Ao relatar o seu emprego no jornal Globo, Isaías nos mostra os bastidores de uma redação jornalística, cheia de conchaves políticos, troca de favores e inevitável influência dos poderosos. Sobre isso, é dito no romance: “O Rio de Janeiro tinha então poucos jornais, quatro ou cinco de modo que era fácil ao governo e aos poderosos comprar-lhes opinião favorável”. (Barreto, 2019, p. 158). Já outro personagem do romance, chamado de Plínio de Andrade, diz que os jornais têm influência e são “a mais titânica manifestação do capitalismo” (Barreto, 2019, p. 149). Diante desse panorama, podemos inferir que Lima Barreto nos mostra em seu romance como os jornais e os meios de informação da época serviam às demandas dos poderosos, deixando de lado as necessidades dos mais humildes. O personagem Plínio de Andrade também corrobora essa ideia ao dizer que os jornais: “São grandes empresas, propriedades de venturosos donos, destinadas

a lhe dar o domínio sobre as massas” (Barreto, 2019, p. 149).

Diante desse quadro, podemos perceber que as classes hegemônicas não pretendiam oferecer uma educação emancipatória para as classes mais humildes. Ao invés disso, os grupos hegemônicos buscavam se perpetuar no poder utilizando os meios de comunicação e a imprensa como forma de domar a opinião pública, o que garantia a manutenção do *Status Quo* vigente.

Isaías Caminha enfrentou, justamente, esse contexto de exclusão, no qual as elites dirigentes e as classes políticas gozavam de benesses enquanto que o resto da população amargava a situação de miserabilidade. Diante de um *locus* inóspito, o protagonista do romance vai cada vez mais se entregando à descrença e ao ceticismo diante de tal sociedade. Sobre isso, o próprio Isaías diz: “Tudo me parecia acima de minhas forças, tudo me parecia impossível;” (Barreto, 2019 p. 135). Desse modo:

O posicionamento de Caminha, que neste contexto pode ser visto como o desdobramento ideológico de Lima Barreto, expressa-se ainda na censura a um capitalismo indiferente e interesseiro, desprezado das necessidades dos excluídos. [...] É a indiferença os poderosos e o abandono a que os outros são votados que ordena a acusação do capitalismo. (Chaves, 2008, p. 144).

A descrença e desencanto de Isaías Caminha com a Pátria pode ser entendida em paralelo à desilusão que Lima Barreto expressa na crônica *Maio*, ao constatar que a libertação dos escravos não representou a inserção dessas pessoas na sociedade, o que causa grande desilusão em Barreto. Seu personagem Policarpo Quaresma também é outro que acaba caindo no sentimento de descrença perante à pátria, por esta se mostrar excludente e cooptada por interesses mesquinhos. Assim, os preconceitos raciais, os favores políticos, o projeto de uma modernização excludente, instituições públicas e a imprensa a serviço dos poderosos, são esses alguns dos problemas sociais denunciados por Lima Barreto, através de seu personagem Isaías Caminha, podendo-se confundir a opinião do personagem protagonista com as concepções de seu autor. Destarte, o romance *Recordações do escrivo Isaías Caminha* (2019) é um dos textos nos quais Lima Barreto denuncia o preconceito contra as pessoas negras, e o descaso dos governantes em atender as demandas dessa população.

Diante dos problemas sociais apresentados por Lima Barreto em seus textos literários, foi possível perceber que esse autor compreendia o seu contexto como sendo extremamente excludente e elitista. Barreto nos mostra um projeto de nação que buscava varrer para debaixo do tapete suas chagas sociais e mostrar apenas uma visão de progresso e harmonia, silenciando diversas vozes que sempre estiveram na condição de oprimidas e buscando esconder um passado de escravidão.

Conforme dito por Santiago (2008), através da narração dos fatos ordinários e das “vidas

minúsculas”, Barreto coloca em xeque a modernidade da República Brasileira, recém inaugurada. Dessa feita, acreditamos que as situações apresentadas pela literatura desse autor possam servir como uma potente fonte de reflexão para os estudantes. Uma vez que a visibilidade de tais temas, propiciada pela escrita denunciativa de Barreto, pode despertar a sensibilidade do educando para os problemas existentes no período da Primeira República, e que muitos deles ainda persistem em nosso atual contexto.

Como dito pelo próprio Barreto (In Barbosa 1987), a literatura tem esse poder de sensibilizar e fazer refletir. Tal reflexão promove o diálogo de épocas distintas, possibilitando pensar o nosso presente através da reflexão do passado. Enxergando rupturas e manutenções que ainda persistem. Esse procedimento permitirá ao educando compreender a importância da história para a nossa sociedade e para a nossa vida, contribuindo assim com o interesse nas aulas de história.

Durante todo esse capítulo, pudemos perceber a literatura de Lima Barreto como veículo de comunicação para desnudar as injustiças, preconceitos e inconsistências do projeto de nação abraçado pela nascente república brasileira, que havia se abraçado às ideias positivistas de ordem e progresso. Barreto nos mostrou que o pretense “progresso”, da jovem república, era construído à custa de considerável parcela de sua população, que amargava as misérias de tal progresso. Ao contrário do que queria se mostrar, Barreto escancara a triste realidade de milhares de pessoas, varridas para as margens da pretensa modernização. Ao denunciar o racismo, a pobreza e o descaso do poder público perante a população pobre, e sobretudo a população negra, conforme vimos através dos sofrimentos enfrentados por Isaías Caminha, Lima Barreto nos mostra o quão incontornáveis são tais problemas, e devido à atualidade dos mesmos, percebemos o quão indelévels são suas marcas.

As situações apresentadas pela literatura de Lima Barreto, principalmente através do personagem Isaías Caminha, evidenciam a dificuldade de inserção da população negra durante a Primeira República e nos mostram como o racismo é algo estrutural em nossa sociedade e como tal estrutura, infelizmente, se mantém até os dias atuais. Obviamente, houve várias mudanças e avanços, no que diz respeito à igualdade racial e ao combate ao racismo, fruto de inúmeras lutas e reivindicações da sociedade civil. No entanto, o racismo ainda é algo presente em nossa sociedade e ainda cria barreiras para inúmeras pessoas. Diante disso, se faz necessário discutirmos tal temática e a levarmos para a sala de aula, como forma de combater todas as formas de preconceito, através de uma educação que preze pelo diálogo, pela tolerância e respeito. É preciso refletir sobre aqueles que a história buscou esquecer, como nos diz Ganegbin (2009), a partir de uma leitura da concepção histórica de Benjamin (1985). Destarte,

compreendemos que dar visibilidade aos esquecidos é algo suscitado pela leitura das obras de Lima Barreto, conforme exemplificamos nesse capítulo, e isso que pode contribuir com uma visão mais plural e menos hegemônica da história.

## CAPÍTULO 3

### A LITERATURA DE LIMA BARRETO COMO FERRAMENTA DIDÁTICA: criando um instrumento pedagógico para as aulas de história

Como proposta de produção didática e metodológica, resultante de nossa pesquisa, optaremos por desenvolver uma sequência didática, instrumentalizando o uso da literatura de Lima Barreto nas aulas de história. O ato de planejamento didático constitui um dos pontos fundamentais para a relação ensino-aprendizagem, possibilitando que ela ocorra de forma estruturada e sistematizada, fortalecendo a intencionalidade dos objetivos de ensino. Como dito por Libâneo (1994,) todo planejamento de ensino deve ser tomado como um referencial, não como algo estanque, rígido e absoluto, uma vez que o processo de ensino deve ser algo móvel e maleável, decorrente de influências das condições reais nas quais ele se efetiva. Libâneo (1994) ainda nos diz que os planos didáticos precisam apresentar ordem sequencial, coerência e flexibilidade, elementos que buscaremos incluir em nosso planejamento.

Acreditamos que nosso produto didático ajudará a trabalhar as competências específicas 1 e 5, da área de ciências humanas e sociais aplicadas, da BNCC. Tais competências buscam

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (Brasil, 2018)
5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. (Brasil, 2018)

Sendo assim, buscaremos promover sessões de leitura e análise de trechos da obra de Lima Barreto, bem como rodas de conversas e produções textuais, tendo os textos deste escritor como motrizes para a reflexão.

Além disso, trabalharemos as seguintes habilidades da BNCC:

**(EM13CHS102)** Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

**(EM13CHS501)** Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

**(EM13CHS502)** Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades

individuais.

**(EM13CHS503)** Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

**(EM13CHS504)** Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas. (BRASIL, 2018)

Acreditamos que os textos de Lima Barreto propiciarão uma análise de um período histórico em questão, a Primeira República, fazendo emergir diversas vozes e reivindicações de grupos excluídos, mas que eram retratados por Barreto. À luz de tal discussão, atualizaremos alguns desses pontos para discutir conceitos definidos após o período histórico de Barreto, tais como etnocentrismo e racismo estrutural. Além disso, em conformidade com a habilidade destacada acima, pensamos que a obra barreteana nos ajuda a traçar um quadro comparativo entre diferentes discursos, tais como os discursos hegemônicos e os discursos dos oprimidos.

Nossa sequência didática será dividida em três momentos: primeiro apresentaremos o contexto histórico da Primeira República, de forma breve. Em seguida, utilizaremos recortes da obra de Lima Barreto, nos quais o autor reflete sobre a condição das pessoas negras na Primeira República. E por fim, sugerimos propostas de atividades, tais como produções textuais, questionários e pesquisas, nas quais o aluno possa desenvolver seu senso crítico a partir da literatura de Lima Barreto. O tema central de nossa sequência didática será “Cidadania e exclusão social na Primeira República”, tema amplamente discutido nos primeiros capítulos dessa dissertação, à luz do texto *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (2019), já que nesse texto Lima Barreto retrata a exclusão sofrida pelos negros, após o período da abolição e início da República. É nesse sentido que nosso trabalho se alinha à competência da BNCC, mencionada acima e com as Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Com o intuito de tornar a sequência didática ainda mais exequível, fizemos a sua divisão em cinco subtemas, que podem ser trabalhados em quatro ou três semanas, dentro do conteúdo que aborda a Primeira República Brasileira. Ressaltamos que todos os temas serão abordados na perspectiva de Lima Barreto, especialmente sua percepção presente no livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Os subtemas são os seguintes:

- 1º O racismo nas estruturas da sociedade da Primeira República;
- 2º O descaso dos governantes com a população pobre;
- 3º A condição da mulher negra na Primeira República;
- 4º Reforma Urbana e projeto de higienização étnica;
- 5º O discurso racista ligado a teorias pseudocientíficas.

Os subtemas acima serão organizados em uma sequência didática, que poderá ser aplicada em 10 aulas, distribuídas em cinco semanas, podendo passar por adaptações, diminuindo ou aumentando o tempo de aplicação, isso a depender da necessidade do professor, pois como dito por Libâneo (1994), os momentos de desenvolvimento metodológico não podem ser determinados através de um tempo fixo, pois é possível levar mais tempo em uma dada atividade, como uma explanação oral ou atividades de fixação, por exemplo. Nesse caso, o que determinará a duração de cada momento didático será a assimilação dos alunos.

De maneira estrutural, cada aula terá três momentos, o primeiro momento de exposição de conceitos, o segundo de leitura comparativa de textos, e o terceiro momento será de discussão e sistematização. O final de cada aula, presente na sequência, contemplará exercícios reflexivos, que ajudarão os estudantes a fazerem a síntese do tema trabalhado e organizar as ideias debatidas.

Durante as nossas aulas de história, já tivemos a oportunidade de trabalhar, de maneira inicial, a temática proposta nesse trabalho. Nesse sentido, utilizamos recortes dos textos de Lima Barreto como fonte histórica e forma de reflexão para pensar a condição das pessoas excluídas, pelos poderes hegemônicos de seu contexto histórico. Foi possível perceber maior interesse por parte dos educandos e também maior sensibilização em torno dos temas, provocados pela escrita arguta e inquietante de Lima Barreto. Acreditamos que os textos puderam retratar situações concretas daquele período histórico, dando vozes àqueles que costumadamente são esquecidos. Nos apêndices, inserimos algumas atividades desenvolvidas com os alunos, em turmas do ensino médio.

Também foi possível trabalhar tais temáticas de forma interdisciplinar, em parceria com as disciplinas de língua portuguesa, artes, sociologia e filosofia. As discussões por nós propostas foram utilizadas como subsídios para que os estudantes produzissem textos, com o foco na preparação para as redações do ENEM. Tal parceria se mostrou exitosa, uma vez que alguns estudantes produziram boas redações e obtiveram boas notas no ENEM.

Esperamos que, ao fim desse trabalho, possamos desenvolver, ainda mais, as propostas de intervenção pedagógica, concretizadas em uma sequência didática, que poderá ser utilizada pelos professores de história, do 9º ano dos anos finais do ensino fundamental e também da terceira série do ensino médio. Mas também acreditamos que nosso trabalho pode ser utilizado de forma interdisciplinar, uma vez que dialoga com a literatura, as linguagens e as artes, e possivelmente com outras disciplinas.

Além disso, tal trabalho também pode ser utilizado como subsídio para projetos pedagógicos antirracistas. Ou seja, esperamos que nosso trabalho possa ser amplamente

utilizado, para discutir questões como racismo, exclusão e cidadania, possibilitando uma reflexão histórica plural e marcada por uma mentalidade de tolerância e respeito.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA

### 1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: \_\_\_\_\_

COMPONENTE CURRICULAR: História

ANO/SÉRIE: (9º ano do ensino fundamental ou 3º Série do Ensino Médio)

TURMA(s): \_\_\_\_\_

PROFESSOR(a): \_\_\_\_\_

PERÍODO DE APLICAÇÃO: \_\_\_\_\_

CARGA HORÁRIA: 10 horas aula (de três a quatro semanas)

**2. TEMA:** Cidadania e exclusão social na Primeira República

**3. UNIDADE TEMÁTICA:** O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX

### 4. OBJETOS DE CONHECIMENTO:

- 1º O racismo nas estruturas da sociedade da Primeira República;
- 2º O descaso dos governantes com a população pobre;
- 3º A condição da mulher negra na Primeira República;
- 4º Reforma Urbana e projeto de higienização étnica;
- 5º O discurso racista ligado a teorias pseudocientíficas.

### 5. JUSTIFICATIVA

Acreditamos que a obra literária de Lima Barreto poderá ser estudada como um importante instrumento de análise para entender o contexto histórico da Primeira República (1889-1930), de modo a lançar luz sobre temas ignorados pela historiografia da época, como a condição dos negros recém libertos da escravidão e seus descendentes, a condição das mulheres e das classes mais humildes. A literatura de Barreto tem forte tom testemunhal e denunciativo, podendo mostrar as rupturas e as incoerências do projeto de nação que estava em curso e que pretendia apresentar o Brasil como uma nação austera, ordenada e homogênea, que havia abandonado a monarquia e a escravidão e se lançava rumo ao progresso e à modernização. Diante disso, acreditamos que os escritos literários desse autor podem ser considerados como uma valiosa fonte histórica a ser analisada, contribuindo com a interpretação de seu contexto

histórico, e suscitando discussões em sala de aula.

Lima Barreto tocava em temas sensíveis ao projeto de nação que estava em curso, evidenciando que o pretense progresso era forjado à custa de milhares de pessoas, que eram negligenciadas por um Estado, que visava atender aos interesses elitistas. Assim, pretendemos com essa sequência didática mostrar uma construção de República que não parte apenas da visão das elites envolvidas na proclamação em 15 de novembro de 1889, mas que mostre os anseios e demandas da população pobre, pois entendemos que tal visão ainda é pouco explorada nas aulas de história. Com efeito, esperamos promover uma fértil discussão que sensibilize os estudantes e desperte seu senso crítico, tornando-os aptos para o exercício da cidadania e para combater quaisquer formas de preconceito e exclusão.

#### **4. OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM**

**4.1 Geral:** Analisar o racismo estrutural e exclusão social a partir da literatura de Lima Barreto.

#### **4.2 Específicos:**

- Compreender o período da primeira República e como se estruturavam as ideias racistas naquele contexto;
- Analisar a exclusão de grupos minoritários, como recém libertos e descendentes de escravos, a partir da literatura de Lima Barreto;
- Refletir sobre o papel da mulher negra no contexto de exclusão da Primeira República;
- Indicar alguns elementos que davam sustentação aos discursos racistas presentes na Primeira República;
- Traçar um paralelo entre o racismo presente no período da primeira república e os dias atuais, buscando criar uma mentalidade antirracista.

#### **5. COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS PARA O ENSINO MÉDIO (BNCC)**

**(Competências 1)** Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (Brasil, 2018)

**(Competências 5)** Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

## 6. HABILIDADES DA BNCC

**(EF09HI03)** Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

**(EF09HI04)** Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

**(EM13CHS102)** Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

**(EM13CHS501)** Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

**(EM13CHS502)** Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

**(EM13CHS503)** Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

**(EM13CHS504)** Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

(BRASIL, 2018)

## 7. MATERIAIS E ESPAÇOS

TV, Notebook, Data show, Textos impressos. A aula ocorrerá preferencialmente na sala de humanidades.

## 8. METODOLOGIAS ADOTAS NAS AULAS

Aula expositiva e dialogada, Leitura de textos literários, rodas de conversa, análise de crônicas, vídeos e imagens, produção textual e confecção de materiais concretos.

## 9. AVALIAÇÃO

A avaliação seguirá critérios qualitativos e quantitativos, buscaremos analisar a participação, interesse e desenvoltura do estudante. Além de avaliar uma produção de texto proposta.

## 10. SUGESTÃO DE LEITURA PARA O ESTUDANTE

Abaixo segue a indicação de duas obras literárias de Lima Barreto e um quadrinho de Schwarcz e Spacca. A leitura prévia de tais textos, por parte dos estudantes seria de extremo valor para a aplicação dessa sequência didática. Caso não seja possível ler as três obras abaixo em sala de aula, o professor pode usar algumas estratégias, como recorrer à biblioteca da escola, ou outra biblioteca, até mesmo de acervo virtual, para que os alunos possam ler as obras abaixo, em sala ou como tarefa para casa. O docente de história poderá também fazer parceria com o professor de língua portuguesa-literatura, que ficaria a cargo de orientar a leitura das duas obras sugeridas. Caso nenhuma dessas estratégias seja factível, é possível também recorrer a resumos e resenhas, disponíveis na internet, para apresentar elementos dessas obras para os estudantes, uma vez que o conhecimento prévio dessas obras enriqueceria ainda mais as atividades trabalhadas nessa sequência didática.

A obras sugeridas para leitura dos estudantes são:

BARRETO, Lima. **Crônicas Escolhidas**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; SPACCA. **Triste República: a Primeira República comentada por Lima Barreto**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2022.

## 11. DESENVOLVIMENTO DA SEQUÊNCIA (ETAPAS/ATIVIDADES)

Abaixo segue o planejamento para uma sequência de cinco aulas, cada aula com duração de 2 horas aula, destinadas à terceira série do ensino médio, no entanto, tal sequência também poderá ser adaptada para uma turma de 9º ano do ensino fundamental. Ao elaborar tal sequência, tivemos em mente os pressupostos de Carlos Libâneo (1994) que diz que a aprendizagem escolar não é um ato casual e espontâneo, mas algo dirigido e cuidadosamente planejado. Nesse sentido, em nossa sequência didática buscamos contemplar os elementos presentes no processo de ensino, que segundo Libâneo (1994) são: objetivos, conteúdos, métodos e condições.

# AULA 1

## O RACISMO NAS ESTRUTURAS DA SOCIEDADE DA PRIMEIRA REPÚBLICA

### 1. Descrição das atividades desenvolvidas

Nesta aula iremos discutir de que forma o texto literário de Lima Barreto identifica o racismo presente nas estruturas da sociedade. Apesar do termo “racismo estrutural” não ter sido cunhado no contexto histórico de Barreto. Acreditamos que esse autor discutiu sobre o preconceito institucional, aquele que não estava presente apenas na mentalidade individual de cada pessoa, mas nas estruturas da sociedade. Para empreender tal discussão seguiremos as seguintes etapas:

1. Discussão em torno do conceito de Racismo. O docente pode conduzir a discussão a partir dos conceitos de pensadores como Djamila Ribeiro, Angela Davis, Frantz Fanon e Sueli Carneiro, ou pode fazer uso dos material contido nos seguintes links: Nossa Causa. Lélia Gonzalez e a luta pela eliminação da discriminação racial. Disponível em: < <https://nossacausa.com/2021/03/lelia-gonzalez-e-a-luta-pela-eliminacao-da-discriminacao-racial/> >  
Racismo Institucional. Fundação Tide Situbal. Disponível em: < <https://fundacaotidesetubal.org.br/glossario/racismo-institucional> >
2. Exposição do contexto histórico de Lima Barreto, apresentando um pouco de sua biografia; Nesse momento, poderá ser exposto o documentário Mestres da Literatura, Lima Barreto: um grito brasileiro, que está disponível no seguinte link: < [https://www.youtube.com/watch?v=Bas\\_Os1pv1o](https://www.youtube.com/watch?v=Bas_Os1pv1o) >
3. Exposição do período histórico da Primeira república, utilizando vídeos, slides e imagens.
4. Leitura de trechos do livro Recordações do Escrivão Isaías Caminha:
5. Leitura da crônica “Maio”, uma vez que tal texto retrata o sentimento de desengano experimentado por Lima Barreto. Tal sentimento representa também o desengano dos ex escravizados e seus descendentes. A crônica está disponível no seguinte endereço: < <https://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/788-lima-barreto-maio> >
6. Leitura do quadrinho Triste República: A Primeira República comentada por Lima Barreto, de Lilia Schwarcz e Spacca.

7. Em seguida, faremos uma análise crítica das obras literárias lidas, através de uma roda de conversa, traçando paralelos entre os trechos literários e os dias atuais. Discutindo de que forma o racismo estrutural está presente na sociedade da Primeira República, a partir da visão do autor, além de apontar semelhanças daquele contexto com os dias atuais. O professor precisa colocar questões do tipo: quais casos, de repercussão nacional, se assemelham ao episódio de racismo sofrido por Isaías? De que forma percebemos esse racismo estrutural denunciado na obra de Barreto? Como podemos fazer para combater tal forma de discriminação?

## 2. Trechos do livro *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*, para serem utilizados na aula

A cena abaixo descreve um momento da narrativa onde ocorre o racismo estrutural sofrido por Isaías Caminha. Nesse episódio, ele foi conduzido a uma delegacia sem saber o motivo, mais tarde ele descobre que era suspeito de roubo. Isaías é interrogado pelo delegado que pergunta se ele é estudante. Tal episódio é descrito por esse personagem da seguinte forma:

Era mais uma variante daquelas tolas humilhações que eu já sofrera; era o sentimento geral de minha inferioridade, decretada a priori, que eu adivinhei na sua pergunta. E afirmei então com a voz transtornada:

- Sou sim, senhor!

- Pois então diga-me de quem é este verso: “Estava mudo e só na rocha de granito”?

- Não sei, não senhor; não leio versos habitualmente...

(Barreto, 2019, p. 118-119)

Após esse diálogo, o delegado conclui: “[...] É que você não é estudante nem nada; não passa de um “malandro” muito grande” (Barreto, 2019, p. 119).

Diante disso, Isaías Caminha reage da seguinte forma:

Por aí, houve em mim o que um autor russo chamou a convulsão da personalidade. Todo eu me agitei, todo eu me indignei. Senti num segundo todas as injustiças que vinha sofrendo; revoltei-me contra todos os sofrimentos que vinha suportando. Injustiças, sofrimentos, humilhações, misérias, juntaram-se dentro de mim, subiram à tona da minha consciência, passaram pelos meus olhos e então expectorei sacudindo as sílabas:

- Imbecil! (Barreto, 2019, p. 120)

No entanto, a consequência de tal ato foi terrível:

Fui para o xadrez convenientemente escoltado. Pelo caminho, tudo aquilo me pareceu um pesadelo. Custava-me a crer, no intervalo de horas, eu pudesse ter os entusiasmos patrióticos do almoço e fosse detido como um reles vagabundo num xadrez degradante. Entrei aos empurrões; desnecessários aliás, porque não opus a menor resistência. As lágrimas correram-me e eu pensei comigo: A pátria! (Barreto, 2019, p. 120)

Acreditamos que tais passagens do romance são bem representativas em torno do tema discutido.

## **AULA 2**

### **O DESCASO DOS GOVERNANTES COM A POPULAÇÃO POBRE**

#### **1. Descrição das atividades desenvolvidas**

O descaso e o a negligência do estado Brasileiro, da República recém inaugurada, eram tônicas da produção literária de Lima Barreto. Esse autor mostrava através de seus textos a maneira pela qual as elites dirigentes de nosso país, formadas por oligarquias, concentrava para si todas as benesses, deixando de lado a parcela significativa da população. Barreto constatou que poucos usufruíam inúmeros privilégios, à custa de direitos básicos da maioria. A revolta de Isaías caminha contra os governantes da época demonstra a visão de seu autor. Policarpo Quaresma e os personagens desse romance também.

Nesse sentido, iremos abordar essa temática da seguinte forma:

- 1º Leitura do texto Analfabeto Político de Berthold Brecht;
- 2º leitura de trechos do romance Memórias do escrivo Isaías Caminha, que exemplificam essa situação;
- 3º Leitura da crônica, país rico de Lima Barreto;
- 3º Resolução de questões reflexivas;
- 4º Produção Textual

Abaixo segue os trechos da obra citadas e questões reflexivas para serem utilizadas em sala de aula.

#### **2. Textos e questões norteadoras para a aula**

Leia os textos abaixo e reflita sobre as questões propostas

##### *2.1 O analfabeto político - Berthold Brecht*

“O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio depende das decisões políticas. O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos que é o político vigarista, pilantra, o corrupto e lacaio dos exploradores do povo”.  
(Berthold Brecht)

##### *2.2 Trechos do romance Recordações do escrivo Isaías Caminha*

Já em um trecho do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, o personagem principal Isaías Caminha, ao se sentir lesado e desrespeitado por um magistrado, se revolta contra a classe política. A revolta de Isaías é retratada por ele da seguinte forma:

Patife! Patife! A minha indignação veio encontrar os palestradores no máximo de entusiasmo. O meu ódio, brotando naquele meio de satisfação, ganhou mais força. Num relâmpago, passaram-me pelos olhos todas as misérias que me esperavam, a minha irremediável derrota, a minha queda aos poucos – até onde? Até onde? E ficava assombrado que aquela gente não notasse o meu desespero, não sentisse a minha angústia... Imbecis! Pensei eu. Idiotas que vão pela vida sem examinar, vivendo quase por obrigação, acorrentados às suas misérias como galerianos à calceta! Gente miserável que dá sanção aos deputados, que os respeita e prestigia! Por que não lhe examinam as ações, o que fazem e para que servem? Se o fizessem... Ah! Se o fizessem! (Barreto, 2019, p. 103-104)

### 2.3 *Crônica País Rico*

Leia a crônica de Lima Barreto e perceba a maneira irônica como esse autor descreve a riqueza de nosso país, que está a serviço de poucos. A crônica está disponível no seguinte link: < <https://pt.scribd.com/document/870383754/Cronica-Pais-rico-de-Lima-Barreto> >

### 2.4 *Questões norteadoras*

#### **Agora Reflita!**

A partir da leitura do poema *O analfabeto político*, de Brecht, e da crônica *País rico* e do trecho do romance de Lima Barreto, reflita e responda as questões abaixo:

- a) A participação política é importante em nossa sociedade atual?
- b) Você se considera um cidadão participante da vida pública? Explique sua resposta.
- c) A partir da leitura da crônica “País rico”, responda: quais problemas sociais o autor apresenta relacionados à política de sua época?
- d) Quais situações denunciadas por Barreto se assemelham a problemas atuais, enfrentados por nós diariamente?

### **3. Produção textual**

A partir das discussões empreendidas em sala, escreva um pequeno texto, dissertativo, falando sobre a importância de ser um cidadão consciente e participativo. Indique quais são as desvantagens em ser uma pessoa que vive alheia à vida política, conforme nos mostram o poema, a crônica e o trecho do romance acima. O texto deve ter no mínimo 15 linhas e no máximo 30 linhas.

## AULA 3

### A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NA PRIMEIRA REPÚBLICA

#### 1. Descrição das atividades desenvolvidas

Nesta aula, buscaremos expor a percepção de Lima Barreto sobre a condição da mulher, sobretudo a mulher negra, no período da Primeira República. Em seus textos, Barreto sempre buscava refletir a situação de exclusão sofrida pelas mulheres, em uma sociedade marcadamente patriarcal, Lima Barreto denunciava a falta de oportunidade para as mulheres ocuparem cargos de destaque na sociedade, situação decorrente de uma mentalidade machista, que buscava reduzir a mulher a condição de prisioneira do lar, dependente do marido ou do pai. Diante disso iremos propor os seguintes momentos didáticos:

1. Leitura de trechos do romance *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*.
2. Divisão da classe em três equipes; cada equipe ficará responsável por ler uma crônica de Lima Barreto, na qual é abordada a condição da mulher, e discutir internamente em cada grupo, pesquisando em jornais notícias que se assemelhem a situações retratadas nas crônicas;
3. A pesquisa dos estudantes poderá ser feita com os seus smartphones, dispositivos móveis (ressaltando que esses deverão ser usados para fins didáticos) ou em computadores da sala de informática da escola.
4. Após a leitura e pesquisa, cada equipe deverá socializar com a sala a interpretação feita em torno da crônica, traçando paralelos com notícias atuais.
5. Ler o texto de Lilia Schwarcz e refletir sobre o papel de Amália Augusta, mãe de Lima Barreto e professora. O texto está disponível no seguinte link: <https://www.academia.org.br/noticias/lilia-schwarcz-fala-sobre-amalia-augusta-mae-de-lima-barreto-na-abl>
6. Por fim, o professor pedirá que os estudantes elaborem, em casa, um relatório sobre as apresentações de seus colegas.

#### 2. Trechos do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*

A mãe de Isaías Caminha é descrita no romance como sendo uma mulher triste, cabisbaixa. Ela representa, no romance, o retrato da mulher negra herdeira do passado de escravidão. Isso aponta para a percepção que Barreto tinha de que aquela sociedade era cruel

com as mulheres, pois a elas eram negadas quaisquer oportunidades, sendo a elas imposta a situação de cativa do lar. A despedida de Isaías de sua mãe é bem reveladora nesse sentido, sobre isso o personagem Isaías Caminha diz o seguinte:

No dia seguinte, quando me despedi, ela (a mãe) deu-me um forte abraço, afastou-se um pouco e olhou-me longamente, com aquele olhar que me lançava sempre, fosse em que circunstância fosse, onde havia mesclados, terror, pena, admiração e amor.  
- Vai, meu filho – disse-me ela afinal – Adeus!... E não te mostres muito porque nós... E não acabou. O choro a tomou convulsa e eu me afastei chorando.  
(Barreto, 2019, p. 57).

A mãe de Isaías parece querer alertar o filho sobre a crueldade e exclusão existentes na sociedade, sobretudo contra as pessoas negras.

### 3. Crônicas a serem lidas

*Tenho esperança que...*

Disponível em: < <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/16000/tenho-esperanca-que> >

Nessa crônica, o autor reflete sobre a carência na educação oferecida às mulheres e sobre a necessidade de se investir na educação das jovens moças. Essa crônica é uma ótima oportunidade para discutir sobre temas como a igualdade de gênero e a necessidade de combater uma visão machista e patriarcal ainda presente em nossa sociedade.

*Quereis encontrar marido? – Aprendei!...*

Disponível em: <

<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/LimaBarreto/cronicas/quereisencontrarmarido.htm> >

Nessa crônica, o autor fica indignado contra as leis que não permitem que as mulheres exerçam cargos públicos, o que demonstra um mecanismo de exclusão vigente na sociedade de seu tempo. Essa crônica também é uma oportunidade para discutir sobre a necessidade de alcançarmos a igualdade de gênero e também pensar os mecanismos que ainda existem na estrutura de nossa sociedade que dificultam a igualdade de gênero.

*Mais uma vez*

Disponível em: <

<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/limabarreto/cronicas/masumavez.htm> >

Nesse texto, Lima Barreto demonstra indignação perante um caso de feminicídio, em

que o marido tira a vida da esposa por conta de um suposto adultério cometido por esta. Essa crônica pode ser relacionada com as discussões em torno de uma lei retrógrada e bárbara que permitia ao marido a chamada “legítima defesa da honra”.

#### **4. Relatório**

Ao final da aula, o professor deve pedir que os estudantes redijam, em casa, um relatório de no mínimo 15 linhas e no máximo 30 linhas, abordando os seguintes pontos e questões:

- Quais temas foram explorados pelos colegas, através das crônicas?
- De que forma tais temas se relacionam com a atualidade?
- De que forma podemos contribuir com uma sociedade mais justa e igualitária, que garanta mais oportunidades para todos?

O professor pode pedir que os estudantes leiam o relatório na aula seguinte, retomando alguns pontos da discussão.

## AULA 4

### REFORMA URBANA E PROJETO DE HIGIENIZAÇÃO ÉTNICA

#### 1. Descrição das atividades desenvolvidas

Uma das temáticas denunciadas pela obra de Lima Barreto era a reforma urbana promovida no Rio de Janeiro, pois esse autor compreendia que tal empreendimento tinha como plano de fundo um processo de exclusão da população negra, que era varrida para as zonas marginais da cidade. Nesse sentido, essa aula irá debater sobre a relação entre a reforma urbana do Rio de Janeiro e o processo de exclusão e segregação da população negra. Visando trabalhar essa temática, nossa aula terá as seguintes etapas:

1. Ler as citações de Beatriz Rezende (apud Veimelka) e Schwarcz e Starling sobre a reforma urbana empreendida no Rio de Janeiro;
2. Ler trechos de recordações do escrivo Isaiás Caminha, que aborda essa temática;
3. Ler as crônicas de Lima Barreto que falam sobre a reforma urbana, e o preconceito nela presente;
4. Elaborar uma redação, que pode ser um texto dissertativo ou uma crônica, no qual o estudante aborde alguns problemas urbanos que ele identifica em seu contexto, seja em sua cidade, estado ou país.
5. Por fim, as redações podem ser lidas pelos estudantes na aula seguinte; conseqüentemente, a sala pode debater sobre a relação entre os problemas urbanos denunciados por Lima Barreto e os problemas urbanos atuais. Os estudantes podem recorrer ao professor (a) de Língua portuguesa, que poderá dar subsídios para a estruturação do texto.

#### 2. Trechos de Beatriz Resende, Schwarcz e Starling

A reforma urbana empreendida no Rio de Janeiro tinha em seu cerne um processo racista e de exclusão, que tinha como meta afastar a população pobre e negra, para zonas periféricas, enquanto que o centro da cidade seria por excelência o espaço da pretensa modernidade, como largas avenidas, prédios modernos e casarões luxuosos. A segregação promovida pelo estado e descrita nas duas citações abaixo, que devem ser lidas e debatidas em sala:

Marco paralelo e complementar foi a expulsão da população pobre que habitava a região central e a destruição dos “cabeças de porco”. Era a ditadura do “bota-abaixo”,

que demolia casas, cortiços e os hotéis baratos – os “zungas”, ou os “caixotins humanos”, conforme definição do escritor negro Lima Barreto, ele próprio habitante dos subúrbios cariocas e testemunha crítica desse momento. (Schwarcz e Starling, 2015, p. 327).

O Rio de Janeiro cedo passou a cultivar um ideário de gosto e comportamento de capital europeia, como que ignorando mesmo a realidade agrária e a sociedade escravista do país. Feita a independência, eliminada a escravidão e proclamada a República, cabe ao governo modernizar o país, e isto só seria feito modernizando-se a capital. [...] Ao prefeito Pereira Passos caberia a tarefa de modernizar a cidade, torna-la atraente aos olhos europeus, mas também a tarefa de domesticá-la, instaurando a ordem para que o Rio de Janeiro se apresentasse como uma cidade cartão-postal da Belle-époque, onde não aparecesse, a turvar a imagem, o Brasil pobre, o Brasil negro, o Brasil mulato. (Resende, 1993, p. 39 e 28 apud Vejmelka, 2008, p. 201-202).

Diante dessas duas citações, podemos debater em sala as seguintes questões: Quais foram as consequências da reforma urbana do Rio de Janeiro para a população pobre? Tais consequências ainda estão presentes nos dias atuais? Atualmente, os discursos de modernização ainda podem carregar elementos do racismo? Tais questões podem ser relacionadas aos temas trabalhados anteriormente e discutida com todos os estudantes da sala.

### 3. Citação do romance *Memórias do escrivo Isaiás Caminha*

Um personagem do romance *Recordações do Escrivo Isaiás Caminha* (2019) fala sobre sua impressão a respeito das intervenções urbanas feitas na cidade do Rio de Janeiro, diz ele:

“Então de uns tempos para cá parece que essa gente está doida; botam abaixo, demolem casas, levantam outras, tampam umas ruas, abrem outras... Estão doidos” (Barreto, 2019, p. 92).

Percebemos que o personagem demonstra sua incompreensão diante dos projetos que buscavam demolir casebres e construir residências modernas, com o objetivo de transformar o Rio em uma cidade pomposa e semelhante às metrópoles europeias. No entanto, tal projeto não levou em consideração as populações pobres, que, em muitos casos, foram obrigadas a ocupar outros lugares da cidade, a margem desse processo dito civilizatório.

### 4. Crônicas de Lima Barreto

Variações

Disponível em: <

<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/LimaBarreto/cronicas/indice.htm> >

Nessa crônica, Lima Barreto reflete sobre os problemas urbanos das habitações e as condições precárias da população pobre e marginalizada. Barreto propõe que uma possível

solução para esse problema seria uma distribuição de terras para que a população pobre tivesse condições de ocupar o campo e produzir, no entanto, ele constata que isso não é realizado. Nesse texto, Barreto também fala sobre o problema dos alugueis altos. Essa crônica pode ser relacionada à atual questão da reforma agrária e da ocupação dos espaços urbanos.

A volta

Disponível em: < <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/15152/a-volta> >

Nesta crônica, Lima Barreto critica o projeto de modernização do Rio de Janeiro, expondo a situação dos afrodescendentes que migraram para a cidade, onde viviam em situação precária e eram tidos como indesejáveis.

## 5. Produção textual

A partir da temática abordada nessa aula, os estudantes precisam desenvolver um texto, que poderá ser um texto dissertativo argumentativo ou uma crônica (Preferencialmente), abordando problemas urbanos, identificados em seu contexto urbano, seja a nível de município, estado, ou a nível de país. Os estudantes podem relacionar os problemas identificados com os problemas urbanos denunciados por Lima Barreto. A redação deverá ter entre 15 e 30 linhas, abordando a temática e respeitando a diversidade e os direitos humanos.

Caso os estudantes precisem pesquisar sobre a estrutura de uma crônica seguem sugestões de links abaixo:

<https://mundoeducacao.uol.com.br/redacao/cronica.htm>

<https://faculdade.grancursosonline.com.br/blog/como-fazer-uma-cronica/>

## AULA 5

### O DISCURSO RACISTA LIGADO A TEORIAS PSEUDOCIENTÍFICAS

#### 1. Descrição das atividades desenvolvidas

Lilia Schwartz (2012) diz que o racismo no Brasil também foi construído a partir de discursos que buscavam estigmatizar os negros e seus descendentes, atribuindo a eles uma suposta degeneração, que, na ideia dos pensadores racistas do sistema, deveria ser extirpada da sociedade. A partir de Schwartz (2012), é possível perceber que as ideias de branqueamento da população brasileira eram uma tônica do Brasil em fins do século XIX e início do século XX. Assim, o discurso racista da superioridade do Branco sobre o negro era ancorado em teorias pseudocientíficas, como o darwinismo social. Esse discurso racista era percebido por Lima Barreto, que buscava evidenciá-lo em sua literatura, para que ele fosse combatido. Assim para discutir essa temática, dividiremos a aula nas seguintes etapas:

- Leitura de trechos que abordam a temática do racismo ligado a prática pseudocientíficas;
- Leitura da crônica Problema vital, escrita por Lima Barreto;
- Leitura do conto O moleque, de autoria de Lima Barreto
- Debate sobre os discursos racistas em voga no período de Lima Barreto os discursos racistas presentes na atualidade.

#### 2. Trechos de autores que evidenciam o discurso racista e sua ligação com teorias pseudocientíficas

O trecho abaixo é bem sugestivo no que tange as teorias pretensamente “científicas”, que davam escopo ao racismo.

Sobretudo a mestiçagem era considerada um grande mal; quase uma sina local. Afinal, teorias como o darwinismo racial e mesmo a antropologia criminal de Cesare Lombroso faziam muito sucesso no país. Supunha-se que as raças correspondiam a dados essenciais e fixos, e que a humanidade se dividia a partir delas em hierarquias naturais. Ou seja, cada raça teria potenciais distintos e inalteráveis, estando os brancos caucasianos no topo da pirâmide social e evolutiva, e os negros na base. Contudo, piores que as raças puras seriam as mestiçadas, as quais, de acordo com esses mesmos teóricos, eram passíveis de todo tipo de “degeneração hereditária”. Segundo profissionais brasileiros como Nina Rodrigues, médico da Faculdade de Medicina da Bahia, os mestiços estariam mais propensos à criminalidade, à loucura e a outros “estigmas” próprios de seu grupo racial. Não por acaso, em 1894 Nina Rodrigues publicou o livro *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, propondo a existência de dois códigos penais, um para brancos e outro para negros, adaptados aos “graus de evolução de cada grupo” (Schwarcz e Starling, 2015, p. 329).

Sobre a condição dos escravizados libertos, um diálogo entre Olga, afilhada de Policarpo Quaresma, e Felizardo, escravo recém liberto, que trabalhava na fazenda de Quaresma, é bem revelador. Olga pergunta a Felizardo se ele e seus parentes não cultivam alimentos, ao que o trabalhador responde, em meio à labuta: “Terra não é nossa... E “frumiga”?... Nós não “tem” ferramenta... isso é bom para italiano ou “alamão”, que governo dá tudo... Governo não gosta de nós...” (Barreto, 2004, p. 96)

### 3. Crônica de Lima Barreto

Problema vital

Disponível em: <

<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/LimaBarreto/cronicas/indice.htm> >

Nessa crônica, Lima Barreto analisa a vida dos moradores do campo, chamados de roceiros, que em boa parte eram descendentes de escravos, e constata a falta de condições dessas pessoas, diante de um estado que nada faz para melhorar tal situação. Isso demonstra o racismo presente no estado da época, que tinha pretensões de promover o branqueamento da população.

### 4. Leitura do conto O moleque, de autoria de Lima Barreto

O conto está disponível no seguinte endereço: < <https://contobrasileiro.com.br/o-moleque-conto-de-lima-barreto/> >

Nesse texto, Lima Barreto retrata a visão negativa que a sociedade de sua época tinha em relação às pessoas negras. Além disso, o conto também retrata os discursos racistas que pregam a superioridade do branco sobre o negro.

### 5. Debate sobre os discursos racistas em voga no período de Lima Barreto os discursos racistas presentes na atualidade.

Nesse momento, o professor poderá ser o mediador do debate, apresentando situações atuais que demonstram discursos racistas na atualidade. O docente pode trazer para a sala notícias de jornal, estatísticas e gráficos sociais, músicas, trechos de filmes e séries que retratam e evidenciam casos de racismo, atrelados a discursos que ainda defendem a superioridade branca.

## 12. CONSIDERAÇÕES FINAIS ACERCA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Caro professor (a), a sequência didática acima apresentada tem o sentido de suscitar reflexões sobre questões debatidas pela literatura de Lima Barreto, no contexto da Primeira República. As atividades e momentos didáticos aqui planejados podem ser modificados conforme as necessidades e condições de cada educador. Nesse sentido, tal sequência deverá ser compreendida a nível de sugestão, podendo ser adaptada, resumida ou estendida, a depender da necessidade de cada educador. Caso seja necessário, o professor pode escolher uma ou duas temáticas sugeridas para serem trabalhadas, ou poderá também adotar as atividades de forma interdisciplinar, contando com a parceria de professores de outras disciplinas, como artes, língua portuguesa, ou filosofia, por exemplo.

Ressaltamos que o material didático aqui desenvolvido é resultado de uma densa pesquisa de mestrado, com o foco em estudar a condição das pessoas negras na Primeira República, a partir da literatura de Lima Barreto. Esperamos que o nosso produto pedagógico possa contribuir com um ensino de história mais plural, lúdico e menos hegemônico. Fazendo emergir uma pluralidade de vozes esquecidas pela história tradicional, porém potencializadas pela literatura de Lima Barreto. Esperamos também que nossa proposta seja um pontapé inicial para professores e estudantes buscarem cada vez mais estudar a literatura de Lima Barreto e utilizá-la nas aulas de história, servindo-se desse rico diálogo entre as letras e o ensino de história.

**REFERÊNCIAS (da sequência didática)<sup>8</sup>**

BARRETO, Lima. **Crônicas Escolhidas**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Moderna: São Paulo, 2004.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial do Estado. Acesso em: 23 jun. 2024, 2001

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

SCHWARCZ, Lilia M. **Lima Barreto: Triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: Uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; SPACCA. **Triste República: a Primeira República comentada por Lima Barreto**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2022.

VEJMEKKA, Marcel. Uma arqueologia do Rio: Escavando O subterrâneo do Morro do Castelo de Lima Barreto. In: MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Ensaio Premiado: A obra de Lima Barreto**. Gráfica do Brasil, 2008.

---

<sup>8</sup> As referências dessa sequência didática também podem ser compreendidas como sugestão de leitura para o professor.

#### 4. CONCLUSÃO

Diante do exposto, foi possível perceber, ao longo desse trabalho, que o nosso ensino em história ainda carrega influências do positivismo, o que se traduz em uma compreensão da história como sendo uma narrativa linear e feita por grandes acontecimentos e importantes personalidades. Tal visão, dificulta o trabalho do professor de história, uma vez que ele precisa combater uma série de equívocos decorrentes de tal concepção. Além disso, a narrativa linear de datas e fatos tem alto apelo à memorização, o que torna o ensino de história desgastante e pouco atraente para os estudantes, criando um obstáculo para o professor de história e que deve ser considerado em seu planejamento didático.

Frente a esses desafios, nosso trabalho buscou refletir sobre o uso da literatura como ferramenta didática para o ensino de história. Buscamos apontar de que forma a literatura de Lima Barreto pode ser utilizada para pensar o Período da Primeira República, fugindo de uma visão hegemônica da história e propiciando a construção de uma sequência didática que buscou criar momentos de reflexão crítica, capazes de proporcionar a aquisição de saberes fundamentais para o exercício da cidadania e para a vida, em conformidade com os documentos norteadores para o ensino de história, a saber a BNCC e os PCNs.

Acreditamos que o forte tom testemunhal a Literatura de Lima Barreto, e o seu engajamento com problemas do seu tempo, possam fornecer ferramentas para a leitura crítica de seu contexto histórico, fugindo de uma história linear e hegemônica e buscando dialogar com o presente, dando voz àqueles que foram, por vezes, esquecidos. Como dito por Santiago (2008), Lima Barreto foi um biógrafo dos esquecidos, o que o coloca em conformidade com os pressupostos de Walter Benjamin (1985), que defende que o narrador é uma espécie de sucateiro, que vai juntando os restos que a história deixou de lado ou descartou. Ao dar visibilidade aos esquecidos, Barreto também se aproxima da concepção de uma história vista de baixo, cunhada por E. P. Thompson (2001). Com efeito, é possível perceber que a literatura de Barreto pode ser utilizada como fonte histórica e ferramenta metodológica para as aulas de história.

Partindo desses pressupostos, nós acreditamos que nossa sequência didática possa ser um instrumento em favor de uma história reflexiva, instigante e pulsante. Ao longo da pesquisa, foi possível aplicar alguns momentos da sequência didática, em sala de aula, e com isso percebemos maior engajamento dos estudantes. Ao aplicar as atividades presentes na sequência didática, na ECIT Francisco Marques de Melo, que se localiza no município de Damião, na

Paraíba, foi possível perceber que os estudantes se tornaram mais receptivos aos temas debatidos e as discussões se tornaram mais profícuas. Além disso, foi possível trabalhar de forma interdisciplinar com as disciplinas de sociologia, filosofia e língua portuguesa. Ao fazermos isso, acreditamos que foi possível desenvolver importantes instrumentos de leitura e interpretação, fundamentais para que os estudantes possam se adentrar no debate de ideias e temas recorrentes nos dias atuais, uma vez que tal debate é crucial para desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo do estudante, tornando tal educando um agente de transformação social.

A atualidade dos temas discutidos, a partir da literatura de Lima Barreto, também tornou possível preparar os estudantes para a redação do ENEM, uma vez que fazíamos momentos de discussão de temas históricos e sociológicos, e, em outros momentos, buscávamos sistematizar tais temas a partir da escrita. Pois como dito por Libâneo (1994), a exposição dos conteúdos e as discussões da aula devem chegar ao plano de reflexão do estudante, o que pode se dar por meio de atividades reflexivas e de escrita. Nesse sentido, acreditamos que a nossa sequência além de fortalecer o pensamento crítico, a capacidade de escrever, e a compreensão histórica, também foi fundamental para a aquisição de competências éticas, fundamentais para a vida em sociedade e para a construção de uma mentalidade de tolerância e respeito ao diverso, premissas fundamentais para a convivência pacífica.

Para além da preparação para a avaliação do ENEM, também acreditamos que a atualidade dos temas debatidos propiciam a formação de uma visão de mundo ética, comprometida com o diverso e voltada para o combate a toda forma de preconceito e racismo. Foi possível perceber uma postura crítica e engajada dos estudantes, ao adentrarem os textos literários de Lima Barreto, pois as grandes obras são atemporais e nos suscitam reflexões a todo momento. Nesse sentido, é possível relatar que os estudantes o tempo inteiro fizeram a correlação entre o contexto histórico dos escritos trabalhados e dos dias atuais, o que reforça a atualidade de tais escritos. Foi possível também perceber uma expressiva participação dos estudantes e sua ansia em opinar e se expressar em torno das discussões empreendidas em sala de aula.

Em meio ao contexto atual, ainda marcado pela discriminação, o racismo e diversas formas de desigualdade, acreditamos que é importante refletirmos sobre essas questões e buscar promover uma educação comprometida com a mudança de estruturas da sociedade e engajada contra as injustiças ainda recorrentes. Em conformidade com o que foi apresentado, podemos concluir que nossa sequência didática se apresenta como um importante instrumento didático para promover aulas de história que respeitem a diversidade de vozes existentes e busque pensar

uma situação problema de maneira crítica e ética. É importante ressaltar que isso configura nossa proposta como sendo uma iniciativa de combate ao racismo e também um mecanismo para a efetivação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que buscam assegurar o estudo da cultura afro-brasileira, ressaltando o protagonismo de tal cultura na formação de nosso povo, o que é fundamental para pensarmos sobre a nossa diversidade cultural e sobre a nossa ancestralidade.

As aulas e atividade apresentadas em nossa sequência, obviamente, poderão ser adaptadas à situação concreta de cada educador, podendo ser resumida, estendida ou reorganizada. Independente da forma escolhida para a aplicação, acreditamos que tal instrumento é um convite a pensarmos a história a partir daqueles que foram esquecidos, os que não ocuparam lugares de destaque. Nesse sentido, acreditamos na pluralidade de vozes que podem emergir a partir da leitura crítica da Literatura de Lima Barreto. Dar visibilidade aos esquecidos vai bem mais além de uma aula de história, mas passa a ser um compromisso ético com a sociedade. É preciso pensar sobre a configuração que o racismo assumiu em diferentes períodos históricos e contextos diversos, pois dessa forma poderemos desenvolver, ainda mais, a mentalidade e as ações de combate às práticas racistas. Em conformidade com Freire (2014) e Libâneo (1994), acreditamos que ensinar não é apenas uma questão didática, mas um compromisso social.

## REFERÊNCIAS

- ABUD, Katia Maria. Formação da Alma e do Caráter Nacional: Ensino de História na Era Vargas. **Revista Brasileira de História**. vol. 18 n. 36 São Paulo 1998. On-line version ISSN 1806-9347. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01881998000200006> > Acesso em: 21/05/2024.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **Lima Barreto e a Reforma da Sociedade**. Recife: Pool Editorial S.A, 1987.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte: Autêntica editoria, 2017.
- BARRETO, Lima. **Crônicas Escolhidas**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- BARRETO, Lima. **Histórias e Sonhos**. São Paulo-Rio de Janeiro-Porto Alegre: Gráfica editora Brasileira LTDA, 1951.
- BARRETO, Lima. **Lima Barreto completo I e II**. ePUR. (Versão Kindle)
- BARRETO, Lima. **Obras completas**. Booklyn Media. (Versão Kindle)
- BARRETO, Lima. **Prosa Seleta**. Organização Eliane Vasconcelos. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001.
- BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Moderna: São Paulo, 2004.
- BARRETO, A. D. N.; SILVA, T. A. S. M. da; E NASCIMENTO, R. B. Análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de História: uma reflexão sobre o uso de fontes históricas em sala de aula, **HistELA**, v. 2 2019. Disponível em < <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/19540> > Acesso em 22/12/2025
- BENJAMIN. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasilienses, 1985.
- BITTENCOURT. Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: história**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC /SEF, 1998.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 10 jan. 2003.
- BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 11

mar. 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 12 de abril de 2026.

CAMPOS, Maria Tereza Arruda. **Lima Barreto**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CHAVES, José Antonio Garcia de. Uma leitura da escrita impressiva de Lima Barreto. Crônicas de heróis vulgares. In: MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Ensaio Premiado: A obra de Lima Barreto**. Gráfica do Brasil, 2008.

CUTI. **Lima Barreto: retratos do Brasil negro**. São Paulo: Selo Negro edições, 2011.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FARIAS, Joel Nunes De et al.. O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre a literatura e a história. **Anais do X CONGRESSO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS E LITERATURA**, Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79120>>. Acesso em: 02/01/2025 14:41

FAUSTINO, Rosângela Célia; GASPARIN, João Luiz. A influência do positivismo e do historicismo na educação e no ensino de história. **Acta Scientiarum**, Maringá, 23(1):157-166, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2765>>

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2009.

FERREIRA, Andressa; MORENO, Jean Carlos. Mulheres brasileiras na literatura de cordel: Aprendizagem da história, linguagens e interculturalidade crítica. In: MAIA, Paulo Roberto de Azevedo; RAMOS, Márcia Elisa Teté. (Org.). **Linguagens e narrativas Históricas na sala de aula**. (Coleção Experimentos e reflexões sobre práticas no ensino de História, v. 3). João Pessoa: Editora do CCTA, 2022. P. 119-147.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. O ensino de História do Brasil: concepções e apropriações do conhecimento histórico (1971-1980). IN: CERRI, Luiz Fernando (org.) **O ensino de história e a ditadura**. 2 ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003; p. 47 – 65.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 4. ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. Não há docência sem discência. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GAGNEBIN. Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. 2º Ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

LE GOFF, J.; LADURIE, E. Le R.; et al. **A nova história**. Lisboa: Edições 70, 1991.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

- MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer. O ensino de História no Brasil: contextualização e abordagem historiográfica. **História Unissinos**. 15 (1) 40-49 Janeiro/Abril, 2011.
- MEDEIROS, Elisabeth Weber. Ensino de história: fontes e linguagens para uma prática renovada. **Vidya**. Santa Maria, RS, v. 25, n. 2, p. 59-71, jul/dez, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/395>
- MEINERZ, Carla Beatriz. Ensino de história: A relação pedagógica presente em nossas práticas. In: BARROSO, V. L.; PEREIRA, N. M.; et al (org.). **Ensino de história: desafios contemporâneos**. Porto Alegre: Est Exclamação: ANPUH, 2010.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Ensaio Premiado: A obra de Lima Barreto**. Gráfica do Brasil, 2008.
- MONTOITO, Rafael; RIOS, Diogo Franco. Manchas de Tinta no Papel: a Literatura como Fonte Histórica. **Zetetiké**, Campinas, SP, v.27, 2019, p.1-18. Disponível em: [https://www.academia.edu/59556784/Manchas\\_de\\_tinta\\_no\\_papel](https://www.academia.edu/59556784/Manchas_de_tinta_no_papel)
- PESAVENTO, Sandra Jatáhy. O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**, ASPHE/FAE/UFPEL, Pelotas, n. 14, p. 31 - 45, 01 set. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30220>
- PICOLI, Bruno Antonio; CAVANNA, Federico Jose Alvez A aula de História, a escola e o público. **Palavras Abertas**, n.3, set. 2021. Disponível em: < <https://palavrasabertas.abeh.org.br/index.php/palavrasABEHrtas/article/view/29> > Acesso em: 31/03/2024
- PRADO, Antonio Arnoni. **Lima Barreto: o crítico e a crise**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- OLIVEIRA, Irenísia Torres de. Um destino comum: compromisso por solidariedade na obra de Lima Barreto. In: BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi Oliveira. A questão nacional na Primeira República. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- ORIÁ, Ricardo. Construindo o Panteão dos Heróis Nacionais: monumentos à República, rituais cívicos e o ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 3, nº 6, p. 43-66 – 2014. Disponível em: < <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/137> > Acesso em 07/05/2024.
- ROSSO, Mauro. (org.). **Lima Barreto e a política: os contos argelinos e outros textos recuperados**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio/Editora Loyola, 2010.
- SANTIAGO, Jorge P. A obra literária de Lima Barreto, uma Proto-Antropologia da cidade. In: MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Ensaio Premiado: A obra de Lima Barreto**. Gráfica do Brasil, 2008.

SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos. **O currículo da disciplina história no colégio Pedro II – IMPÉRIO**. Cadernos de História da Educação – v. 14, n. 1 – jan./abr. 2015. Disponível em: < [https://ppge.educacao.ufrj.br/teses/Tese\\_Beatriz\\_Boclin.pdf](https://ppge.educacao.ufrj.br/teses/Tese_Beatriz_Boclin.pdf) > Acesso em: 25/06/2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e Questões raciais no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia M. **Lima Barreto: Triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: Uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; SPACCA. **Triste República: a Primeira República comentada por Lima Barreto**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2022.

SENA JUNIOR, Gilberto Ferreira. **Realidade versus ficção: a literatura como fonte para a escrita da história**. 2021. Disponível em: < <https://doceru.com/doc/es101xc> > Acesso em 16/12/2025.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

SILVA, F. L. **Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SILVA, Alberto da Costa e. “Quem fomos nós no século XX: as grandes interpretações do Brasil” (p. 17-41). IN: MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Viagem Incompleta: A Experiência Brasileira (1500-2000): A Grande Transação**. 2 ed. São Paulo: SENAC, 2000.

SILVA, Pedro Felipe Ribeiro; ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Textos Literários no ensino de história: As contribuições de homens e caranguejos em uma leitura contra hegemônica sobre o Recife**. In: MAIA, Paulo Roberto de Azevedo; RAMOS, Márcia Elisa Teté. (Org.). **Linguagens e narrativas Históricas na sala de aula**. (Coleção Experimentos e reflexões sobre práticas no ensino de História, v. 3). João Pessoa: Editora do CCTA, 2022. P. 119-147.

SILVA, Jules Ventura. **Lima Barreto, entre rumores e imagens: a circulação social da obra Recordações do escrívão Isaias Caminha**. Curitiba, 2016, Dissertação de mestrado apresentada a Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <

<https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/44130/R%20-%20D%20-%20JULES%20VENTURA%20SILVA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> > Acesso em 30/12/2025.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE Peter. (Org) **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1992.

TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. Problematizar o tradicional para encontrar o novo: o ensino de História no quadro das tendências historiográficas. **Cadernos de História da Educação**, v.15, n.1, p.323-347, jan.-abr. 2016. Disponível em: < <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/34640> > Acesso em 21/04/2024.

THOMPSON, E. P. A história vista de baixo. In: THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. P. 185-202.

TUFANO, Douglas. **Lima Barreto**. Crônica-Conto-Romance. São Paulo: Moderna, 2016.

VEJMELKA, Marcel. Uma arqueologia do Rio: Escavando O subterrâneo do Morro do Castelo de Lima Barreto. In: MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Ensaio Premiado: A obra de Lima Barreto**. Gráfica do Brasil, 2008.

VIEIRA, Cleber Santos. Civismo, República e manuais escolares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 32, nº 63, p. 325-340 – 2012. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbh/a/yWL6PDqMTzR8GGWJhVL8vcw/> > Acesso em 06/05/2024.

XAVIER, Erica da Silva. O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico. **Antíteses**, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, pp. 1097-1112. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>

## APÊNDICE 1

(Atividade desenvolvida na disciplina de história, nas turmas da 3º série do ensino médio e no Ciclo VI do EJA, na ECIT Francisco Marques de Melo, escola estadual da Paraíba, as atividades aqui incluídas no apêndice poderão ser aplicadas pelos professores, durante o desenvolvimento da sequência didática.)

### Maio – Crônica de Lima Barreto

Estamos em maio, o mês das flores, o mês sagrado pela poesia. Não é sem emoção que o vejo entrar. Há em minha alma um renovamento; as ambições desabrocham de novo e, de novo, me chegam revoadas de sonhos. Nasci sob o seu signo, a treze, e creio que em sexta-feira; e, por isso, também à emoção que o mês sagrado me traz, se misturam recordações da minha meninice.

Agora mesmo estou a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia de teus anos. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no largo do Paço.

- Na minha lembrança desses acontecimentos, o edifício do antigo paço, hoje repartição dos Telégrafos, fica muito alto, um *sky-scraper*; e lá de uma das janelas eu vejo um homem que acena para o povo.

Não me recordo bem se ele falou e não sou capaz de afirmar se era mesmo o grande Patrocínio.

Havia uma imensa multidão ansiosa, com o olhar preso às janelas do velho casarão. Afinal a lei foi assinada e, num segundo, todos aqueles milhares de pessoas o souberam. A princesa veio à janela. Foi uma ovação: palmas, acenos com lenço, vivas...

Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia. Houve missa campal, no Campo de São Cristóvão. Eu fui também com meu pai; mas pouco me recordo dela, a não ser lembrar-me que, ao assisti-la, me vinha aos olhos a *Primeira missa*, de Vitor Meireles. Era como se o Brasil tivesse sido descoberto outra vez...

Houve o barulho de bandas de músicas, de bombas e girândolas, indispensável aos nossos regozijos; e houve também préstitos cívicos. Anjos despedaçando grilhões, alegrias toscas passaram lentamente pelas ruas. Construíram-se estrados para bailes populares; houve desfile de batalhões escolares e eu me lembro que vi a princesa imperial, na porta da atual Prefeitura, cercada de filhos, assistindo àquela fieira de numerosos soldados desfiar devagar. Devia ser de tarde, ao anoitecer. Ela me parecia loura, muito loura, maternal, com um olhar doce e apiedado. Nunca mais a

vi e o imperador nunca vi, mas me lembro dos seus carros, aqueles enormes carros dourados, puxados por quatro cavalos, com cocheiros montados e um criado à traseira.

Eu tinha então sete anos e o cativo não me impressionava. Não lhe imaginava o horror; não conhecia a sua injustiça. Eu me recordo, nunca conheci uma pessoa escrava. Criado no Rio de Janeiro, na cidade, onde já os escravos rareavam, faltava-me o conhecimento direto da vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos.

Era bom-saber se a alegria que trouxe à cidade a lei da abolição foi geral pelo país. Havia de ser, porque já tinha entrado na consciência de todos a injustiça originária da escravidão. Quando fui para o colégio, um colégio público, à rua do Resende, a alegria entre a criançada era grande. Nós não sabíamos o alcance da lei, mas a alegria ambiente nos tinha tomado. A

professora, Dona Teresa Pimentel do Amaral, uma senhora muito inteligente, a quem muito deve o meu espírito, creio que nos explicou a significação da coisa; mas com aquele feitio mental de criança, só uma coisa me ficou: livre! livre!

Julgava que podíamos fazer tudo que quiséssemos; que dali em diante não havia mais limitação aos propósitos da nossa fantasia.

Parece que essa convicção era geral na meninada, porquanto um colega meu, depois de um castigo, me disse: "Vou dizer a papai que não quero voltar mais ao colégio. Não somos todos livres?" Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis! [...]

São boas essas recordações; elas têm um perfume de saudade e fazem com que sintamos a eternidade do tempo. Oh! O tempo! O inflexível tempo, que como o Amor, é também irmão da Morte, vai ceifando aspirações, tirando presunções, trazendo desalentos, e só nos deixa na uma essa saudade do passado às vezes composta de coisas fúteis, cujo relembrar, porém, traz sempre prazer.

Quanta ambição ele não mata! Primeiro são os sonhos de posição: com os dias e as horas e, a pouco e pouco, a gente vai descendo de ministro a amanuense; depois são os do Amor - oh! como se desce nesses! Os de saber, de erudição, vão caindo até ficarem reduzidos ao bondoso Larousse. Viagens...

E maio volta... Há pelo ar blandícias e afagos; as coisas ligeiras têm mais poesia; os pássaros como que cantam melhor; o verde das encostas é mais macio; um forte flux de vida percorre e anima tudo...

O mês agosto e sagrado pela poesia e pela arte, jungido eternamente à marcha da Terra, volta; e os galhos da nossa alma que tinham sido amputados - os sonhos, enchem-se de brotos muito verdes, de um claro e macio verde de pelúcia, reverdecem mais uma vez, para de novo perderem as folhas, secarem, antes mesmo de chegar o tórrido dezembro. E assim se faz a vida, com desalentos e esperanças, com recordações e saudades, com tolices e coisas sensatas, com baixeiras e grandezas, [...]

**4 de maio de 1911**

### ATIVIDADE

**A partir da leitura da crônica de Lima Barreto reflita sobre as questões abaixo, e responda.**

1. Qual acontecimento histórico o autor retrata na crônica?

---

2. Com qual sentimento o autor descreve o acontecimento narrado na crônica?

---

3. Ao final da crônica o autor parece estar com o mesmo sentimento de felicidade do início da narrativa?

---



---

4. A partir dos estudos realizados em sala, é possível dizer que a abolição da escravatura representou a liberdade total para os escravizados? Explique.

---

---

## APÊNDICE 2

(Atividade desenvolvida na disciplina de história, nas turmas da 3º série do ensino médio e no Ciclo VI do EJA, na ECIT Francisco Marques de Melo, escola estadual da Paraíba)

### ATIVIDADE

Leia os textos abaixo e reflita sobre as questões propostas

#### O analfabeto político - Berthold Brecht

“O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio depende das decisões políticas. O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos que é o político vigarista, pilantra, o corrupto e lacaio dos exploradores do povo”.  
(Berthold Brecht)

Já em um trecho do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, o personagem principal Isaías Caminha, ao se sentir lesado e desrespeitado por um deputado, se revolta contra a classe política. A revolta de Isaías é retratada por ele da seguinte forma:

Patife! Patife! A minha indignação veio encontrar os palestradores no máximo de entusiasmo. O meu ódio, brotando naquele meio de satisfação, ganhou mais força. Num relâmpago, passaram-me pelos olhos todas as misérias que me esperavam, a minha irremediável derrota, a minha queda aos poucos – até onde? Até onde? E ficava assombrado que aquela gente não notasse o meu desespero, não sentisse a minha angústia... Imbecís! Pensei eu. Idiotas que vão pela vida sem examinar, vivendo quase por obrigação, acorrentados às suas misérias como galerianos à calceta! Gente miserável que dá sanção aos deputados, que os respeita e prestigia! Por que não lhe examinam as ações, o que fazem e para que servem? Se o fizessem... Ah! Se o fizessem! (Barreto, 2019, p. 103-104)

#### Agora Reflita!

A partir da leitura do poema *O analfabeto político* e do trecho do romance de Lima Barreto, reflita e responda as questões abaixo:

- e) A participação política é importante em nossa sociedade atual?

---



---

- f) Você se considera um cidadão participante da vida pública? Explique sua resposta.

